



INSTITUTO SUPERIOR  
DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
E POLÍTICAS  
UNIVERSIDADE DE LISBOA

U LISBOA

UNIVERSIDADE  
DE LISBOA

# Diplomacia Digital: A nova estratégia de influência chinesa entre 2013 e 2021

**Márcia Viviana Sousa da Fonseca**

Orientadora: Professora Doutora Maria João Militão Ferreira

Dissertação para obtenção de grau de Mestre em Relações Internacionais

*Lisboa*

*2023*



INSTITUTO SUPERIOR  
DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
E POLÍTICAS  
UNIVERSIDADE DE LISBOA

U LISBOA

UNIVERSIDADE  
DE LISBOA

# Diplomacia digital: A nova estratégia de influência chinesa entre 2013-2021

***Márcia Viviana Sousa da Fonseca***

*Orientadora: Professora Doutora Maria João Militão Ferreira*

Dissertação para obtenção de grau de Mestre em  
Relações Internacionais

Júri:

Presidente:

- Doutora Andreia Mendes Soares e Castro, Professora Auxiliar do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa

Vogais:

- Doutora Maria João Militão Ferreira de Sousa Pereira, Professora Associada com Agregação do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa, na qualidade de Orientadora

- Doutora Tânia Cristina Frazão Moreira Gânito, Professora Auxiliar do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa

*Lisboa*

*2023*

## **Agradecimentos**

Esta dissertação de mestrado foi um misto de emoções: meses de trabalho e, sobretudo, persistência. Fico feliz por ter chegado aqui e sei que aqueles que me têm no seu coração também. E, por isso, quero agradecer, em primeiro lugar, à minha mãe por todo o amor que me deu, por me ensinar a nunca desistir e por ser a minha maior admiradora. À minha irmã Débora e à minha avó Maria que, mesmo longe, estão sempre comigo no coração e me apoiam de todas as maneiras. À Ana Camacho, por estar sempre disponível para uma palavra amiga e para me dizer que “é isto que eles querem para ti”, “tu vais conseguir” e “tu mereces”. Ao meu namorado, Daniel, por, ao longo desta jornada, me ter proporcionado momentos felizes ao redor do mundo e sempre me apoiar e motivar.

Aos meus amigos - Clara Santos, Stephanie Villela e André Rodrigues - que, sem eles, esta jornada não seria a mesma, obrigada pelas gargalhadas, pelas noites de estudo e pelos jantares que partilhámos.

E, por fim, mas não menos importante, um sincero agradecimento ao ISCSP, que foi a minha casa nos últimos anos e que permitiu a realização de um sonho. À minha orientadora, Doutora Maria João Militão, pela gentileza que teve comigo ao longo deste processo e por me mostrar, ao longo das aulas de política externa, o sentimento real de dedicação e paixão. Foi ao lado desta professora que entendi o caminho que gostaria de trilhar para o meu futuro académico e quiçá profissional.

Um obrigada aos entrevistados e a todos os docentes que partilharam o seu conhecimento comigo e contribuíram para o meu desenvolvimento académico.

Obrigada!

## Resumo

As novas tecnologias modificaram a diplomacia pública e, como resultado da evolução da internet e dos novos meios de comunicação, surge a diplomacia digital, definida como uma ferramenta utilizada para alcançar objetivos de política externa.

A dissertação pretende discutir as estratégias de diplomacia digital empregues pela China no período compreendido entre 2013 e 2021 e inicia-se com a seguinte questão de investigação: “quais as principais estratégias utilizadas pela China no campo da diplomacia digital e de que forma tais estratégias são implementadas para influenciar as relações internacionais?”.

Esta investigação procura discutir a diplomacia digital chinesa como uma nova forma de diplomacia. O objeto de estudo desta dissertação é constituído pelas redes sociais, a *Belt and Road Initiative*, a *Digital Silk Road*, o domínio tecnológico (5G) e a diplomacia da saúde, nomeadamente no contexto da mais recente pandemia COVID-19. Destaca-se uma seção sobre os principais benefícios e desafios da diplomacia digital chinesa. As iniciativas apresentadas são consideradas pela autora como as principais estratégias que sustentam a diplomacia digital chinesa, bem como o *soft power* e o *sharp power* chinês.

**Palavras-chave:** Diplomacia digital, China, *Sharp power*, *Soft power*, *Belt and Road*, COVID-19.

## **Abstract**

New technologies have modified public diplomacy and, as a result of the evolution of the internet and new means of communication, digital diplomacy emerges, defined as a tool used to achieve foreign policy objectives. This research seeks to explore Chinese digital diplomacy as a new form of diplomacy. The study focuses on social media, the Belt and Road Initiative, the Digital Silk Road, technological dominance (5G), and health diplomacy, particularly in the context of the recent COVID-19 pandemic. A section on the main benefits and challenges of digital diplomacy and Chinese digital diplomacy is highlighted. The dissertation aims to discuss the digital diplomacy strategies employed by China between 2013 and 2021, and begins with the research question: "What are the main strategies used by China in the field of digital diplomacy, and how are these strategies implemented to empower Chinese influence on the international stage?" The initiatives presented are considered by the author as the main strategies that sustain Chinese digital diplomacy, as well as China's soft power and sharp power.

**Keywords:** Digital diplomacy, China, Sharp power, Soft power, Belt and Road, COVID-19.

## Índice de Tabelas

<b>Tabela 1</b> Matriz de Variáveis de Impacto .....	23
--	----

## Índice de Figuras

<b>Figura 1</b> Aplicações mais baixadas em 2021 .....	30
<b>Figura 2</b> Cronograma da China para o desenvolvimento do 5G .....	34
<b>Figura 3</b> Pesquisa repositório do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.....	79
<b>Figura 4</b> Pesquisa repositório Universidade de Lisboa.....	79
<b>Figura 5</b> Pesquisa repositório da Universidade Nova de Lisboa.....	80
<b>Figura 6</b> Pesquisa repositório da Universidade de Coimbra .....	81

## Índice de Gráficos

<b>Gráfico 1</b> Projeção do impacto económico no país até 2023 (US \$, valores de 2019).....	35
<b>Gráfico 2</b> Número de patentes 5G em 2020 .....	37
<b>Gráfico 3</b> Ajuda chinesa na luta contra o COVID-19: Acordos de cooperação no âmbito da Belt and Road.....	40
<b>Gráfico 4</b> Vacinas chinesas no estrangeiro e mecanismo de cooperação regional.....	42

## **Lista de Acrónimos**

**ACD** – Análise Crítica do Discurso

**ASEAN** – Associação de Nações do Sudeste Asiático

**BRI** – Belt and Road Initiative

**CGTN** – China Global Television Network

**EUA** – Estados Unidos

**OECD** – The Organization for Economic Co-operation and Development

**PCC** – Partido Comunista Chinês

**UE** – União Europeia

**UNICEF** – Fundo das Nações Unidas para a Infância

## Índice

Agradecimentos.....	I
Resumo .....	II
1. Introdução .....	1
2. Revisão da Literatura .....	4
3. Enquadramento Teórico.....	11
3.1. Teoria Construtivista Moderada.....	11
4. Enquadramento Concetual .....	14
4.1. Diplomacia Pública.....	14
4.2. Política Externa .....	16
4.3. Diplomacia Digital.....	16
4.4. Diplomacia da Saúde .....	18
4.5. <i>Soft power</i> .....	19
4.6. <i>Sharp power</i> .....	20
5. Metodologia.....	21
6. A nova estratégia de influência chinesa.....	26
6.1. Redes Sociais.....	28
6.2. 5 G e o domínio tecnológico .....	33
6.3. A Pandemia COVID-19.....	39
6.4. O impacto do COVID-19 na Diplomacia digital chinesa .....	44
6.5. <i>Belt and Road Initiative &amp; Digital Silk Road</i> .....	45
7. Análise do discurso – apresentação e análise dos resultados .....	49
7.1. Classificação lexical .....	50
7.2. Transitividade .....	53
7.3. Processo material .....	53
8. Oportunidades e desafios da diplomacia digital chinesa .....	56
9. Conclusão.....	60

10. Bibliografia.....	64
ANEXOS .....	79
1. Resultado pesquisa repositórios portugueses .....	79
2. Entrevista junho 2021 .....	82
3. Entrevista julho 2021 .....	89
4. Entrevista setembro 2022.....	97
5. Entrevista abril 2023.....	100

## 1. Introdução

A diplomacia digital é um fenómeno crescente no mundo contemporâneo, em que as relações internacionais são cada vez mais moldadas pelo recurso às tecnologias digitais. A diplomacia digital chinesa refere-se à estratégia delineada pelo governo chinês para alcançar os seus objetivos diplomáticos por meios digitais e tecnológicos. É uma estratégia usada para envolver outros países e influenciar a opinião pública global, difundir a sua mensagem e promover a sua imagem, utilizando redes sociais, sites governamentais, aplicativos e outras ferramentas disponíveis, como o *WeChat*, que é usado para comunicação com líderes estrangeiros e divulgação sobre políticas chinesas (Geng, 2016).

A China emergiu como uma potência global em ascensão e conta com uma grande presença online, com valores estimados em mais de 900 milhões de usuários na internet e uma indústria tecnológica em rápida ascensão, algo que o governo chinês tem beneficiado para promover a sua visão do mundo, defender os seus interesses e políticas. A diplomacia digital é caracterizada por uma combinação de abordagens ofensivas e defensivas, que envolvem a promoção de narrativas favoráveis à China, a censura de informações críticas e a utilização de técnicas de manipulação da opinião pública (Huang & Sun, 2014).

Por isso, a diplomacia digital é considerada uma parte importante da política externa chinesa, sendo usada em várias estratégias e planos, como a *Belt and Road* (BRI) e as estratégias de *Soft* e *Sharp power*.

O estudo da diplomacia digital chinesa é um tema relevante no domínio científico das relações internacionais por diversas razões. Em primeiro lugar, pelo facto de a China ser um ator global em ascensão que recorre à diplomacia digital para atingir os seus objetivos de política externa. Como tal, torna-se crucial compreender os seus atores, as principais estratégias e forma como se traduzem no plano internacional. Em segundo lugar, destaca-se a inigualável diplomacia digital chinesa, pois a China tem suas próprias plataformas e redes sociais. Compreender a diplomacia digital é, portanto, crucial para entender de que forma a China utiliza para alcançar o domínio no plano internacional (Seitz et al., 2022; Alves, 2021, ver entrevista em anexo).

O crescente papel da China como potência mundial despertou o meu interesse enquanto estudante de relações internacionais. Fiquei intrigada com a forma como a diplomacia digital chinesa está a ser utilizada para promover os seus interesses e alcançar os objetivos de política

externa, apresentando peculiaridades distintas de outras abordagens. A diplomacia digital chinesa é um fenómeno que começa a chamar a atenção da literatura especializada e, por isso, decidi dedicar a minha dissertação ao seu estudo, com o objetivo de combater esta lacuna e contribuir para uma melhor compreensão das estratégias da diplomacia digital chinesa.

O objetivo desta dissertação de mestrado é analisar as principais estratégias da diplomacia digital chinesa entre 2013 e 2021, incluindo os seus objetivos, estratégias, benefícios e desafios.

A escolha do período temporal 2013-2021 também apresenta relevância para o objeto de estudo. Desde 2013, ano em que Xi Jinping assumiu o poder, a China tem investido cada vez mais na diplomacia digital para promover os seus interesses e projetar a sua imagem no plano internacional, o que tem intensificado a sua presença global. O ano 2021, permitiu introduzir a resposta e o impacto da pandemia COVID-19. Durante este período, a China lançou várias iniciativas no âmbito da diplomacia digital, incluindo a diplomacia da internet, que visa integrar a economia digital com a “economia tradicional”, e a *Belt and Road* que visa expandir a influência económica e política da China em todo o mundo. Além disso, a China estabeleceu novos centros de comunicação estatais em todo o país, designadamente:

- i. *China Global Television Network*, criada em 2016 como parte da iniciativa de comunicação global da China, que é uma rede de televisão estatal que transmite em todo o mundo e em vários idiomas - inglês, espanhol, francês, árabe e russo;
- ii. *Xinhua News Agency*, a agência de notícias estatal chinesa, que expandiu as suas operações, com novos centros de meios de comunicação em Pequim, Nova Iorque, Cairo e Joanesburgo;
- iii. *China Daily*, jornal estatal chinês que já existia, mas expandiu as suas operações com novos escritórios em Washington DC, Londres, Nova Iorque e Hong Kong, e o *People's Daily*, principal jornal do Partido Comunista Chinês (PCC), também aumentou a sua presença global, com escritórios em Nova Iorque, Londres, Moscovo e Tóquio.

Além disso, a China também tem investido em tecnologias de meios de comunicação, como inteligência artificial e 5G, para impulsionar ainda mais a inovação na indústria dos meios de comunicação. A pandemia, que acelerou a necessidade de comunicação e interação internacional online, na qual a China procurou rapidamente destacar-se, afirmando a sua

posição de grande potência global. Também é importante considerar que, durante esse período, a China enfrentou vários desafios na arena global, como a disputa comercial do 5G com os Estados Unidos (EUA), as polêmicas em torno do *TikTok* e, como já mencionado, a pandemia COVID-19. (Yeromiyan, 2022; Romana, 2021, ver entrevista em anexo).

Esta dissertação tem como questão de investigação: “quais são as principais estratégias utilizadas pela China no campo da diplomacia digital e de que forma tais estratégias são implementadas para influenciar as relações internacionais”. Serão desenvolvidos quatro objetivos, nomeadamente:

- i. Relacionar o conceito de diplomacia digital com outros conceitos relevantes, como diplomacia pública, política externa, *soft power*, *sharp power* e diplomacia da saúde;
- ii. Identificar os principais atores envolvidos na diplomacia digital chinesa;
- iii. Identificar as principais estratégias utilizadas pela China na sua diplomacia digital;
- iv. Discutir os benefícios e desafios da diplomacia digital chinesa.

Para alcançar estes objetivos discutimos um conjunto de conceitos fundamentais, designadamente os conceitos de política externa, diplomacia pública, diplomacia digital, diplomacia da saúde, *soft power* e *sharp power*. Tal discussão será complementada com a aplicação da teoria construtivista moderada, que enfatiza a importância das ideias, normas e valores na construção da política externa de um Estado. A teoria construtivista sugere que as interações entre os atores internacionais são moldadas não apenas por fatores materiais, como poder e interesse, mas também por fatores normativos e ideacionais, como identidades e crenças (Theys, 2018).

No caso específico da diplomacia digital chinesa, a teoria construtivista moderada pode ser empregue para debater como a China constrói e projeta a sua imagem internacional por meio de suas estratégias de diplomacia digital. Além disso, foram utilizados métodos qualitativos – entrevistas, análise crítica do discurso (ACD) - e métodos quantitativos para analisar as estratégias da diplomacia digital chinesa, tais como dados estatísticos. Com o objetivo de reforçar a metodologia, a autora realizou uma análise crítica do discurso focada na estratégia *Belt and Road*, tendo como base teórica a teoria da gramática sistémico-funcional de Halliday (Halliday, 1990; Halliday & Matthiessen, 2014).

A diplomacia digital é, neste contexto, considerada fruto da interação dos instrumentos diplomáticos clássicos e da digitalização. Tal interação resulta num novo e relevante instrumento de ação diplomática e de política externa.

## 2. Revisão da Literatura

A diplomacia digital chinesa é um tema ainda pouco explorado na investigação científica. Isso tornou-se evidente com a pesquisa realizada em bases de dados académicas<sup>1</sup>, motores de busca, repositórios online<sup>2</sup>, artigos académicos, livros, onde foram usadas palavras-chave como diplomacia digital, diplomacia digital chinesa, *Chinese digital diplomacy*, *China's digital diplomacy*<sup>3</sup>, diplomacia da internet, diplomacia na era digital, *globalized diplomacy*, nova diplomacia e *e-diplomacy*.

No contexto da diplomacia digital, as interações e comunicações entre os diversos atores são alcançadas de forma mais fácil e rápida. A diplomacia digital constitui uma das estratégias mais importantes num mundo globalizado, caracterizado pela disseminação de ferramentas digitais, como a internet. Tais ferramentas têm um grande impacto em diversos níveis da política internacional, aumentando a relevância das estratégias de comunicação. A diplomacia digital refere-se às atividades de diplomacia realizadas através de meios digitais: redes sociais, plataformas de mensagens instantâneas, sites governamentais e outras tecnologias de informação e comunicação (Bjola & Holmes, 2015).

Como já referido, este é um assunto pouco explorado se comparado com outros campos da diplomacia. Outra evidência é a falta de precisão sobre a sua definição operacional.

Na pesquisa para realização do enquadramento concetual, a autora deparou-se com outros termos, nomeadamente:

- i. *cyber diplomacy*, aplicado a questões de segurança;

---

<sup>1</sup> Scopus, Web of Science, Science direct. e Google Schola, Jstor, outros.

<sup>2</sup> Biblioteca Digital de Teses e Dissertações do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da Universidade de Lisboa, Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da Universidade de Nova Lisboa, Biblioteca Digital de Teses e Dissertações de Coimbra,

<sup>3</sup> Consultar ANEXO 1 – Resultado pesquisa sobre diplomacia digital e diplomacia digital chinesa em alguns repositórios académicos online.

- ii. *e-diplomacy* empregue no campo empresarial e científico;
- iii. *Twitter diplomacy*, exclusivamente utilizado no caso da rede social *Twitter*.

Note-se que alguns destes termos serão contemplados na dissertação.

A diplomacia digital, embora seja uma temática emergente com comprovada capacidade de atuação nas relações internacionais, é pouco explorada. Isso contribui para uma lacuna bastante significativa na literatura, sendo que o atual escopo é também limitado. Todavia, sobressaem alguns estudos relevantes no campo da diplomacia digital.

Bjola e Holmes (2015), fornecem-nos uma análise teórica da diplomacia digital, introduzindo as novas tecnologias e as implicações políticas e sociais. Ao mesmo tempo, os autores exploram os desafios da diplomacia digital, nomeadamente as questões de privacidade e cibersegurança. Numa segunda parte, são apresentados alguns estudos onde são examinados os atores da nova diplomacia - governo, organizações internacionais e diplomatas-, e a forma como recorrem às redes sociais para comunicar e interagir com o público, com a intenção de influenciar e moldar opiniões.

Bjola e Zaiotti (2021) dedicam-se ao estudo das organizações internacionais e como a diplomacia digital as desafia, explorando o uso das tecnologias digitais por diplomatas. Os autores questionam a legitimidade do poder de decisão das organizações internacionais uma vez que esta pode ser influenciada pelas redes sociais *Twitter* e *Facebook*. Salientam ainda as implicações da diplomacia digital para as organizações internacionais e para a política internacional.

À semelhança dos anteriores, Rubio (2011) explora a diplomacia digital no mundo contemporâneo, salientando como as novas tecnologias desempenham um fator crucial para o desenvolvimento das comunicações e relações diplomáticas nas relações internacionais. Ao longo da leitura, compreende-se a relevância da internet e das redes sociais na promoção da diplomacia e o estabelecimento de novas formas de diálogo e comunicação entre países. São também abordados os novos atores e as oportunidades e desafios da diplomacia digital, além da evidência da necessidade de os países adaptarem as suas estratégias políticas e diplomáticas da diplomacia pública para a diplomacia digital.

Tal como Rubio (2011), Hocking e Melissen (2015) abordam o impacto das plataformas digitais na diplomacia digital. Neste relatório, os autores destacam a importância do controle da comunicação digital, bem como a capacidade de adaptação para atender às mudanças.

Enfatizam a importância da liderança do conhecimento e da construção de redes, e o papel crescente e influente das redes sociais na definição das agendas de política externa. Acrescentam que as redes sociais têm a capacidade de criar oportunidades para a diplomacia, permitindo uma comunicação e interação com o público de forma rápida e eficaz. Salientam que a diplomacia digital não deve substituir a diplomacia pública, mas sim complementá-la.

Bassante (2014) destaca as novas formas de comunicação da diplomacia e aprofunda a importância das redes sociais, *Twitter* e o *Facebook*, na diplomacia e nas relações internacionais. Bassante (2014) considera que as redes sociais são "uma porta aberta" para a transparência na diplomacia digital, permitindo que diplomatas tenham uma interação e comunicação diretamente com o público, promovendo uma imagem junto da opinião pública, mais eficaz capaz de beneficiar negociações internacionais. Por outro lado, o autor (Bassante, 2014) aborda os desafios para a diplomacia digital, a questão da privacidade dos dados e a capacidade de proliferação de *fake news*, podem comprometer facilmente a credibilidade e confiança dos atores no sistema internacional.

Almejo (2009) discute a importância da diplomacia digital nas relações internacionais e a capacidade de influência da diplomacia digital tem na forma como os Estados se relacionam e interagem com outros atores. O autor destaca a importância da diplomacia digital como meio de comunicação, os benefícios associados, como o alcance e velocidade da informação e as redes sociais. Considera a diplomacia digital uma ferramenta para a resolução de problemas e reforça, a necessidade de proteger a informação mais sensível e a cibersegurança.

Hanson (2012) explora a diplomacia digital no Departamento dos EUA, debruçando-se sobre a influência na política externa americana. O autor fornece uma visão, sobre a evolução da diplomacia digital e sua implementação. Refere que a diplomacia digital tem sido utilizada em diferentes áreas, como comunicação pública, troca de informações, monitorização e resposta a crises. Hanson (2012) salienta os desafios e a necessidade de superar barreiras culturais e burocráticas, a confidencialidade e segurança, afirmando que a diplomacia digital tem sido eficaz e bem-sucedida na política externa americana.

Adesina (2017) aborda a crescente influência da diplomacia digital no desenvolvimento da política externa examinando o papel fundamental das novas tecnologias para a transição e desenvolvimento da política externa modernizada. A autora destaca a importância das redes sociais, *blogs*, e-mail e outras ferramentas digitais que possam auxiliar a comunicação dos atores no plano internacional, designadamente os governos, organizações e atores não-estatais.

A autora enfatiza a participação cívica dos cidadãos na influência das decisões de política externa e afirma que a diplomacia digital pode ser vista como uma forma de *soft power*, capaz de promover os interesses nacionais de um país, melhorar sua imagem internacional e aumentar sua influência na arena global (Adesina, 2017).

Leach (2013) discute como a diplomacia digital e as mudanças na diplomacia pública, anteriormente baseada em fronteiras geográficas. O autor (Leach, 2013) aborda as novas tecnologias nas relações internacionais, e como isso alterou a dinâmica de comunicação dos governos comunicarem entre si salientando as implicações políticas e sociais e as oportunidades e desafios da diplomacia digital

Reshetnikova (2018) discute o uso da diplomacia digital<sup>4</sup> como uma ferramenta capaz de estabelecer relações multiculturais. A autora (Reshetnikova, 2018) examina a possibilidade do recurso da diplomacia digital para melhorar a comunicação entre diferentes grupos étnicos, apostando que isso pode resultar na diminuição das tensões e promover uma melhor compreensão.

Gilboa (2016) dedica-se ao estudo das novas tecnologias, redes sociais e *blogs*, como ferramentas de comunicação entre os Estados e organizações internacionais e outros atores. O autor (Gilboa, 2016) apresenta as características da diplomacia digital e discute a influência das plataformas sociais na diplomacia e na política internacional. Ao mesmo tempo o autor (Gilboa, 2016) faz uma revisão dos principais desafios e oportunidades da diplomacia digital e desenvolve um estudo caso sobre Israel.

No caso da China, a diplomacia digital foi-se tornando numa ferramenta muito importante para a promoção dos interesses nacionais do país, tanto a nível interno como internacional. Destacando a importância de promover a sua imagem, estratégias, políticas e visão do mundo. Essa promoção é feita através do uso de plataformas digitais, onde a China tem sido capaz de comunicar diretamente com o público internacional, promover a sua agenda política e económica, e defender a sua posição em questões internacionais (Lee, 2021).

---

<sup>4</sup> Neste artigo é usado o termo e-diplomacy.

Apesar da novidade do tema, vários estudos têm explorado a gestão das plataformas digitais chinesas, para comunicar com o público global, promover a sua agenda política e económica, e defender a sua posição em questões internacionais.

Miller (2022) desenvolve um estudo sobre a diplomacia pública chinesa em plataformas digitais. Esse estudo baseou-se na utilização de algoritmos em várias línguas tendo sido analisadas mais de 100 mil mensagens publicadas nos meios de comunicação diplomáticos chineses. Constatando-se pelo número de mensagens por tema que os temas de maior destaque estavam associados aos assuntos de geopolítica, economia e covid.

Micolta (2022) aborda a período de estado de emergência durante a pandemia no desenvolvimento da diplomacia digital na América Latina e Caribe. O autor (Micolta, 2022) fez uma análise de conteúdo das publicações das contas de Twitter de representantes diplomáticos da China na América Latina e Caribe estabelecendo uma comparação com as características da diplomacia e referindo que a pandemia impulsionou o desenvolvimento da diplomacia digital chinesa na América Latina e no Caribe.

As descobertas de Schliebs et al. (2021) sobre a diplomacia chinesa nas redes sociais e a consistência com que as plataformas sociais rotulam as contas de diplomatas chineses sugerem que as operações de diplomacia no *Facebook* e no *Twitter* podem não ser totalmente autênticas. Este estudo (Schliebs et al., 2021) mostra que muitas das contas que de diplomatas chineses nas redes sociais foram suspensas, embora muitas outras continuem a agir como difusoras, *retweetando* dezenas de mensagens diferentes diariamente. Essas descobertas afirmam a capacidade de influência de um ator estatal poderoso como a China (Schliebs et al., 2021).

Alden et al. (2018) aborda a presença da China no *Twitter* através da análise da conta oficial Ministério das Relações Exteriores da China (@MFA\_China) criada em 2018. Neste relatório (Alden et al, 2018) é explorada a capacidade e aumento de presença da China no *Twitter* durante a pandemia, bem como o recurso ao *Hashtag*, que permite aos usuários marcar as suas publicações *#China*, facilitando a existência de uma audiência internacional de consumidores de conteúdos digitais sobre a China.

Huo e Maud (2021) fazem um levantamento da presença da China no *Facebook* e no *Twitter*, fazendo uma breve análise do conteúdo que é partilhado no ciberespaço. Os autores (Huo & Maud, 2021, p. 26) afirmam que a:

diplomacia digital tem como objetivo criar uma influência positiva para a China no Sudeste Asiático, as publicações nas redes sociais estão fortemente alinhadas com as campanhas globais da China sobre questões como as virtudes do governo do PCC, Xinjiang, Hong Kong, as origens da pandemia e a competição com os EUA.

Myers West (2014) explora as atividades das empresas internacionais nas redes sociais e no domínio da diplomacia empresarial, examinando os conflitos entre os atores cooperativos e o governo chinês, e discutindo a noção de soberania.

Repnikova e Chen (2023) fazem uma análise das narrativas das embaixadas chinesa e americana difundidas para o público africano no *Twitter*, tendo como estudo caso o Quênia e a África do Sul. Os autores (Repnikova & Chen, 2023) ressaltam a importância do conceito de *wolf warrior* (“lobo guerreiro”), como uma narrativa particularmente assertiva e construída pela diplomacia digital chinesa.

À semelhança de Repnikova & Chen (2023), também Huang (2021) explora o conceito de *wolf warrior* na diplomacia digital chinesa. Huang (2021) começa por apresentar as origens do conceito, e explicar que o esforço de comunicação da China apresenta uma dimensão simultaneamente *soft* e *sharp* o que permite à China moldar a opinião pública nacional e projetar uma imagem heroica. A imagem do *Wolf warrior* difunde um sentimento nacionalista que fornece mecanismos e condições para o PCC manter o poder dominante na sociedade chinesa e conquistar o poder discursivo no cenário internacional (Huang, 2021). O autor (Huang, 2021) afirma que a crise COVID-19 sofisticou a diplomacia digital chinesa.

Zhang e Oloo Ong’ong’a (2022) exploram o uso do *Facebook*, pela CGTN África (*China Global Television Network*) e BBC África no *Facebook* sob o conceito de diplomacia digital e o recurso do *soft power*.

Uma abordagem diferente é a de Hong e Harwith (2020) que exploram a presença da China no espaço digital assente na história, poder e governança chinesas. Os autores (Hong & Harwith, 2020) discutem o processo de globalização ao estilo chinês, analisando a construção de uma campanha de promoção da comunidade chinesa.

Ding e Panda (2021) editaram uma obra sobre a política externa chinesa na era de Xi Jinping e. Esta obra (Ding & Panda, 2021) é fundamental para compreender a diplomacia digital chinesa contemporânea.

Ao longo da obra discutem-se várias questões, designadamente, as principais medidas de ação da diplomacia digital chinesa, em concreto a *the great firewall*, a censura digital, a lei da cibersegurança, a propaganda e a instrumentalização do *Tiktok* (Cabestan, 2021). Godbole (2021) discute de forma bastante crítica, a futuro do PCC e a transição de Xi Jinping. A evolução do *Made in China 2025*, o *Chinese Dream* e o futuro económico e a rivalidade da China frente aos EUA no decorrer da pandemia foram outros dos temas abordados (Ding & Panda, 2021).

Em geral, a literatura existente sobre diplomacia digital chinesa é centrada no estudo das redes sociais, denotando-se um espaço que justifica a elaboração desta investigação, que aborda diversas estratégias.

### **3. Enquadramento Teórico**

#### **3.1. Teoria Construtivista Moderada**

No estudo das relações internacionais, existem diversas teorias e perspectivas. Nesta dissertação, adotou-se uma perspectiva construtivista moderada, que tem um enorme potencial para os objetivos de pesquisa dada à ênfase que a teoria concede a questões ideacionais e normativas.

As bases teóricas da perspectiva foram lançadas por Wendt (1999) e Adler (1997). Embora o construtivismo social tenha sido introduzido nas relações internacionais por Nicholas Onuf em 1989, foi com Alexander Wendt, no seu artigo *Anarchy is What States Make of It* de 1992, que esta perspectiva se destacou no contexto das teorias internacionalistas.

A teoria construtivista moderada é uma teoria estruturacionista internacionalista que afirma que os Estados são as principais unidades de análise, uma vez que exercem influência normativa nos agentes internacionais, bem como no sistema internacional (Santiago, 2007).

O debate sobre o construtivismo e as suas funcionalidades tem gerado interesse por parte da comunidade académica das relações internacionais. Os autores do construtivismo moderado são reconhecidos pela preferência pela ontologia reflexiva, e afirmam teorizar o meio termo do construtivismo, baseando-se no racionalismo e na reflexão (Hayman, 2008, Soltani, et al., 2014). Geralmente, partilham do interesse por ideias, normas e regras, e/ou fatores socioculturais, como identidade, discurso e linguagem (Wiener, 2009).

Para os construtivistas, a interação internacional do Estado deve ser entendida como um fenómeno social e identitário de longo prazo, baseado em processos de socialização global e de construção de estruturas sistémicas intersubjetivas. Os construtivistas defendem que as prioridades dos Estados são mutáveis e criadas através da sua interação num processo socialmente construído (Adler, 1997; Santiago, 2007).

A visão apresentada por Wendt (1999) é uma versão moderada do construtivismo, ou seja, uma via-média. O autor (Wendt, 1999) procura distanciar-se das formas mais radicais e ideacionais do construtivismo, bem como das teorias racionalistas que priorizam a relevância dos fatores materiais nas relações internacionais. O autor (Wendt, 1999, p. 4) desenvolve dois princípios básicos acerca da teoria construtivista, afirmando que,

(1) as estruturas da associação humana são determinadas principalmente por ideias partilhadas e não por forças materiais, e (2) as identidades e interesses dos atores são construídos por estas ideias partilhadas e não dadas pela natureza. A primeira representa uma ‘abordagem idealista’ da vida social, e na sua ênfase na partilha de ideias é também ‘social’, de uma forma que a tónica oposta ao ponto de vista ‘materialista’ na biologia, na tecnologia, ou no ambiente, não é. A segunda é uma abordagem ‘holística’ ou ‘estruturalista’ devido à sua ênfase nos poderes emergentes das estruturas sociais, o que se opõe à visão ‘individualista’ de que as estruturas sociais são redutíveis aos indivíduos. O construtivismo poderia, portanto, ser visto como uma espécie de ‘idealismo estrutural’ (Wendt, 1999, p. 4).

Adler (1999) defende que o construtivismo é um grande contributo para as relações internacionais, pois invoca uma multiplicidade de métodos interpretativos e que o construtivismo “é uma tentativa, mesmo que tímida, de construção de uma ponte entre as intensamente separadas filosofias da ciência social positivista/materialista e idealista/interpretativa” (Adler, 1999, p. 206).

A evolução e consolidação desta perspectiva permitiram progressos nas relações internacionais. Santiago (2007) argumenta que, de acordo com o construtivismo social, a “estrutura chave do sistema internacional não é material (como a distribuição de poder), mas social e inter-subjectivista” (Santiago, 2007, p. 7).

O construtivismo *per se* não é uma corrente homogénea. No entanto existe a concordância de que o sistema internacional pode ser construído e modificado pelas práticas, identidade e interesses dos sujeitos internacionais, dado que, “o construtivismo pode iluminar características importantes da política internacional que eram antes enigmáticas e tem implicações práticas crucias para a teoria internacional e pesquisas empíricas” (Adler, 1999, p. 206).

Do ponto de vista da epistemologia social e das relações internacionais, os construtivistas abraçam uma perspectiva baseada na interpretação, sendo que apesar de reconhecerem a noção do mundo real acreditam que este é “(...) socialmente emergente, onde as identidades, os interesses e o comportamento dos agentes políticos são construídos por significados, interpretações e pressupostos coletivos sobre o mundo” (Adler, 1999, pp. 208-209)

Uma das questões centrais são os interesses e as identidades dos Estados. Os construtivistas argumentam que os interesses estatais são endógenos e dependem da identidade dos Estados, sendo que estes podem ter múltiplas identidades. Tais identidades são socialmente

construídas na interação com outros atores. As imagens construídas pelos Estados fazem deles rivais, inimigos ou amigos (Santiago, 2007).

As identidades, interesses e comportamento dos agentes políticos são socialmente construídos por interpretações e suposições sobre o mundo, sendo que os construtivistas moderados referem que o ambiente, no qual os agentes interagem entre si, é tanto social quanto material (Adler, 1997). Compreender como os atores desenvolvem os seus interesses é fundamental para refletir os fenómenos no plano internacional. Note-se que os autores neorrealistas e neoliberais, baseados no racionalismo, acreditam que os interesses são determinados exogenamente (Adler, 1997).

As identidades nacionais são uma representação daqueles que são os seus interesses e ações. Nesse sentido, a identidade e os interesses de um Estado pequeno são distintos de um Estado considerado uma potência internacional. Consequentemente, é fundamental que as ações e ou prioridades de um Estado estejam alinhadas com a sua identidade, de forma a conferir representatividade à política externa (Theys, 2018).

A identidade funciona como um vínculo entre as estruturas e os interesses. Hopf (1998) argumenta que as identidades são essenciais, ao cumprirem uma função seja ela qual for. As identidades referem-se a um conjunto particular de interesses ou preferências de escolhas em âmbitos particulares e de atores particulares. Dessa forma, as preferências dos atores e as ações decorrentes estão inteiramente relacionadas com as identidades (Hopf, 1998).

O foco no impacto das normas e identidades, bem como na formação da identidade coletiva, torna o construtivismo moderado atraente para estudar alterações e mudanças. No contexto da diplomacia digital chinesa, esta perspetiva assume relevância dado que a China procura fortalecer laços com outros países, tentando reforçar a sua posição global através da criação de uma imagem positiva e de cooperação.

A teoria construtivista moderada pode ser empregue para analisar a diplomacia digital chinesa, pois oferece uma abordagem teórica que enfatiza a construção social da realidade, as interações e processos sociais, a adaptação a mudanças e dinâmicas complexas, e a compreensão das motivações e intenções dos atores envolvidos. Ao analisar como as crenças, normas e discursos influenciam as ações dos atores chineses na arena digital, é possível obter *insights* mais profundos sobre as motivações e intenções da China na diplomacia digital, como a promoção de seus interesses nacionais e a projeção de sua imagem e influência global. O

construtivismo permite analisar como as representações e práticas comunicacionais da China em relação à diplomacia digital são moldadas socialmente influenciando as suas estratégias, o que permite compreender como a China interage com outros atores e utiliza a diplomacia digital como instrumento de poder e influência (Weldes 1996, Freundlieb, 2019).

De um modo geral, a teoria construtivista moderada oferece uma abordagem teórica que enfatiza a construção social da realidade, as interações e processos sociais, a adaptação a mudanças e dinâmicas complexas, e a compreensão das motivações e intenções dos atores envolvidos (Hopf, 1998).

## **4. Enquadramento Concetual**

Este capítulo tem como objetivo analisar os principais conceitos discutidos no contexto da dissertação, designadamente, os conceitos de diplomacia pública, política externa, diplomacia digital, diplomacia da saúde, *soft power* e *sharp power*.

### **4.1. Diplomacia Pública**

O conceito de diplomacia pública foi introduzido na década de 1960 e corresponde a um importante instrumento de promoção dos interesses dos Estados sendo considerado como um instrumento fundamental da diplomacia contemporânea (Ferreira, 2017). A diplomacia pública pode ser definida como um conjunto de atividades que visam criar um clima positivo com os públicos estrangeiros de forma a facilitar as metas da política externa de cada país (Gilboa, 2008). Neste sentido, a diplomacia diz respeito à expansão da atividade diplomática para além de ambientes restritos, alcançando assim o público mais amplo através da atividade diplomática em diferentes ações, sejam presenciais ou por meios de comunicação, digitais ou analógicos (Bjola & Holmes, 2015).

Num contexto globalizado, a diplomacia pode manifestar-se através de novos meios que facilitam o modo como é conduzida e empodera os efeitos que esta produz nos assuntos internacionais.

Cull (2009, p. 12), define diplomacia como:

(...) os mecanismos que não são os mecanismos de guerra utilizados por um ator internacional para gerir o ambiente internacional. Hoje, este ator pode ser um Estado, uma corporação multinacional, uma organização não governamental, uma organização internacional, uma organização terrorista/organização paramilitar sem Estado ou outro ator no palco mundial (...).

Ao mesmo tempo, Cull (2009, p. 12) faz uma breve distinção entre a diplomacia tradicional e a diplomacia pública, argumentando que:

(...) a diplomacia tradicional é a tentativa de um ator internacional de gerir o ambiente internacional através do envolvimento com outro ator internacional; a diplomacia pública é a tentativa de um ator internacional de gerir o ambiente internacional através do envolvimento com um público estrangeiro.

Na China, o conceito de diplomacia pública é frequentemente utilizado de uma forma ampla, apoiado no conceito de *soft power*, por forma a abordar o público sobre assuntos internos do país (d'Hooghe, 2007). O conceito de diplomacia digital é considerado um estrangeirismo, e por isso na China utiliza-se os conceitos “*dui wai xuan chuan*” (propaganda externa) ou “*wai xuan*” (propaganda interna) (Wang, 2008). A diplomacia é hoje parte integrante da estratégia de política externa chinesa, a China de forma gradual, vindo a envolver novos atores na sua estratégia política. Os seus líderes têm procurado complementar a diplomacia com recurso ao *hard power* e ao *soft power* (Wang, 2008). Têm sido feitos esforços consideráveis para promover uma imagem positiva da China no exterior (Romana, 2021; Alves, 2021; Mendes, 2023, - ver entrevista em anexo; Rudolf, 2022).

A diplomacia contemporânea é, essencialmente, moldada pelas políticas externas dos Estados com maior influência. Tais políticas são mimetizadas e seguidas à escala global. Neste sentido, torna-se relevante estabelecer uma distinção entre diplomacia e política externa.

## **4.2. Política Externa**

No contexto das relações internacionais, a política externa concentra-se na forma como os Estados, e outros atores, conduzem e tomam as suas decisões políticas. Consequentemente, a política externa e a diplomacia estão ligadas entre si, sendo a diplomacia uma ferramenta que impulsiona os Estados a interagir com outros Estados, de uma forma organizada (Hill, 2003).

Hill (2003), define política externa como “um conjunto de relações externas oficiais que são conduzidas por um ator independente nas relações internacionais sendo que na maioria das vezes esse ator é um Estado” (Hill, 2003: p. 5).

A política externa compreende as relações externas que os Estados geram continuamente para coordenar e estabelecer as prioridades dos seus interesses e para projetar os seus valores a uma escala global (Ferreira, 2005).

Em particular, a política externa chinesa vai ao encontro do principal objetivo do seu líder – Xi Jinping - a saber, transformar a China na grande potência no sistema internacional (Alves, 2021). A China possui uma grande capacidade económica e possui uma grande capacidade de influência, sendo que tal capacidade de influência depende de estratégias de comunicação e dos seus objetivos políticos (Guichard & Brunet, 2012; Alves, 2021; Romana, 2021)

Xi introduziu um novo sistema que limita a liderança a um pequeno círculo de conselheiros próximos e a estruturas paralelas que controlam a formulação de políticas e que, na sua maioria, são presididas por Xi ou indivíduos que lhe são leais. No campo da política externa, Xi reduziu o papel do Conselho de Estado e do Ministérios das Relações Externas, o que lhe permite centralizar o poder e influenciar a política externa chinesa (Blackwill & Campbell, 2016).

## **4.3. Diplomacia Digital**

Na nova era, as interações e comunicações entre os diversos Estados são alcançadas de uma forma mais fácil e rápida. A diplomacia digital constitui uma das estratégias mais importantes num mundo globalizado caracterizado pela disseminação de ferramentas digitais, como a internet. Tais ferramentas têm um grande impacto em diversos níveis das relações internacionais aumentando a relevância das estratégias de comunicação política internacional.

Múltiplos conceitos têm sido empregues para definir diferentes ângulos de abordagem da diplomacia digital designadamente os conceitos de:

- iv. *Cyber diplomacy*, aplicada a questões de segurança;
- v. *E-diplomacy* empregue no campo empresarial;
- vi. *Twitter diplomacy*, exclusivamente utilizado no caso da rede social *Twitter*.

Verifica-se, portanto, uma falta de precisão na consensualização sobre uma definição operacional. É importante sublinhar que, no entender de vários autores, a diplomacia digital é um instrumento de política externa capaz de melhorar a eficácia das relações externas de um Estado (Cull, 2009).

Na sua génese, a diplomacia digital visa desenvolver relações mais próximas com outros Estados, de forma pacífica, com o objetivo de promover a cooperação internacional (Adesina, 2017). A emergência da diplomacia digital compreende-se como uma consequência lógica inerente às transformações sociais e políticas globais geradas pelo crescimento das novas tecnologias de informação e comunicação (Hayden, 2012). Para Rashica (2018), a diplomacia digital é um produto da nova diplomacia e uma das principais tendências do século XXI na comunicação diplomática. Segundo Cohen (1998), a diplomacia é a sala das máquinas das relações internacionais, o que reforça a dimensão explicativa fundamental pela qual os Estados articulam entre si os seus objetivos de política externa, por meio do diálogo e negociações, sem recorrer à violência. Vieira (2017) entende a diplomacia digital como um instrumento que amplia o “leque de ferramentas e facilita o contacto entre cidadãos” (Vieira, 2017, p. 6).

Esta dissertação adota a definição de Manor (2019) que sugere que a diplomacia digital é uma prática diplomática cujo objetivo é implementar ações de política externa, com recurso a tecnologias informacionais, no âmbito da comunicação pública global.

Em síntese, a diplomacia digital procura tirar proveito da era digital oferecendo meios que potenciam a gestão de informação (Lee, 2011).

#### 4.4. Diplomacia da Saúde

A diplomacia da saúde, assumiu relevância com a recente pandemia COVID-19, considerada como o maior desafio até aos dias de hoje. A pandemia alastrou-se por todas as regiões do globo fragilizando e perturbando as economias e sistemas de saúde, até dos países mais desenvolvidos (OECD, 2020). Desse modo é importante clarificar este conceito e perceber o seu contexto na diplomacia pública. A Diplomacia da saúde pode ser definida como “o método escolhido de interação entre os intervenientes envolvidos na saúde pública e na política com o objetivo de representação, cooperação, resolução de disputas, melhoria dos sistemas de saúde, e garantia do direito à saúde das populações vulneráveis” (Lee, 2011, p. 2)

A diplomacia da saúde é uma parte importante da política externa que permite aos países expandirem a sua esfera de influência global. Embora a China tenha sido responsabilizada por Donald Trump e a COVID-19 intitulada de “vírus chinês” (Romana, 2021; Mendes, 2022), o país viu a pandemia como uma oportunidade. A pandemia permitiu à China aprofundar as suas relações com os países do Sul global (e não só), nomeadamente na América do Sul (Alves, 2021). Para aprofundar a sua influência, a China empregou o *soft power*, projetando uma imagem de liderança junto de vários países africanos, asiáticos e latino-americanos (Gauttam et al., 2020) e construiu a imagem de um país solidário e capaz de gestos humanitários. A diplomacia digital também ganhou relevo neste contexto, dado que com o recurso às novas tecnologias, a informação foi difundida em tempo real e em grande escala, aproveitando as potencialidades inerentes das plataformas digitais. Embora as plataformas digitais tenham sido eficazes para suprimir a limitação do contacto social, levantaram algumas questões sobre proteção de dados e segurança do utilizador. Contudo, mostraram ser eficientes e uma alternativa durante a pandemia.

Importa salientar que a diplomacia digital chinesa durante pandemia foi desenvolvida por vários atores – governo, autoridades locais, empresas estatais e privadas (Chaziza, 2021). O presidente chinês, marcou desde cedo uma posição de cooperação e solidariedade internacional traduzida na prestação de serviços, no envio de equipamento médico e no fornecimento de bens públicos globais - vacinas a preços acessíveis (Alves, 2021). Essas ações permitiram à China ampliar a sua influência e cooperação em assuntos de saúde internacionais junto das organizações internacionais e regionais, como ASEAN, UNICEF, Banco Mundial, entre outras (Gauttam et al., 2020).

#### 4.5. *Soft power*

O *soft power* é um conceito cunhado por Joseph Nye (2005). Este conceito traduz-se na capacidade de um Estado em alcançar os seus objetivos através da sua atratividade, cultura, ideias, política e diplomacia. Nye (2005) argumenta que o:

*soft power* é mais do que apenas persuasão ou a capacidade de encorajar pessoas pela arte do raciocínio: é também a capacidade de atrair, sendo que a atração frequentemente leva a uma certa submissão; concluindo, *soft power* é um poder de atração (Nye, 2005: p. 6, tradução própria).

O *soft power* é baseado na capacidade, tendencialmente discreta, de persuadir culturas e ideologias. O *soft power* está bastante radicado na estratégia de influência global chinesa, e a sua relevância tem vindo a crescer entre os líderes políticos e a elite. Alves (2021) considera que os principais parâmetros do *soft power* chinês são a cultura e a língua chinesa. Romana (2021), defende que a grande âncora do *soft power* chinês é economia chinesa.

Xi tem investido nos *media* para propagar e divulgar a narrativa global chinesa ao mesmo tempo que procura fortalecer o contacto com a sociedade (Hartig, 2016; Kumar, 2021; Cook, et al, 2022).

Além do investimento feito na propagação da narrativa chinesa, a China tem difundido a sua cultura e a sua língua através dos Institutos Confúcio (Alves, 2021). De acordo com o *Confucian Institute Annual Development Report*, em 2017, existiam 525 Institutos disseminados pelo mundo inteiro e 1113 salas de aula (Confucian Institute Annual Development Report, 2017). Os Institutos Confúcio e organismos associados realizaram cerca de 42.000 eventos culturais com 12,72 milhões de espetadores ao redor do mundo (Mirza et al, 2020).

A estratégia de *soft power* chinesa tem demonstrado ser um sucesso. É visível a influência da cultura chinesa no sudeste asiático e o sucesso económico dos “Dragões Asiáticos” que registaram um impressionante crescimento económico, tornando a cultura chinesa uma fonte de atração e assegurando a posição de liderança da China e da famosa *Belt and Road* (Nye, 2017; Nye, 2018; Alves, 2021).

Alves (2021) defende que o *soft power* não deve ser negligenciado por uma potência como a China, já que o país quer dominar a política internacional, tendo já apresentado provas da sua capacidade. Por outro lado, Romana (2021) garante que a China nunca irá alcançar os EUA devido à incapacidade de formar aliados fortes.

#### 4.6. *Sharp power*

O conceito de *sharp power* foi proposto pelo *International Forum for Democratic Studies* em dezembro de 2017. Este conceito refere-se à capacidade de um regime influenciar as percepções da audiência num país-alvo, a fim de alterar ideias e comportamentos, minando o sistema político e desenvolvendo um consenso que lhe seja favorável, através da manipulação de informação (Shao, 2019). A abordagem do *sharp power* permite analisar regimes que limitam a liberdade de expressão e que distorcem a democracia em ambientes políticos, salvaguardando a influência externa do seu país com o objetivo de “*win hearts and minds*” (Walker & Ludwig, 2017).

Os governos autoritários, designadamente a China, desenvolvem e empregam as suas próprias regras para moldar os interesses nacionais e projetar a sua influência a nível internacional. A China, embora não empregando diretamente a força (*hard power*), usa a manipulação, o tráfico de influências e a intimidação para impor a sua vontade. Esta abordagem tem a vantagem de explorar as assimetrias entre os sistemas democráticos e não democráticos, permitindo que os regimes autoritários limitem a liberdade de expressão e distorçam os ambientes políticos nas democracias protegendo, simultaneamente, seus próprios espaços públicos domésticos dos apelos democráticos vindos do exterior (Walker, 2018).

A China reconhece a potencialidade do *sharp power*, empregando as suas técnicas para promover os seus interesses, manipulando o sistema político e usando a sua política de não interferência para aumentar a sua influência e obter os resultados desejados. A China tem prestado apoio económico transnacional, em programas educativos, intercâmbios, atividades culturais e no desenvolvimento dos meios de comunicação em vários Estados (Amaresh, 2020).

Nye (2018) contribuiu para este conceito, afirmando que o *sharp power* usado no quadro da guerra de informação pode considerar-se uma forma de *hard power*, pois manipula informações intangíveis e coercivas (Shen, 2020; Filho, 2018).

## 5. Metodologia

As opções metodológicas de base da dissertação, e tendo em consideração o objeto de estudo, resultam da articulação entre a metodologia do estudo de caso exploratório e a Análise Crítica do Discurso, em particular, a teoria da gramática sistémico-funcional de Halliday.

Como mencionado, trata-se de um estudo de caso exploratório, um tipo de pesquisa qualitativa que tem como objetivo explorar um fenómeno, embora não com o propósito de chegar a uma solução única e concreta, mas sim evidenciar alguns pontos que permitam novas pesquisas no futuro (Gil, 2002). Gil (2002) refere que as pesquisas exploratórias têm como principais objetivos proporcionar uma maior familiaridade com o problema, com o objetivo de torná-lo mais explícito e concreto ou que permita construir hipóteses (Gil, 2002, p. 41). Nesse sentido a visão de Gil (2002) permite-nos de forma bastante flexível considerar várias estratégias da diplomacia digital chinesa e aprimorar ideias sobre as descobertas feitas.

A Análise Crítica do Discurso é uma abordagem que visa analisar e interpretar o discurso para compreender como as estruturas linguísticas, os discursos e as práticas sociais podem ser empregues para reproduzir ou contestar relações de poder, ideologias e ideias dominantes (Magalhães, Martins & de Melo Resende, 2017).

Ramalho e Resende (2011, p. 12) definem a ACD como “um conjunto de abordagens científicas interdisciplinares para estudos críticos da linguagem como prática social.”

O foco da ACD insere-se no paradigma da gramática sistémico-funcional de Michael Halliday.

A teoria de Halliday (1990) é uma abordagem linguística concebida como um sistema semiótico no qual as escolhas são condicionadas pelas estruturas linguísticas, sendo que estas têm como objetivo explicar o funcionamento da linguagem nos contextos da comunicação.

Os pontos principais que sustentam esta abordagem são: o uso (em relação ao sistema), o significado (em relação à forma) e o social (em relação ao indivíduo). Conceptualmente, e como Halliday e Matthiessen (2004, p. 31) referem, “a análise sistémica revela que a funcionalidade está intrínseca na linguagem, (...) organizada em linhas funcionais.”

Halliday e Matthiessen (2004, p. 172) propõem uma classificação lexical que incorpora um sistema de transitividade da língua para representar experiências que apresentam uma

condição de entrada chamada de experiencial e que permite a análise de processos discursivos de natureza verbal, mental, comportamental, material, existencial ou relacional.

Esta teoria analisa as relações entre a língua e os contextos comunicativos, fornecendo luzes sobre a estrutura e o funcionamento da linguagem em diversas situações.

Como mencionado na introdução, esta dissertação analisa o período temporal de 2013 a 2021. A escolha do período temporal prendeu-se com a liderança de Xi Jinping, que assume o poder em 2013 após ter sido eleito na Assembleia Nacional Popular, o supremo órgão do poder de Estado na China, tendo obtido 99,8 % dos votos (Agência Lusa, 2013; The National People's Congress, CPPCC Annual Sessions 2013, 2013).

Desde cedo, Xi marcou que um dos seus grandes objetivos seria concretizar o famoso *chinese dream*. Em 2013, Xi Jinping afirmou que,

O sonho chinês, afinal, é o sonho do povo. Devemos percebê-lo dependendo de perto das pessoas. Devemos incessantemente trazer benefícios para o povo (The National People's Congress, CPPCC Annual Sessions 2013, 14 março 2013, tradução própria).

Do mesmo modo, a China intensificou a sua presença na política internacional e tem feito esforços para projetar uma imagem de cooperação, desenvolvendo iniciativas e investimento, designadamente no campo da tecnologia de ponta. Todos esses esforços e iniciativas resultam no fortalecimento da diplomacia digital chinesa, justificando o período temporal selecionado.

A dissertação recorreu a fontes bibliográficas primárias e secundárias sobre a diplomacia digital chinesa, tais como jornais online, artigos científicos, obras publicadas, documentos oficiais do governo chinês disponibilizadas por Embaixadas chinesas<sup>5</sup> e pelo Ministério das Relações Exteriores da República Popular da China.

No que concerne às técnicas de recolha e tratamento de dados, e dada a complexidade do estudo, a autora decidiu recorrer a entrevistas semiestruturadas, uma técnica imprescindível para conferir profundidade ao estudo, bem como à análise discursiva de um *corpus* previamente selecionado de documentos.

---

<sup>5</sup> Embaixada da República Popular da China no Iraque.

Foram planeadas dez entrevistas semiestruturadas com o objetivo de captar as perspetivas dos entrevistados sobre a diplomacia digital chinesa. Das dez entrevistas e por motivos alheios à autora, apenas quatro foram elaboradas. As entrevistas tiveram em consideração o conhecimento dos entrevistados sobre diplomacia digital da China e suas estratégias de comunicação política internacional.

No que diz respeito à construção do guião das entrevistas semiestruturadas, este foi elaborado segundo a matriz das variáveis de impacto da diplomacia pública<sup>6</sup> de Ordeix-Rigo & Duarte (2009) onde os indicadores, objetivos e perguntas, foram adaptados pela autora.

**Tabela 1** Matriz de Variáveis de Impacto

Variáveis de Impacto	Indicadores	Objetivos	Perguntas
<b>Familiaridade com o País</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Atores e alvos da diplomacia chinesa</li> <li>• Imagem do país no exterior</li> <li>• Relações diplomáticas</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Compreender a imagem que a China tem no exterior, positiva ou negativa</li> <li>• Perceber se durante a pandemia houve uma melhoria das relações diplomáticas e de que forma isso contribui para a estratégia de influência chinesa.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Qual é a sua opinião sobre a imagem da China no plano internacional?</li> <li>• Qual o impacto da COVID-19 na estratégia de diplomacia chinesa?</li> <li>• Considera que a pandemia melhorou as relações diplomáticas entre a China e os restantes países do globo?</li> </ul>
<b>Apreciação do País</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Desenvolver uma imagem positiva e de cooperação</li> <li>• Implementar estratégias de promoção/desenvolvimento</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Compreender o objetivo da importância da uma imagem positiva e de cooperação</li> <li>• Aferir as principais estratégias e a sua utilidade na estratégia de influência</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Quais considera serem os principais instrumentos e estratégias utilizados pela China para se promover internacionalmente?</li> <li>• Como se traduz /materializa o soft power nestes instrumentos e estratégias?</li> <li>• Quais considera serem os riscos e benefícios destes instrumentos e estratégias?</li> </ul>
<b>Compromisso do País</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Proteger o interesse nacional</li> <li>• Preservar a estabilidade interna</li> <li>• Criar uma imagem positiva e responsável</li> <li>• Promover os valores e identidade no exterior</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Refletir sobre os grandes desígnios</li> <li>• Analisar de uma imagem da China</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• De que forma a China protege o interesse nacional?</li> <li>• Estará a China capaz de liderar e assumir-se como a grande potência mundial, quererá esta assumir essa posição?</li> </ul>

Fonte: Ordeix-Rigo, E. & Duarte, J, 2009, p.552, adaptado pela autora.

A escolha dos entrevistados foi baseada no conhecimento dos entrevistados sobre a China e diplomacia digital. Estas entrevistas permitiram chegar ao entendimento sobre o estudo

---

<sup>6</sup> A matriz das variáveis de impacto da diplomacia pública foi aplicada nesta dissertação para a elaboração do guião das entrevistas semi-estruturadas. Os dados recolhidos pelas entrevistas foram empregues para consolidar a análise desenvolvida ao longo da dissertação.

da diplomacia digital, entendida como uma variante da diplomacia, nas suas diferentes variáveis, designadamente, familiaridade com o país, apreciação do país e compromisso do país (Ordeix-Rigo & Duarte, 2009).

A entrevista realizada a Heitor Romana, Professor Catedrático da Universidade de Lisboa, em junho de 2021 e a entrevista realizada a Jorge Santos Alves, Professor Auxiliar na Universidade Católica Portuguesa de Lisboa e Coordenador do Instituto de Estudos Asiáticos, em julho de 2021, foram realizadas em português, via *Zoom*, com duração aproximada de duas horas. As entrevistas foram gravadas com a permissão dos entrevistados e posteriormente transcritas pela autora.

A entrevista realizada a Nuno Canas Mendes, Professor Associado da Universidade de Lisboa e Presidente do Instituto do Oriente, em setembro de 2022, foi realizada em português, tendo as questões sido enviadas por e-mail.

A entrevista realizada a Sabrina Sotiriu, Especialista em Assuntos Governamentais e Regulatórios e antiga Professora Assistente da Universidade de Ottawa, que tem vindo a dedicar-se ao estudo da diplomacia digital<sup>7</sup>, foi realizada em abril de 2023 em inglês, por e-mail.

Os dados recolhidos nas entrevistas, foram introduzidos pela autora na dissertação, por forma a ilustrar ideias e pensamentos dos entrevistados.

A respeito das limitações da pesquisa, uma das primeiras dificuldades encontradas na presente investigação foi a novidade do objeto de estudo. Embora este seja um desafio, a autora procurou ultrapassar o mesmo recorrendo a diferentes estratégias de recolha de dados.

No sentido de reforçar a metodologia e de diversificar as estratégias de recolha e de tratamento de dados, a autora elaborou uma análise discursiva da *Belt and Road*.

Para a realização da análise discursiva foi constituído um *corpus* discursivo formado por dez documentos. Na seleção do *corpus* foram tidos em consideração os seguintes critérios:

- i. A natureza oficial das fontes;

---

<sup>7</sup> Sabrina Sotiriu integrou parte de um importante contributo para a diplomacia digital, o livro *Digital diplomacy: Theory and practice* de Corneliu Bjola e Marcus Holmes.

ii. O quadro temporal (todos os documentos recolhidos localizam-se no quadro temporal da investigação, ou seja, entre 2013 e 2021);

iii. A natureza temática dos discursos já que todos eles focam questões relacionadas com a *Belt and Road*.

Reunindo os critérios, foram selecionados no total 10 fontes discursivas obtidas através dos sites oficiais: *Ministry of Foreign Affairs of the People's Republic of China*<sup>8</sup> e *Belt and Road Forum for International Cooperation*<sup>9</sup>,

Desse modo apresentamos um *corpus* discursivo composto por 10 documentos, a saber:

1. *Remarks by State Councilor Wang Yi at the Meeting of the Advisory Council of The Belt and Road Forum for International Cooperation (2021);*
2. *Adhering to the Path of Solidarity, Cooperation and Win-win Results --Remarks by H.E. Wang Yi State Councilor and Foreign Minister of the People's Republic of China at the High-level Video Conference on Belt and Road International Cooperation (2020);*
3. *Advancing Global Sustainable Development Through High-quality Belt and Road Cooperation Opening Remarks by Assistant Foreign Minister Zhang Jun at the Seminar on Advancing Sustainable Development Goals with the Belt and Road Cooperation (2019);*
4. *Remarks by H.E. Xi Jinping President of the People's Republic of China at the Press Conference of The Second Belt and Road Forum for International Cooperation (2019);*
5. *Toast by H.E. Xi Jinping President of the People's Republic of China at the Welcoming Banquet of The Second Belt and Road Forum for International Cooperation (2019);*
6. *New Starting Point, New Vision and New Journey Wang Yi on Outcomes of the Second Belt and Road Forum for International Cooperation (BRF) (2019);*
7. *Working Together to Deliver a Brighter Future for Belt and Road Cooperation Keynote Speech by H.E. Xi Jinping President of the People's Republic of China at the Opening Ceremony of the Second Belt and Road Forum for International Cooperation (2017);*
8. *Yang Jiechi on the Belt and Road Initiative and Preparations for the Second Belt and Road Forum for International Cooperation (2019);*
9. *Full text of President Xi's speech at opening of Belt and Road forum (2017);*

---

<sup>8</sup> Consultar: <https://www.fmprc.gov.cn/>

<sup>9</sup> Consultar: <http://2017.beltandroadforum.org/english/index.html>

10. *Building the Belt and Road for win-win development*(2017).

Para analisar o *corpus* discursivo, empregámos a teoria da gramática sistémico-funcional de Halliday.

De referir que a autora não tem conhecimentos de mandarim o que constitui uma limitação do estudo e, em específico, da análise discursiva.

## 6. A nova estratégia de influência chinesa

Alavancada pelo seu desempenho económico, a China impulsionou a sua grande estratégia de influência global, com o objetivo de aumentar a sua presença e influência no plano internacional. Essa nova estratégia de influência começou a manifestar-se em 2013, quando o presidente Xi Jinping assumiu o poder e deu início a uma série de reformas económicas e políticas.

Neste contexto, é importante apresentar a diplomacia digital como método que determina, seleciona, formata, controla, restringe e hierarquiza as informações que respondem aos interesses dos grupos dominantes na sociedade e que sob essa estrutura assumem-se como uma ferramenta de poder que modifica a perceção de opiniões (Estadão, 2021).

Carricho (2013, p. 138) discute a grande estratégia chinesa argumentando que,

a grande estratégia chinesa é mencionada na literatura, pela sua existência efetiva e pela dificuldade que existe em conciliar “(...) a retórica de “desenvolvimento pacífico” e de “mundo harmonioso” com a prática, num sistema internacional que é entendido como anárquico, lockeano e propenso ao conflito (...).

No fundo, a nova estratégia de influência, é uma estratégia orientada para a manutenção do crescimento económico e para a preservação da estabilidade interna, considerando que a estabilidade do sistema internacional é essencial (Carricho, 2013).

Além do evidente interesse em investir na diplomacia digital, nomeadamente nas plataformas digitais e no controlo da informação, uma das principais estratégias chinesas tem sido o investimento feito em países em desenvolvimento através da *Belt and Road*.

A *Belt and Road* é um projeto criado em 2013, que visa conectar a China a países europeus, africanos e asiáticos. O objetivo primário desta iniciativa é desenvolver uma rede de

comércio e investimentos que proporcionem benefícios para a China, simultaneamente, ajudar a impulsionar o desenvolvimento económico desses países. Embora que de forma não tão evidente, esta iniciativa permite à China expandir a sua influência económica a nível global (He, 2022).

Outra estratégia de influência desenvolvida pela China e lançada em 2015, é a *Digital Silk Road*, que se encontra associada à *Belt and Road*. Esta estratégia visa promover a inovação e transformação digital em diversos setores da economia chinesa. Ao mesmo tempo apresenta como objetivos capacitar a população e dar resposta à demanda de uma economia digital em constante evolução (Erie & Streinz, 2021).

Esta iniciativa permite também desenvolver uma maior conectividade digital capaz de dar resposta ao objetivo da *Belt and Road* de conectar a China com a Europa, África e Ásia.

O investimento da China em 5G e outros domínios no digital, são também parte da grande estratégia de influência chinesa, com o objetivo de se tornar líder a nível global e, assim, aumentar sua influência e poder geopolítico. De acordo com o relatório *The Global Economic Impact of 5G: China report (2021)*, a longo prazo, a implementação do 5G marcará o início de um novo ciclo na economia digital chinesa, no qual as novas infraestruturas de dados e comunicações serão utilizadas não somente para estimular o consumo de dados, mas também para se tornarem o principal canal de troca de informações.

A respeito da pandemia, a China desenvolveu e implementou várias estratégias para conter a propagação do vírus, incluindo períodos de quarentena rigorosos, construção de hospitais temporários em tempo recorde, ajuda humanitária e investimentos e acordos comerciais. Essas estratégias foram orientadas por fortes campanhas de propaganda, para destacar a eficácia das estratégias levadas a cabo pelo governo chinês e estabelecer uma presença global mais forte, aumentando a influência geopolítica da China (Hsiao & Yang, 2021; Rudolf, 2021).

As estratégias mencionadas fazem parte da grande estratégia chinesa e serão alvo de reflexão nos pontos seguintes.

## 6.1. Redes Sociais

A diplomacia é um meio importante para promover o *soft power*, projetando os valores, a cultura e as políticas de um determinado país (Nye, 2018). À medida que a tecnologia evolui e se desenvolve, torna-se extraordinariamente importante discutir as redes sociais e a influência que estas desempenham na promoção de valores e ideias. Num mundo desenvolvido e digitalizado, o aparecimento de novos meios de comunicação dá um novo significado à diplomacia (Geng, 2016). A diplomacia digital é nesse sentido, um novo meio, a forma mais eficaz de fazer essa promoção de valores e ideias. As redes sociais, tornaram-se uma importante ferramenta para a promoção e divulgação das agendas políticas. Como Geng refere, “através da sua utilização eficaz (...), podemos promover uma a imagem nacional positiva junto dos povos de outros países e reforçar a compreensão mútua” (Geng, 2016, p. 24). O panorama das redes digitais na China é diferente daquele que é a nossa realidade no ocidente. Embora o *Facebook* e o *Instagram* sejam redes sociais bastante conhecidas no ocidente, nenhuma delas está disponível na China, devido à regulamentação que existe sob “as coisas da internet” (Jiang, 2017; Kliman et al., 2020). Apesar de o *Facebook* ser uma rede social bloqueada na China Kliman, et al., (2020) referem que:

o *Facebook* recebe aproximadamente 5 mil milhões de dólares em compras de publicidade chinesa anualmente, embora apenas uma fração desse valor provenha de meios de comunicação patrocinados pelo Estado (...) também empresas como a *Huawei*, compram publicidade, nos anúncios nas redes sociais e nos media de notícias digitais. (p. 11)

O desenvolvimento desta rede social, mesmo bloqueada na China acaba por ter grande importância para a grande estratégia Chinesa (Geng, 2016, p. 16). A China emprega a publicidade para promover conteúdos produzidos nos meios de comunicação social patrocinados pelo Estado e algumas empresas privadas. Apesar de uma forte reputação de parcialidade, o governo chinês recorre à publicidade para difundir as suas mensagens junto do maior número possível de consumidores (Kliman, et al, 2020). No fundo, a China cria estratégias de desinformação para posteriormente publicitá-las no sentido de aumentar a sua difusão e influência no estrangeiro. Como Kliman refere, “(...) a China concentra a maior parte dos seus esforços internamente nas suas próprias redes, nas quais fabrica quase 500 mil milhões de comentários não autênticos pró-governo por ano” (Kliman, et al, 2020, p. 12).

A China detém as suas próprias redes sociais, sendo as mais populares o *WeChat* (*Wēixìn*) que traduzido à letra significa “micromensagem”, o *Weibo* e o *TikTok*. Estas redes sociais são atualmente plataformas de promoção e divulgação da imagem da China.

Com o desenvolvimento da internet e a necessidade de estarmos online e em contacto, a diplomacia digital torna-se cada vez mais atrativa. O aspeto mais importante desta é que o principal objetivo do uso destas plataformas é passar informações e uma imagem positiva e favorável ao público, a fim de proteger os interesses nacionais (Geng, 2016).

O *WeChat* é uma rede social com várias funcionalidades e conta com mais de um bilhão de utilizadores chineses e internacionais (Yeromiyan, 2022).

Além das habituais funcionalidades a que estamos habituados, designadamente fazer chamadas, enviar mensagens, partilhar fotografias e vídeos, o *WeChat* tem algumas funcionalidades que se destacam, nomeadamente:

- i. Pagar contas/serviços;
- ii. Transferir dinheiro;
- iii. Investir em instrumentos financeiros;
- iv. Fazer reservas;
- v. Comprar bilhetes de cinema.

Embora pareça “apenas” uma rede social, o *WeChat* tem uma profunda influência na comunicação entre pessoas. E é visto como uma plataforma da diplomacia, sendo que muitas embaixadas e consulados chineses possuem as suas próprias contas e partilham com o mundo a cultura e os costumes da sociedade chinesa. Geng (2016) afirma que o número de audiências está a crescer, assim como as contas institucionais chinesas estrangeiras. O governo chinês compreende as oportunidades oferecidas pelo *WeChat* no sentido de promover uma imagem positiva da China e o espírito chinês. Alves (2022) refere que a China está a fazer um excelente trabalho na promoção da culturas e valores chineses através do ensino da língua nos Institutos Confúcio, promovendo intercâmbios e desenvolvendo atividades culturais em vários países do mundo.

Note-se que, em 2013, e de acordo com Qin, et al., (2017) existiam na internet:

618 milhões de utilizadores chineses da Internet, o que representava aproximadamente 46% da população chinesa (...) taxa ligeiramente superior à média mundial de 39%. Dos utilizadores chineses na internet, 281 milhões (45%) participaram ativamente em microblogging (Qin et al., 2017, p.120, tradução própria).

Também a rede social *DouYin* conhecida nos países ocidentais como *TikTok* vitalizou em 2018, baseada na partilha de vídeos em formato de curta duração, tem um aspeto particularmente interessante. Em apenas três anos torna-se numa das redes sociais nas utilizadas no mundo inteiro. Koetsier (2021) - figura 1, demonstra que o *TikTok* foi em 2021, a rede social com mais *downloads* - 656 milhões, seguindo-se o *Instagram* – 545 milhões e o *Facebook* – 416 milhões.

**Figura 1** Aplicações mais baixadas em 2021



Fonte: Koetsier, J. (2021, sp).

O *TikTok* gerou algumas polémicas, nomeadamente pelo facto dos EUA, durante a presidência de Donald Trump ter tentado limitar o acesso do aplicativo no mercado americano (Yeromiyán, 2022) alegando que o *TikTok* estaria a recolher informações dos usuários sem permissão dos mesmos e a enviar informações para os servidores na China. A polémica agravou-se com a denúncia de práticas de *shadowbanning*<sup>10</sup>. Quando vídeos publicados por esses “grupos” alcançavam 6 e 10 mil visualizações eram sinalizados como “especiais,” limitando o alcance de visualizações (Fernandes, 2019).

O *TikTok* alegou, todavia, que essas medidas foram tomadas com o objetivo de proteger pessoas com perfis vulneráveis de práticas de *bullying*, dado que segundo as diretrizes da

<sup>10</sup> limitava a visibilidade de publicações de pessoas obesas, com deficiência ou com autismo

empresa a aplicação pode limitar o alcance dos vídeos publicados com base na sua condição física ou mental dos utilizadores (Fernandes, 2019).

Em 2010, surgiram na China os micro blogues, sendo o mais conhecido o *Weibo*. Os micro blogues possibilitam aos utilizadores iniciar discussões e troca de ideias. O *Weibo* acabou por se tornar um meio importante para as organizações chinesas reforçarem o nacionalismo em linha (Liu & Zhou, 2019).

Muitos jornalistas aproveitaram esta rede social, para escrever sobre tópicos censurados nos meios de comunicação social tradicionais. Porém, quando essas publicações veiculavam críticas ao governo ou ao PCC, os autores dessas publicações eram perseguidos ou até mesmo presos. Os seus blogues foram encerrados, sendo este o resultado da aplicação de filtros de pesquisa para impedir publicações com conteúdo político sensível (Branigan, 2012).

Com o aumento de usuários nas plataformas digitais, o governo chinês tomou a iniciativa de implementar restrições como medida de proteção contra a difusão de novas ideias (Branigan, 2012).

A China, conhecida pela grande muralha chinesa, é também conhecida pela forte censura e propaganda na sociedade, sendo que o país possui um dos maiores e mais sofisticados sistemas de filtragem de informação.

Jiang (2017) argumenta que a censura na China desempenha um papel importante na filtragem e controlo das “coisas da internet” e estas envolvem:

(...) a "remoção" e "substituição" que impedem que a informação chegue ao público, bem como “deslocação” e “dispersão” que disseminam uma versão particular para o grande público, de modo que outras perspetivas sejam abafadas (...). (Jiang, 2017, p. 23, tradução própria)

Alinhada à forte censura o governo chinês desenvolveu uma política intitulada de “internet *plus*”, cujo objetivo é promover a adoção de serviços digitais e simultaneamente pressionar os meios de comunicação social a tornar-se parte daquela que é a visão delineada pelo partido a fim de manter a estabilidade social (Schroeder, 2018).

A respeito da propaganda, Brady (2008) argumenta que a propaganda chinesa tem sido bem-sucedida e que favorece a estabilidade política do país, o que nos leva a querer que existe de alguma forma concordância sobre “as vozes que ameaçam”. Na mesma linha, Kliman. et al

(2020) reforçam que os esforços da China têm sido eficazes e têm permitido à China financiar infraestruturas que permitem uma maior vigilância ao mesmo tempo que atuam em várias linhas de censura, como é o exemplo da *Digital Silk Road*, que facilitou a adoção de sistemas de censura digital (Klima et al., 2020).

À medida que a China se continua a afirmar a nível económico, emprega as suas plataformas digitais operando em sincronia com o governo para promover e expandir a sua influência a nível mundial. Isso é um extraordinário exemplo daquilo que pode ser o *sharp power* (Seitz et al., 2022).

Quando falamos em plataformas sociais e em influência é importante falarmos de seguidores e da forma como estes se traduzem maioritariamente na opinião pública. Segundo Huang & Sun (2014):

Estudos têm demonstrado que as pistas geradas pelo sistema podem ser utilizadas para formar impressões ou julgamentos em ambientes online. Por essa razão, seguidores falsos no *Twitter* são usados para alterar perceções de popularidade e influência no *Twitter* e afetar diferentes aspetos da vida pública, como a economia, a política e a sociedade. O *Weibo* mostra o número de seguidores para cada conta na sua página inicial e recomenda que as contas sejam seguidas por outros utilizadores com base na popularidade das contas. O número de seguidores é um indicador da opinião pública (Huang & Sun, 2014, pp. 2-3, tradução própria).

Um dos objetivos da China é moldar a sua imagem no exterior criando representações favoráveis. As plataformas digitais assumem uma relevância fundamental na prossecução de tal objetivo (Seitz et al., 2022). É relevante assinalar que entidades estatais do governo chinês recrutaram influenciadores para partilhar mensagens nas redes sociais durante as Olimpíadas de Pequim destacando os esforços da China no combate as alterações climáticas (Seitz et al., 2022).

Huang & Wang (2021) argumentam que os líderes do PCC, reformularam as suas atividades diplomáticas aquando dos Jogos Olímpicos de Pequim em 2008, designadamente, através da introdução do conceito de “sociedade harmoniosa com desenvolvimento pacífico”.

Com a ascensão das redes sociais e o desejo do presidente chinês em cumprir o *chinese dream*, o Ministério dos Negócios Estrangeiros chinês, inaugurou a sua presença no *Twitter*, respondendo ao líder Xi que encorajou o Ministério dos Negócios Estrangeiros a “encontrar novos conceitos, novas categorias e novas expressões de propaganda que possam ser aceites, tanto pela China como pelos Estados estrangeiros” (Jinping, 2013, p. 2, tradução própria) no digital.

Em síntese, a China tem usado as redes sociais, como parte da sua estratégia de diplomacia digital para promover a sua cultura, os seus interesses políticos e económicos e melhorar a sua imagem no plano internacional.

## **6.2. 5 G e o domínio tecnológico**

A tecnologia 5G representa para a China uma das suas bandeiras nas relações internacionais, designadamente ao nível da construção de infraestruturas capazes de gerar e fortificar a nova economia digital, assegurando a nova geração da internet (Triolo, 2020).

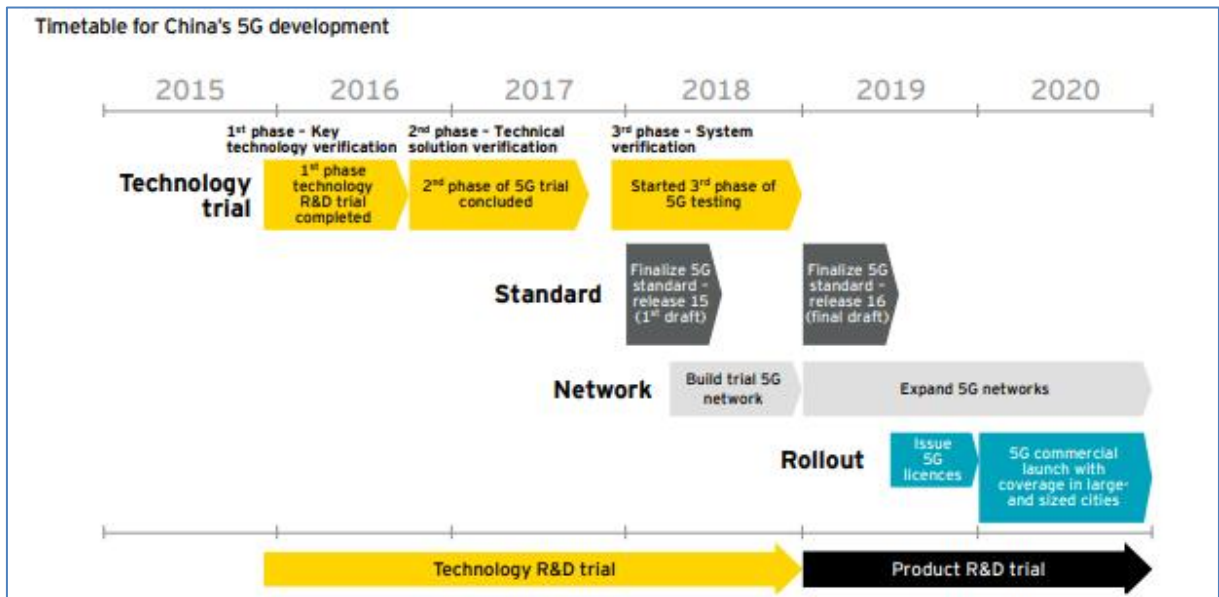
Em 2013, os esforços para garantir o lugar na vanguarda do 5G foram evidentes. O Ministério da Indústria e Tecnologias de Informação, a Comissão Nacional Desenvolvimento e Reforma e Ministério da Ciência e Tecnologia uniram-se e criaram um grupo de promoção, com a finalidade de impulsionar a liderança chinesa do 5G (Triolo, 2020).

Também empresas privadas (*Lenovo, Huawei, Xiaomi, Oppo*, a Universidade de Shangai e a *Beijing University of Posts and Telecommunications*) se uniram para promover o 5G.

O notável investimento e crescimento no domínio tecnológico chinês demonstra a determinação da China em se tornar um líder global no campo digital. Lo e Lee (2018, p. 4) afirmam que “a China está determinada a se tornar um líder global em inovação, com conexões 5G locais que devem representar mais de 40% globalmente até 2025”.

A agenda nacional chinesa para o 5G tem sido delineada desde 2015, sendo 2019 ano do primeiro lançamento comercial do 5G. Podemos observar na figura 3 com maior detalhe o cronograma da China para o desenvolvimento do 5G apresentado por Lo & Lee (2018).

**Figura 2** Cronograma da China para o desenvolvimento do 5G



Fonte: Lo & Lee, 2018, p.7

Segundo Lo e Lee (2018), a ambição chinesa no domínio do 5G:

Foi revelado em 2013, quando o Ministério da Indústria e Tecnologia da Informação, em conjunto com a Comissão Nacional de Desenvolvimento e Reforma e o Ministério da Ciência e Tecnologia, decidiram criar o Grupo de Promoção IMT-2020 (5G) para impulsionar a formulação do padrão 5G em cooperação com a União Europeia (UE), os EUA, o Japão e a Coreia (Lo & Lee, 2018, p. 6, tradução própria).

O 5G representa a chave para a tecnologia emergente, dado ser uma tecnologia ultrarrápida capaz de fomentar estratégias como a *Digital Silk Road*, a respeito a dados de informação. Também no domínio da *Belt and Road*, o 5G é a chave capaz de proporcionar um maior alcance, velocidade, fiabilidade e conectividade necessária para alcançar os seus objetivos (Lele & Roy, 2019). A chave para a liderança da China no 5G é a cooperação entre o governo chinês e as empresas chinesas, sobretudo ao nível do financiamento de projetos (Lo & Lee, 2018, Cave, 2020). No fundo, as empresas chinesas beneficiam de um acesso praticamente ilimitado a capital para investir no desenvolvimento do 5G.

O 5G, que promete revolucionar a internet, é o centro da discórdia entre os EUA e a China. À medida que as novas tecnologias se tornam essenciais para a economia e desenvolvimento global, a China mostra-se cada vez mais empenhada em dominar o mercado global. Isso é visível ao nível da política externa chinesa, com estratégias direcionadas para o desenvolvimento e presença da China em diversos países do sistema internacional (Romana, 2021; Mendes, 2022).

Com o 5G espera-se que a realidade aumentada e a realidade virtual executem tarefas críticas, como cirurgias médicas remotas, controlo de abastecimento de água e fornecimento de eletricidade (Desai, 2022).

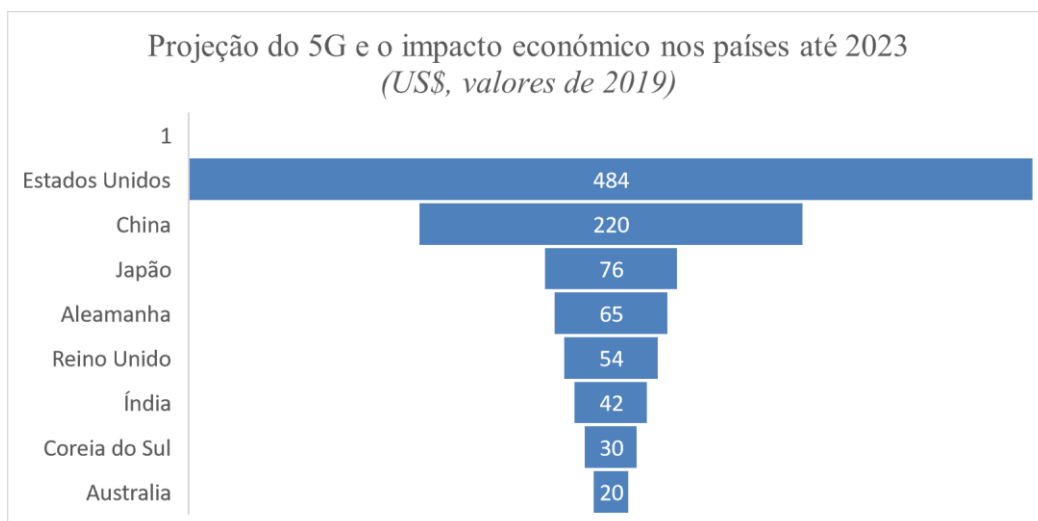
Neste sentido, o 5G não é apenas uma questão técnica, mas sim uma competição entre grandes potências, e que coloca a segurança nacional em equação. A liderança do 5G irá permitir a vantagem e domínio de vários setores no futuro (Desai, 2022).

Todavia, Desai (2022), considera que, no domínio do 5G, a vantagem obtida pela China será limitada por comparação com mercados e taxas de crescimento dos EUA. Segundo Chow et al.,

O 5G será uma parte fundamental do novo ambiente operacional e do conjunto de ferramentas tecnológicas das empresas, mas para aproveitar todo o potencial de produtividade e ganhos de eficiência da tecnologia, será necessário adotar uma abordagem estratégica (Chow et al., 2019, p. 6, tradução própria).

Efetivamente, pode-se constatar no Gráfico 1 que os EUA lideram face à China e que, apesar de ser apenas uma projeção, o impacto económico do 5G é mais evidente nos EUA.

**Gráfico 1** Projeção do impacto económico no país até 2023 (US \$, valores de 2019)



Fonte: Chow, W., Tandetzki, T., & Meakin, R. 2019, p.7, elaboração própria.

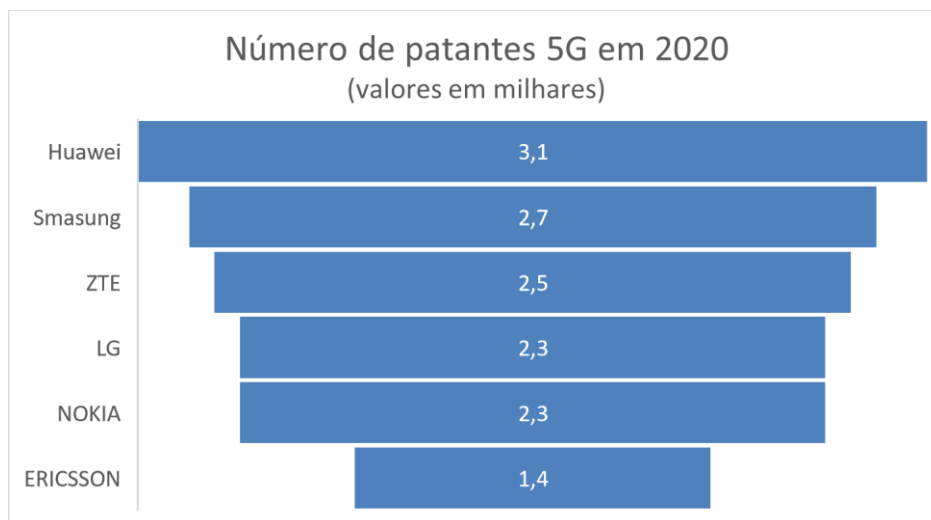
O desenvolvimento e implementação do 5G, ocorre numa fase onde a China se posiciona frente aos EUA e desafia a sua superioridade tecnológica.

Em 2017, as gigantes chinesas *Baidu*, *Alibaba* e *Tencent* investiram fortemente em aplicações de inteligência artificial, vitais para a aplicação do 5G (Triolo, 2020).

Chow, et al. (2019) enumeram alguns setores onde o 5G está projetado para estar presente:

- i) Setor da saúde, sendo o 5G capaz de melhorar a eficiência e produtividade dos hospitais, melhores rastreamentos médicos, e como já mencionado, cirurgias suportadas por esta tecnologia;
- ii) Setor utilização inteligente, que abrange indústria e serviços públicos, com modelos de energia mais económicos e sustentáveis;
- iii) Setor dos serviços, no sentido de aprimorar aplicativos de serviços públicos inteligentes e gerar maior valor económico, através de medidores inteligentes, o que permite uma gestão, mais eficiente na medida que os consumidores tomam decisões mais informadas;
- iv) Consumidores e meios de comunicação social, permitindo experiências de conteúdo de alta qualidade, em movimento e alta velocidade;
- v) Indústria da manufatura, sendo que neste setor as tecnologias digitais são essenciais para a eficiência da produção das cadeias de abastecimento. Note-se que com o 5G não se verificaria a necessidade de equipamentos com cabos, uma vez que poderiam ser substituídos por equipamentos por conectividade (Chow et al., 2019).

Salienta-se que a China é, neste campo, o país com mais patentes para operar a infraestrutura 5G (Bartholomew, 2020; Hong & Harwit, 2020).

**Gráfico 2** Número de patentes 5G em 2020

Fonte: Daxue Consulting, 2020), sp, elaboração própria.

Através do gráfico podemos observar que a *Huawei* é a empresa mais bem posicionada ao nível das patentes do 5G, seguindo-se a Samsung. Considerando as empresas chinesas – *Huawei* e *ZTE*, que ocupa a terceira posição – verificamos que a China é o país que detém a maioria das patentes 5G em 2020.

Third Way (2020) menciona que a estimativa até 2025 é que a China represente um terço dos usuários do mundo, num total de 430 milhões de usuários.

Ilustrando a liderança da China no domínio tecnológico, o 5G pode ser visto como uma abordagem compreensiva e multidimensional. A tecnologia 5G foi incluída praticamente em todos os setores e nos principais planos e estratégias da China, incluindo:

- i. *A Belt and Road*;
- ii. *O Made in China 2025*;
- iii. *A Digital Silk Road*;
- iv. A Estratégia Nacional de Desenvolvimento da Informação que constitui uma vertente da *Digital Silk Road* (Triolo, 2020).

A vantagem que a China detém sobre o 5G permite o acesso a dados privados de bilhões de pessoas, informações essas que podem ser usadas em seu favor, para obter vantagens comerciais nos mercados internacionais, para recrutamento de operações de inteligência ou até mesmo para comprometer figuras políticas (Bartholomew, 2020).

A afirmação da China no 5G permite ao país ultrapassar uma das suas grandes vulnerabilidades, designadamente a dependência da tecnologia estrangeira. Liderando a corrida tecnológica, a China aumenta a sua eficácia de promoção e influência no sistema internacional, investindo, nomeadamente, no registo de patentes protegidas por leis internacionais relativas aos aspetos comerciais dos direitos internacionais de propriedade intelectual (Lo & Lee, 2018). Segundo Tomás (2023),

Jin Jin também afirmou que serão envidados esforços para promover a aplicação industrial do 5G, especialmente na área de manufatura, com planos de construir mais de 10.000 fábricas 5G durante o período de 2021 a 2025 (Tomás, 2023, sp, tradução própria).

O investimento e liderança da China na tecnologia 5G tem um efeito significativo na diplomacia digital, uma vez que esta é fundamental para desenvolver uma forte economia digital e conectividade global. A liderança da China é vista pelo governo chinês como uma forma de aumentar a sua influência no sistema internacional e promover a sua agenda política.

### 6.3. A Pandemia COVID-19

O vírus SARS-COV-2 foi documentado, pela primeira vez, em solo chinês em dezembro de 2019 dando origem a uma das maiores pandemias à escala global. À medida que o vírus se alastrava, os líderes políticos internacionais começaram a questionar as ações da China, como um “líder responsável” (Papageorgiou, 2020).

Apesar de ter sido documentado o primeiro caso de COVID-19 na China, o país tratou a pandemia como uma questão externa. Embora reconhecido como o principal provedor de assistência internacional, no início de 2020, a China recebeu ajuda de pelo menos 58 Estados - Austrália, Bielorrússia, Djibuti, Alemanha, Paquistão, Barém, EUA e Suriname (Rudolf, 2021).

No final de fevereiro de 2020, quando as autoridades atenuaram o surto na China - impondo medidas rigorosas de confinamento em Wuhan, a China rapidamente assumiu o papel de fornecedor de assistência internacional, tendo a maioria dos Estados recebido apoio chinês num período curto (Mendes, 2022).

Em março de 2020 a China,

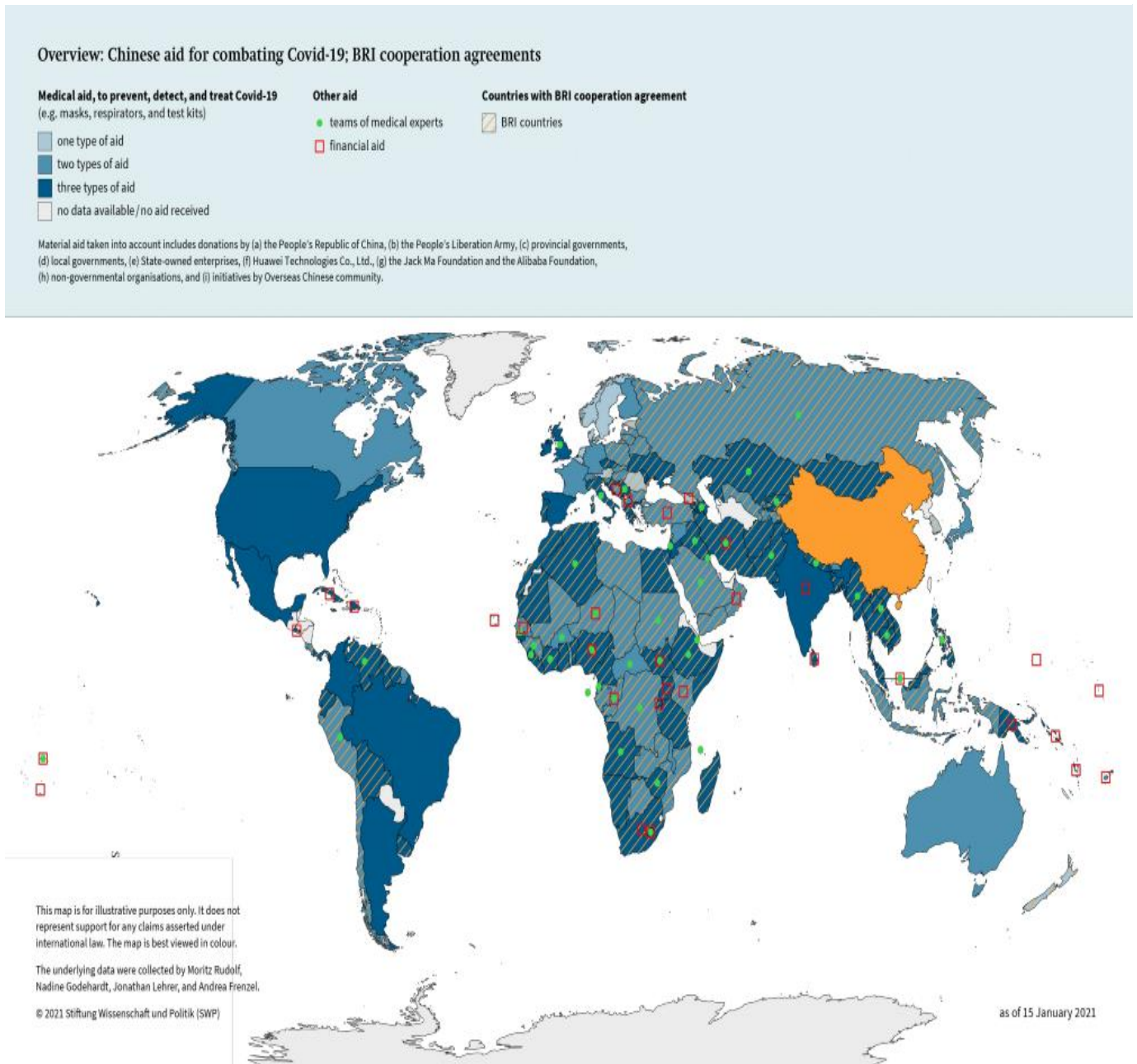
ganhou tração e ocupou um espaço que a lentidão/negação da UE e dos EUA deixou em aberto. Todavia, “o esforço global - e sobretudo a reação dos que tardaram - limitaram a liderança chinesa no combate à pandemia (Mendes, 2022).

A crise provocada pela pandemia tornou-se numa oportunidade sem precedentes para a China reforçar a sua imagem e influência internacional. Não obstante, mesmo antes do início da pandemia, no 19º Congresso do PCC, Xi referiu que a China estava a entrar numa nova era e que este seria um momento crucial para “verem a China a aproximar-se do centro do palco e a dar maiores contribuições à humanidade” (Rolland, 2020, p. 25).

Os fornecimentos de ajuda provinham de uma variedade de intervenientes, tendo frequentemente em conta os interesses estratégicos, nomeadamente económicos e políticos, da China.

Através da *overview* apresentada no Gráfico, podemos verificar a ajuda que a China providenciou em resposta ao combate da COVID-19 e onde foram conciliadas estratégias importantes com a *Belt and Road*, verificando-se de antemão quem foram os países que mais receberam apoios.

### Gráfico 3 Ajuda chinesa na luta contra o COVID-19: Acordos de cooperação no âmbito da *Belt and Road*



Fonte: Rudolf, 2022, p.7.

A China foi o primeiro país a dar resposta aos países em desenvolvimento, nomeadamente ao nível da diplomacia das máscaras (Mendes, 2022; ver entrevista em anexo). Mendes (2022) sublinha a rapidez chinesa na sua resposta à pandemia, sobretudo no Sudeste Asiático e uma China bem-sucedida ao nível da “diplomacia das máscaras”. Todavia, o contrário não se verificou na “diplomacia da vacina”, dado que a China não conseguiu competir

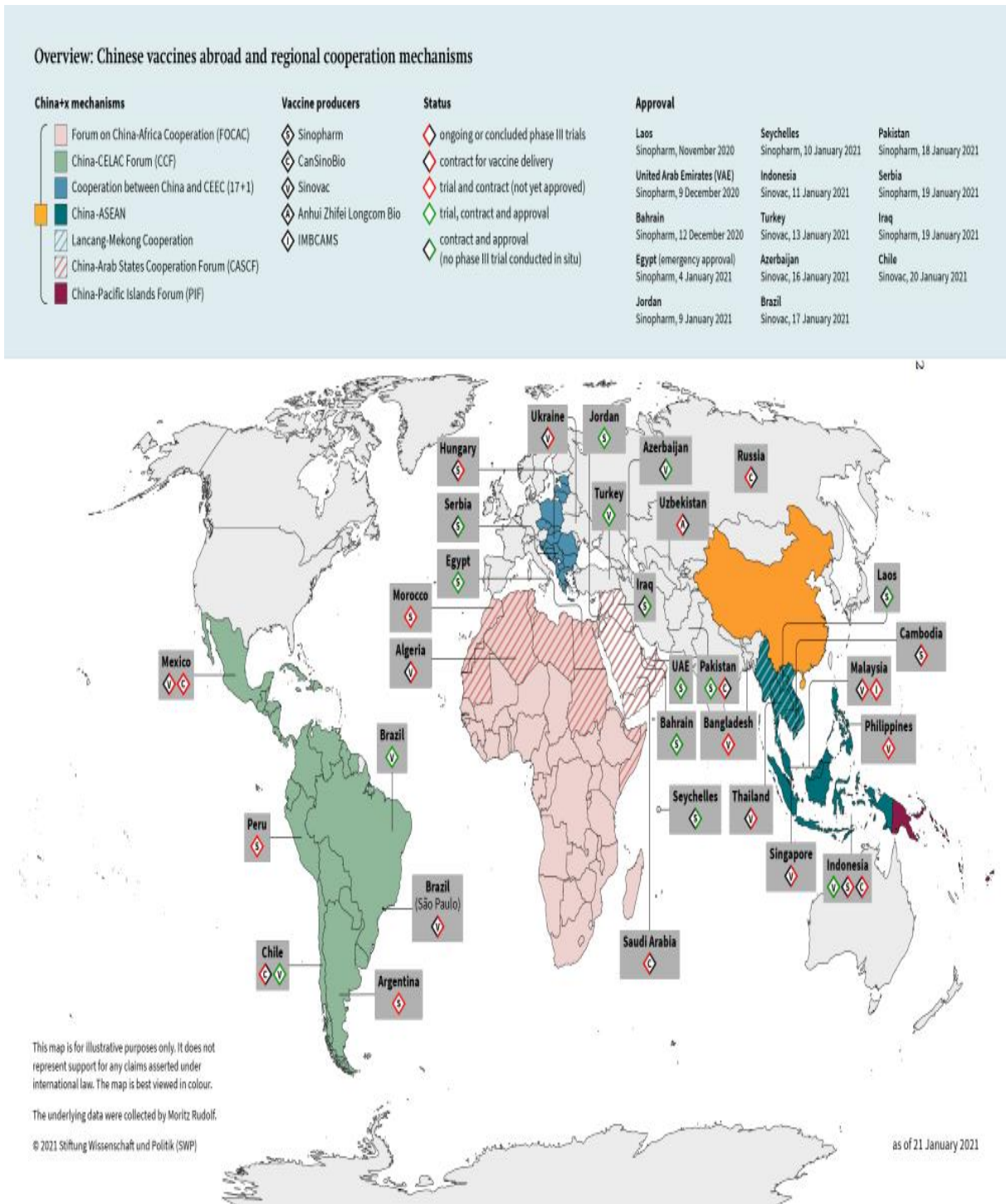
com os EUA e a UE. A prioridade chinesa da velocidade sobre a qualidade gerou, inevitavelmente, preocupações sobre a eficácia e segurança das vacinas chinesas (Bonny et al., 2021).

A diplomacia da vacina desempenhou, no contexto da pandemia, um papel significativo. Rudolf (2021), fornece-nos uma excelente *overview* através do gráfico acerca dos mecanismos de cooperação regional e da diplomacia da vacina.

Apesar da eficiência das vacinas chinesas se mostrar relativamente baixa (Rudolf, 2022), a China liderou no campo da doação das vacinas. Tal facto demonstra a vontade da China em forçar a narrativa de uma “grande potência responsável, imagem positiva e de cooperação” (Romana 2021, Jiechi, 2019).

Segundo Rudolf, “até o final de abril de 2021, a China havia doado cerca de 15,1 milhões de doses, cerca de 56% de todas as doses doadas em todo o mundo.” (Rudolf, 2022, n.p).

**Gráfico 4** Vacinas chinesas no estrangeiro e mecanismo de cooperação regional



Fonte: Rudolf, 2022, p.8

A pandemia veio evidenciar a retórica de Xi sobre a importância da solidariedade tendo, simultaneamente, permitido promover o país como “grande potência responsável” (Rolland, 2020, p.1) A pandemia revelou as capacidades da China para atuar no plano internacional.

No decorrer da pandemia e além das estratégias anteriormente referidas, a China reforçou a cooperação internacional com a finalidade de consolidar a sua imagem, através de mecanismos de *sharp power* promovendo o seu discurso nas plataformas digitais e meios de comunicação estatais e investindo recursos financeiros avultados para melhorar o alcance e qualidade da rede global chinesa no exterior. Esta estratégia permitiu-lhe ter acesso a audiências em diversos países (Kurlantzick, 2020) e impulsionar a comercialização do 5G, crucial para os setores de assistência médica, segurança pública, educação e logística.

Porém, continuou a promover seus conceitos de uma "comunidade de futuro partilhado" e uma "Rota da Seda" centrada na nação chinesa, promovendo a cooperação associada à saúde global (Rudolf, 2022, pp.1-5). A China tentou afirmar-se em organizações internacionais - nomeadamente a Organização Mundial da Saúde, para obter uma maior influência no cenário global (Rolland, 2020; Mendes, 2022). Simultaneamente, a China tentou associar os esforços do combate a pandemia às promessas de desenvolvimento da *Belt and Road*. Contudo, devido a tensões políticas, acabou por perder força (Rudolf, 2022).

Concluindo, as estratégias lançadas pela China contribuíram para melhorar a sua imagem nas relações internacionais e tentaram expor a debilidade do ocidente e das organizações internacionais procurando criar uma vantagem para o “sul global” (Mendes, 2022).

Apesar das tentativas de Donald Trump de estigmatizar a China empregando expressões como o “vírus chinês”, vários autores reconhecem que a China teve sucesso, embora tal sucesso tenha sido mais evidente em algumas estratégias que noutras (Mendes, 2022; Rolland, 2020).

Por outro lado, Rudolf (2021) revela que os estados da Associação de Nações do Sudeste Asiático apesar de reconhecerem a China como um maior fornecedor de ajuda durante a pandemia, consideram que a influencia chinesa na região é desfavorável. Todavia, em África e no Médio Oriente, a China tem uma influência positiva (Rudolf, 2021).

Em síntese, a diplomacia de saúde chinesa concentrou-se, principalmente, nos países em desenvolvimento, onde a estratégia de influência chinesa está particularmente consolidada.

#### **6.4. O impacto do COVID-19 na Diplomacia digital chinesa**

A pandemia teve um impacto significativo na diplomacia digital chinesa, nomeadamente com a crescente influência global da China. Como enunciado anteriormente, a China tem investido do domínio tecnológico, onde incluímos as redes sociais e canais de comunicação. Face a esse investimento, a China aumentou a sua presença no espaço cibernético o que permitiu expandir a sua influência global.

Porém, resultado da pandemia, fronteiras foram fechadas e várias restrições foram aplicadas, em especial para aqueles que procuravam viajar para o exterior. Essas e muitas outras medidas de contenção e restringiram a capacidade da China em realizar encontros presenciais com líderes internacionais e enviar diplomatas para outros países.

Para contornar essas limitações, a China intensificou as suas iniciativas de diplomacia digital, utilizando meios virtuais, como reuniões e conferências online, para manter o seu empenho diplomático com outras nações (Scott, 2020). A China utilizou as suas redes sociais para difundir informações sobre a pandemia e compartilhar as medidas e esforços utilizados para combater a crise pandémica (Nye, 2020).

Ademais, a China também enfrentou vários desafios na esfera da diplomacia digital durante a pandemia. Países como EUA acusaram a China de utilizar a sua presença online para difundir informações falsas e propaganda relacionadas com a pandemia (Nye, 2020, Oliveira & Fernandes, 2020; Romana, 2022; Mendes, 2023). Além disso, a crise sanitária em torno na pandemia levou a que algumas tensões entre os países se intensificassem, o que pode ter prejudicado a imagem e cooperação diplomática da China (Sotiriu, 2023).

Em síntese, a pandemia teve um impacto significativo na diplomacia digital chinesa, comprovou a relevância das plataformas sociais como um meio de comunicação online, tendo simultaneamente gerado desafios em relação à reputação e cooperação internacionais da China com outras nações (Sotiriu, 2023).

## 6.5. *Belt and Road Initiative & Digital Silk Road*

A *Belt and Road*, é uma estratégia de desenvolvimento que visa estabelecer uma rede eficiente e segura de conexões aéreas, marítimas e terrestres. Esta estratégia pretende revitalizar aquela que foi a rota da seda que, durante séculos, permitiu ligar a China à Europa. De acordo com os líderes chineses, embora esta iniciativa tenha sido lançada pela China, os seus resultados e oportunidades poderiam ser aproveitados por todo o mundo (Lele & Roy, 2019). Segundo Bernard (2020, p. 61),

O A Iniciativa Cinturão e Rota é uma iniciativa de cooperação económica, não uma aliança geopolítica ou militar. É um processo aberto e inclusivo, e não se trata da criação de círculos exclusivos ou de um clube liderado pela China. No centro do programa encontra-se uma rede de "superestradas" da "Nova Rota da Seda", que liga a China a 80 países e a 4,4 mil milhões de pessoas na Ásia, África, Médio Oriente e Europa, através de projetos de infraestrutura avaliados em vários biliões de dólares. Pequim investiu mais de 60 mil milhões de dólares nos países ao longo da rota, enquanto o volume de comércio atingiu 5 biliões de yuan (734,29 mil milhões de dólares)", confirmou Xi no seu discurso, acrescentando que cerca de 200.000 'empregos locais' foram criados nos países da *BRI* (Bernard, 2020, p. 61, tradução própria).

Como é o ponto principal da agenda chinesa de política externa, a *Belt and Road*, contém vários domínios. Rudolf (2022) menciona que os principais domínios são:

- i. Coordenação das políticas intergovernamentais;
- ii. Eliminação dos obstáculos ao comércio;
- iii. Conectividade das infraestruturas;
- iv. Cooperação financeira;
- v. Intercâmbios entre povos (Rudolf, 2022, p.8).

Os avanços da *Belt and Road* são um importante passo no plano interno e nas relações internacionais da China. Esta constitui uma estratégia capaz de incentivar os países que a integram a reforçar a sua cooperação, o que beneficia o desenvolvimento e prosperidade da China, e também de todos que integrem este projeto (Bernard, 2020).

De notar que em pleno século XXI, as redes de conexão sofreram algumas mudanças sendo importante de salientar a questão da conectividade digital. A *Belt and Road* enfatiza isso na sua agenda quando apresenta medidas para o reforço do digital. Ao mesmo tempo, esta estratégia (como referem) está interligada com os temas modernos da paz, desenvolvimento e cooperação (Liang, & Zhang, 2019).

De certa forma, esta estratégia é uma interpretação da ambição de Xi, associada à ideia de desenvolvimento pacífico e à imagem de uma “China amiga e cooperativa”, materializado na doutrina do *Chinese Dream*. Tal doutrina assenta na visão do renascimento da nação, na transformação da China numa potência mundial e sua integração no sistema económico mundial (Lele & Roy, 2019; Alves, 2021; Mendes, 2022).

Essa ideia no fundo enriquece e encoraja o desenvolvimento da China nos países da *Belt and Road*. Segundo Ling e Zhang (2019),

Esta estratégia proporciona à China um novo impulso ao desenvolvimento comum e injetar uma nova vitalidade no desenvolvimento económico mundial, ajudando a economia mundial a alcançar o equilíbrio e a recuperação do crescimento e contribuindo para o desenvolvimento cooperativo de um mundo próspero (Liang, & Zhang, 2019, p.3, tradução própria).

A conectividade que tanto está presente nesta estratégia, é reforçada e complementada por organizações e organismos como a Organização para a Cooperação de Xangai, o Banco Asiático de Investimento em Infraestruturas e o Novo Banco de Desenvolvimento, que atuam sustentando os objetivos chineses. Segundo Lele e Roy (2019):

O Banco Asiático de Investimento concedeu uma linha de crédito de 2,5 mil milhões de USD a *Bharti Airtel*, o maior operador de telecomunicações da Índia (...). A *Bharti Airtel* subcontratou então parte do seu equipamento de rede à *Huawei* e *ZTE*, dando assim um impulso aos mercados externos dos gigantes chineses da Internet (Lele & Roy, 2019, p.18, tradução própria).

Em 2015, a China decidiu expandir as suas ambições e desenvolver *Digital Silk Road*, que é no fundo a “dimensão tecnológica” da *Belt and Road*, que procura melhorar a conectividade digital dos países que fazem parte do projeto, os países beneficiários<sup>11</sup>.

Com o desenvolvimento tecnológico, as tensões entre China e os EUA e a recente pandemia, a *Digital Silk Road* tem recebido mais atenção. No fundo, o objetivo desta estratégia é promover a interconexão digital entre as economias nacionais para facilitar as ligações económicas transnacionais (Erie & Streinz, 2021).

---

<sup>11</sup> Em março de 2022 foram contabilizados 147 países (incluindo a China) como parte da iniciativa. Os países beneficiários são maioritariamente países em desenvolvimento. Em África, a China é o principal financiador/investidor de tecnologia da informação e comunicação. No fundo, a China investe mais em África do que todas as agências multilaterais internacionais (Council on Foreign Relations, 2022)

A componente digital tornou-se uma parte cada vez mais importante dos discursos de Xi sobre a *Belt and Road* tendo este passado a dar mais destaque à economia digital, à inteligência artificial, às cidades inteligentes, entre outros, com o objetivo de construir uma comunidade com um futuro partilhado no digital (Jingxin, 2020).

Xiao & Ding (2023) referem que as principais áreas da *Digital Silk Road* são os seguintes:

i. Infraestrutura digital, designadamente comunicações sem fio 4G/5G, banda larga, cabos submarinos, computação em nuvem, sistemas de vigilância e sistemas de satélite. Note-se que as duas maiores empresas de vigilância chinesa juntos fornecem 60% das câmaras de vigilância do mundo (Xiao & Ding, 2023, p.2).

ii. Cidades inteligentes, nomeadamente ao nível da construção interna e internacional de cidades inteligentes. Kuala Lumpur foi a primeira cidade fora da China a adotar um sistema de cidade inteligente, tecnologias de cidade inteligente e infraestrutura de tecnologia da informação e comunicação promovida por empresas chinesas (Xiao & Ding, 2023, p.2).

iii. Comércio eletrónico além-fronteiras: a China lidera ao nível do comércio digital tendo estabelecido mecanismos bilaterais de cooperação em comércio eletrónico com mais de 20 países dos cinco continentes salienta-se que as exportações de comércio eletrónico transfronteiriço da China no primeiro trimestre de 2022 cresceram 92,7% ano a ano (Xiao & Ding, 2023, p.2).

Embora visto como uma parte da *Belt and Road* a *Digital Silk Road* encaixa naquela que é a ambição da chinesa de alcançar a liderança tecnológica, construindo e oferecendo mais ecossistemas digitais para os países da *Belt and Road*.

A *Digital Silk Road* é impulsionada pela globalização das empresas de telecomunicações e comércio digital da China. Esta forma de globalização transformou a China no epicentro de uma nova economia digital global assente na construção de infraestruturas digitais para o desenvolvimento (Erie & Streinz, 2021).

He (2022) argumenta que o presidente,

está a promover a conectividade normalizada como uma componente importante da BRI a sua proposta emblemática de política externa, para servir o ambicioso objetivo de ligar a África, a Ásia, Europa e países de todo o mundo (He, 2022, p. 2, tradução própria).

Oreglia, et al (2021) referem que não se trata apenas de fornecer suporte para uma internet mais rápida em zonas mais “desfavorecidas”, mas também de disponibilizar serviços.

A China como principal motor da *Belt and Road*, procura investir de forma a melhorar a conectividade digital e as relações com os restantes países assumindo-se como uma potência mundial (Ghiassy & Krishnamurthy, 2021; Council on Foreign Relations, 2022).

Segundo Nedopil (2022) entre 2013 e 2021 as regiões onde a China mais investiu foram:

- i. Leste da Ásia (26%)
- ii. Ásia Ocidental (21%)
- iii. África Subsaariana (21%)
- iv. Mundo Árabe e Médio Oriente (14%)
- v. Europa (8%)
- vi. América do Sul (7%)
- vii. América do Norte (1%)

A China está a fazer progressos significativos na comunicação digital e, especificamente, em campos como a comunicação, tecnologias, física quântica e inteligência artificial (Lele & Roy, 2019). O objetivo é contrabalançar a ordem digital centrada nos EUA e impulsionar a China em novos mercados. A China tem conseguido prosperar com as redes sociais, o 5G, a inteligência artificial, a ação no seio da Associação de Nações do Sudeste Asiático, o *Made in China 2025*, entre outras iniciativas, fortalecendo a conectividade digital mundial da China com o resto do mundo (Ghiassy & Krishnamurthy, 2021). Segundo He (2022),

Xi Jinping está a promover a conectividade padrão como um importante componente da *BRI* a sua proposta de assinatura de política externa, para servir o ambicioso objetivo de conectar África, Ásia, Europa e países em todo o mundo. (He, 2022, p.2, tradução própria).

A diplomacia digital chinesa é, crucial para assegurar o sucesso destas estratégias, particularmente ao nível da expansão de influência e promoção de imagem da China e da criação de uma rede de comunicação e conexão digital.

## 7. Análise do discurso – apresentação e análise dos resultados

A Análise Crítica do Discurso surge no final da década de 1980 a partir do trabalho de autores como Fairclough, Van Dijk, Wodak, Kress e Van Leeuwen (Van Leeuwen, 2006). A ACD tem um foco significativamente interdisciplinar. Como um ramo da análise discursiva, a ACD oferece uma inovadora perspectiva, que nos permite ver na linguagem uma prática social e explorar os fatores associados.

Nesse sentido, a autora aplicou a ACD ao estudo das práticas retóricas desenvolvidas pela China no domínio da promoção das suas estratégias de comunicação política internacional, designadamente a *Belt and Road*.

A Teoria de Halliday tem como premissa compreender como os atores comunicam em diversos contextos, sendo as principais dimensões de análise: o uso da linguagem [classificação lexical], o significado da linguagem [transitividade] e o seu contexto social [processo] (Halliday e Matthiessen, 2004).

Halliday considera a linguagem um sistema que descreve como as palavras se organizam para criar significado, destacando três funções: “ideacional (experimental e lógico), interpessoal (para sugerir que é interativo e pessoal) e textual (textos)” (Halliday e Matthiessen, 2004, pp.30-31).

A dimensão semiótica da linguagem evidencia o contexto discursivo analisando as estruturas e as intenções do orador, bem como a influência das palavras e interpretação da audiência.

Foi constituído um *corpus* composto por 10 discursos, previamente descritos, tendo tal *corpus* sido analisado através do recurso à teoria da gramática sistémico-funcional de Halliday. Nesse sentido, a primeira fase da análise discursiva será constituída pela classificação lexical, seguindo-se a transitividade e o processo material.

## 7.1. Classificação lexical

A escolha lexical é uma especto do discurso em que opiniões ocultas ou ideologias podem surgir. O conceito de ideologia tem sido apresentado de diferentes formas. Segundo Riyono, Emzir, & Lustyantie (2018), a ideologia refere-se à forma como pensamos, falamos ou argumentamos.

No que diz respeito à classificação lexical, a autora recolheu do *corpus* referências à *Belt and Road* e à forma como esta iniciativa é representada linguisticamente. Salientam-se os seguintes resultados:

- “*Construindo o Cinturão e Rota para um desenvolvimento ganha-ganha.*” (Building the Belt and Road for win-win development, 2017: sp)
- “*Xi Jinping apresentou a Iniciativa do Cinturão e Rota para aumentar a complementaridade e a sinergia das estratégias de desenvolvimento e promover o progresso comum dos países participantes por meio de uma cooperação internacional mais próxima.*” (Building the Belt and Road for win-win development, 2017: sp)
- “*A Iniciativa do Cinturão e Rota foi proposta pela China. No entanto, não será um espetáculo individual da China (...) uma sinfonia executada por uma orquestra composta por todos os países participantes.*” (Building the Belt and Road for win-win development, 2017: sp)
- “*Esta Iniciativa pretende ser um grande bem público internacional que beneficie todos os países.*” (Building the Belt and Road for win-win development, 2017: np)
- “*BRI visa melhorar a conectividade e a cooperação prática.*” (Xi, Jinping, 2017: sp)
- “*Cooperação do Cinturão e Rota (...) crescimento económico global, produziu novas plataformas para o comércio e investimento internacional e ofereceu novas maneiras de melhorar a governança económica global.*” (Xi, Jinping, 2017: sp)
- “*A Iniciativa do Cinturão e Rota é um importante canal para intensificar a cooperação internacional (...) abraçada e promovida por todas as partes. (...) gerando novas oportunidades de desenvolvimento para melhorar a vida das pessoas. (...) trazendo benefícios para o mundo inteiro.*” (Building the Belt and Road for win-win development, 2017: sp)
- “*Promover conjuntamente uma cooperação de alta qualidade do Cinturão e Rota.*” (Jiechi, Yang, 2019: sp)

- *“Juntos, criaremos um futuro ainda mais brilhante para a **cooperação do Cinturão e Rota.**”* (Xi, Jinping, 2017: sp)
- *“**O Cinturão e Rota** não é um clube exclusivo; tem como objetivo promover o desenvolvimento verde.”* (Xi, Jinping, 2017: sp)
- *“**Fornecer financiamento verde para proteger a Terra que todos chamamos de lar.**”* (Xi, Jinping, 2017: sp)
- *“Foi lançada a **Iniciativa de Pequim** para a Rota da Seda Limpa, que representa nosso **forte compromisso** com a transparência e a governança na procura pela **cooperação do Cinturão e Rota.**”* (Xi, Jinping, 2017: sp)
- *“A **conectividade** é vital para o avanço da **cooperação Belt and Road.**”* (Xi, Jinping, 2017: sp)
- *“A **BRI** é uma importante iniciativa de **cooperação internacional** proposta por Xi Jinping para aprimorar o desenvolvimento da China e a **cooperação com parceiros globais.**”* (Jiechi, Yang, 2019: sp)
- *“Esta iniciativa tornou-se um importante meio para **impulsionar o crescimento global.**”* (Jiechi, Yang, 2019: sp)
- *“A **BRI defende respeito, igualdade, abertura, inclusão e benefício mútuo.**”* (Jiechi, Yang, 2019: sp)
- *“A **BRI oferece uma nova plataforma e novas oportunidades para promover laços mais estreitos entre os países.**”* (Jiechi, Yang, 2019: sp)
- *“A **BRI** é uma nova abordagem nas relações entre Estados, baseada no diálogo em vez do confronto, (...) com ênfase na aprendizagem e no **enriquecimento mútuo.**”* (Jiechi, Yang, 2019: sp)
- *“Em 2013, lancei a iniciativa de construir em conjunto o **Cinturão Económico da Rota da Seda e a Rota da Seda Marítima do Século XXI.** (...) Através de esforços conjuntos (...), desenvolvemos um plano para avançar a **cooperação da Belt and Road** e obtivemos **muitos benefícios.**”* (Xi, Jinping, 2019: sp)
- *“**Todos nós acreditamos que o nosso povo merece um mundo melhor, e a cooperação da Belt and Road tornará o mundo um lugar melhor.**”* (Xi, Jinping, 2019: sp)
- *“**Todos nós queremos tornar a Belt and Road cooperation orientada para o desenvolvimento e todos apoiamos o desenvolvimento global.**”* (Xi, Jinping, 2019: sp)
- *“Compartilhamos a visão de que a **cooperação Belt and Road** criou **oportunidades para a prosperidade comum.**”* (Xi, Jinping, 2019: sp)

- “Este ano foi **extraordinário** na jornada da **cooperação Belt and Road**.” (Yi, Wang, 2021: sp)
- “A essência da **cooperação Belt and Road** é o princípio de consulta e **cooperação para benefícios partilhados** e o espírito de abertura e transparência (...) A **cooperação Belt and Road** pode e deve **tornar-se um excelente exemplo**.” (Yi, Wang, 2020: sp)
- “Estamos prontos para intensificar a **cooperação com os parceiros da Belt and Road em inovação, unir as mãos para promover o comércio eletrônico da Rota da Seda e promover a cooperação em cidades inteligentes e desenvolvimento verde**.” (Yi, Wang, 2020: sp)

Através do *corpus* discursivo, podemos constatar que a *Belt and Road* é em larga maioria ilustrada pelo nome completo - *Belt and Road*, Cinturão e Rota, mas também por *Belt and Road Cooperation*, salvo as vezes que é apresentada em linguagem simples por *BRI*. Em alguns casos, a *Belt and Road* é designada através do seu nome alternativo como a Iniciativa ou a Iniciativa de Pequim. Através da amostra apresentada, a China manifesta e promove com grande entusiasmo esta grande iniciativa que é a *Belt and Road*.

A análise discursiva revela que a *Belt and Road* é representada retoricamente e associada ao desenvolvimento e crescimento económico da China, e como um fator de empoderamento da presença chinesa no mundo.

A China coloca grande ênfase na cooperação e procura detalhar, através de diferentes formas, como a *Belt and Road* impulsiona a procura da prosperidade comum, da inovação, da sustentabilidade, da conectividade e de um mundo melhor.

## 7.2. Transitividade

Na gramática tradicional, a transitividade é normalmente compreendida como uma característica gramatical que indica que, se um verbo tem um objeto direto, é descrito como transitivo, e é chamado de intransitivo se não tiver. Um verbo não transitivo é aquele que tem um objeto direto e um objeto indireto (Nwankwo, 2023). No entanto, Halliday (1990) elaborou um novo conceito de transitividade. Segundo Halliday (1990, p. 65), a transitividade é "o termo linguístico sistêmico para explorar a função ideacional da gramática no nível da proposição."

Existem três componentes que Halliday (1990) chama de "processo de transitividade", designadamente, o próprio processo, os participantes e as circunstâncias associadas ao processo. Em paralelo com as componentes do processo de transitividade, existem seis processos: material, verbal, mental, existencial, relacional e comportamental, onde cada processo é único.

Associada à transitividade, um processo é definido "como a realização simultânea de ideacional, interpessoal e textual" (Halliday, 1990, p. 42).

No caso de estudo selecionado, e após uma análise do *corpus* discursivo, a autora chegou à conclusão de que o processo material é o mais frequente focando-se o discurso chinês nos aspetos materiais da *Belt and Road*.

## 7.3. Processo material

O processo material é um processo que está relacionado com ações, físicas ou eventos, que envolvam movimento ou transformação. O processo material descreve atividades que envolvem um agente, alguém que realize uma ação sobre um paciente, o objeto em que recai a ação praticada (Halliday & Matthiessen, 2014, pp.224–226). A ênfase na representação da *Belt and Road* como um processo transformacional está presente nas seguintes expressões retiradas do *corpus* discursivo:

- "A China **iniciou** esta Conferência de Vídeo de Alto Nível sobre a Cooperação Internacional do Cinturão e Rota." (Yi, Wang, 2020: sp)
- "A nossa confiança em promover a cooperação do Cinturão e Rota e em vencer o vírus." (Yi, Wang, 2020: np)
- "O Presidente Xi **propôs** esta iniciativa em 2013." (Yi, Wang, 2020: sp)

- “O Corredor Económico China-Paquistão está a **avançar** de forma estável.” (Yi, Wang, 2020: sp)
- “Unir esforços para **promover** o comércio eletrónico da Rota da Seda e avançar na cooperação em cidades inteligentes e desenvolvimento verde.” (Yi, Wang, 2020: sp)
- “A China e 31 parceiros (...) **lançaram** em conjunto a Iniciativa para a Parceria do Cinturão e Rota no Desenvolvimento Verde.” (Yi, Wang, 2020: sp)
- “A China tem **dado** um forte **suporte** a outros países na luta contra a COVID-19.” (Yi, Wang, 2020: sp)
- “**Lançámos** os Princípios de Investimento Verde para o Desenvolvimento do Cinturão e Rota.” (Jun, Zhang, 2019: sp)
- “Alguns países têm **proposto** novas iniciativas de cooperação internacional em infraestrutura e quadros económicos regionais.” (Yi, Wang, 2020: sp)
- “Estamos a **promover** a complementaridade entre o plano de desenvolvimento da China e o de países como o Laos, o Camboja, Myanmar, Hungria e outros.” (Jinping, XI, 2017: sp)
- “A China **alcançou** um novo ponto de partida nos seus esforços de desenvolvimento.” (Xi, Jinping, 2017: sp)
- “A China **fornecerá** assistência no valor de 60 bilhões (...) a países em desenvolvimento e organizações internacionais que participem na Iniciativa do Cinturão e Rota.” (Xi, Jinping, 2017: sp)
- “Todos os países interessados são bem-vindos a juntar-se a nós. **Estamos comprometidos** em **apoiar** um desenvolvimento aberto, limpo e verde.” (Xi, Jinping, 2019: sp)
- “**Lançaremos** a Belt and Road Science.” (Xi, Jinping, 2017: sp)
- “**Desenvolvemos** um plano para avançar a cooperação do Cinturão e Rota.” (Xi, Jinping, 2017: sp)
- “A BRI **forneceu** uma nova área para a cooperação internacional e **fortaleceu** a confiança nela.” (Jiechi, Yang, 2019: sp)
- “A BRI **criou** novos impulsos e oportunidades para o crescimento global.” (Jiechi, Yang, 2019: sp)
- “Precisamos alcançar uma cooperação de alto padrão para melhorar a vida das pessoas e **promover** o desenvolvimento sustentável.” (Xi, Jinping, 2019: sp)
- “A Iniciativa do Cinturão e Rota tem como objetivo **promover** o desenvolvimento comum e a cooperação ganha-ganha.” (Construindo o Cinturão e Rota para o desenvolvimento ganha-ganha, 2017)

▪ “O Fórum tem como objetivo **encorajar** todas as partes a defender os propósitos e princípios da Carta das Nações Unidas.” (Construindo o Cinturão e Rota para o desenvolvimento ganha-ganha, 2017)

Através dos exemplos mencionados, podemos verificar que os verbos de ação utilizados nos discursos para descrever as atividades da *Belt and Road* são: promover, encorajar e fornecer.

O verbo de ação promover, está associado em grande parte à economia e aos investimentos da China nesse setor. Contudo, a dimensão da cooperação internacional associada à *Belt and Road* é particularmente enfatizada.

O verbo encorajar, é visto como um verbo positivo, no sentido de transmitir e reforçar a ideia de cooperação.

O verbo fornecer, vai de encontro ao verbo melhorar, no seguimento de cooperação e incentivar a participação de diferentes países nesta iniciativa.

No geral, as práticas discursivas desenvolvidas pelo governo chinês destinam-se a representar positivamente o processo de desenvolvimento e crescimento da *Belt and Road*.

A importância do processo material face à mensagem contribui para a construção e compreensão do seu significado. Os verbos utilizados no *corpus* discursivo demonstram uma imagem positiva e de cooperação, enquanto revelam a aspiração da China de impulsionar o seu *status* e a sua economia global através da *Belt and Road*.

## 8. Oportunidades e desafios da diplomacia digital chinesa

A diplomacia digital é hoje uma prática considerada como um poderoso instrumento diplomático que permite a Estados, mas também a pessoas singulares, empresas multinacionais, organizações intergovernamentais e não-governamentais, tornarem-se embaixadores da sua própria cultura e do seu próprio país (Grincheva, 2012). A sua crescente popularidade permite-nos sugerir que existem vantagens no seu uso, considerando-se importante analisar esses benefícios.

No que concerne às oportunidades e desafios da diplomacia digital, a China apresenta uma série de oportunidades, tais como:

### 1. Aumento de influência e visibilidade internacional

A diplomacia digital permite que a China desenvolva uma comunicação direta com o público estrangeiros ao mesmo tempo que reforça a sua presença online. Tal aumento de influência e visibilidade é vantajoso para a China, uma vez que estamos num mundo cada vez mais conectado no plano digital. A *Belt and Road* foi promovida pela diplomacia digital e aumentou a visibilidade e influência da China.

A China usou a diplomacia digital para promover essa iniciativa, partilhando informações e atualizações sobre o seu progresso através de plataformas digitais, como sites, redes sociais e aplicativos de mensagens (Geng, 2016). Além disso, a China também organizou fóruns e conferências internacionais para discutir a iniciativa e convidou líderes de outros países a participar. Com essa abordagem, a China conseguiu aumentar a visibilidade e a influência global da sua iniciativa, estabelecendo conexões e parcerias com outros países e atraindo investimentos para projetos de infraestrutura e comércio.

### 2. Fortalecimento das relações bilaterais e multilaterais

Com recurso à diplomacia digital, a China pode envolver-se e relacionar-se com outros países de forma mais rápida e eficaz. Uma comunicação rápida e eficaz ajuda a fortalecer as relações bilaterais e multilaterais com outros países e a construir relações de confiança e entendimento mútuo (Gilboa, 2008). O mais recente exemplo da estratégia chinesa de diplomacia digital verificou-se durante a pandemia. Quando a pandemia se começou a alastrar pelo mundo inteiro, a China usou a diplomacia digital para partilhar informações com outros países sobre a situação no país, os procedimentos que estavam a ser implementados para

controlar o surto e as medidas preventivas que poderiam ser adotadas (Rudolf, 2020; (Pengpeng, Fangqi & Qianru, 2022).

Essa comunicação rápida e eficaz ajudou a tranquilizar outros países sobre como poderiam proceder para responder à pandemia. Além disso, a China também ofereceu ajuda a outros países, enviando suprimentos médicos e compartilhando a sua experiência no controle da doença (Alves, 2021; Mendes, 2022). Essa abordagem de cooperação ajudou a construir relações mais fortes entre a China e outros países, mostrando que a diplomacia digital pode ser uma ferramenta poderosa para fortalecer relações bilaterais e multilaterais.

### 3. Promoção da cultura e valores

A diplomacia digital também é um recurso para promover a cultura e os valores chineses em todo o mundo. Através das redes sociais e outras plataformas digitais, a China compartilha notícias e informações sobre a sua cultura, o que ajuda a aumentar a compreensão e apreciação por públicos estrangeiros (Geng, 2016). Destaca-se o Instituto Confúcio, uma organização sem fins lucrativos financiada pelo governo chinês, que oferece cursos de língua e cultura chinesas (Alves, 2021). Além disso, existem programas de intercâmbio cultural patrocinados pelo governo chinês, festivais de arte e cultura em todo o mundo, como o Festival da Primavera, filmes, jornais e rádio que são distribuídos globalmente.

### 4. Gestão da imagem e reputação

A diplomacia digital chinesa também é uma ferramenta importante para a gestão e reputação da imagem da China nas relações internacionais. Através do uso das redes sociais e outras plataformas digitais, a China monitoriza de forma rápida a gestão de notícias negativas ou críticas sobre a China, utilizando tecnologias de inteligência artificial para monitorizar a cobertura das redes sociais internacionais e identificar tendências e problemas emergentes que possam afetar a sua reputação (Geng, 2016). Outro exemplo de gestão de reputação é a maneira como a China tem lidado com a pandemia. A China tentou minimizar os danos da sua imagem ao adotar uma postura agressiva contra a pandemia, fornecendo assistência médica a outros países e partilhando informações sobre o vírus com a comunidade internacional, ajudando a proteger a sua imagem e reputação internacional.

## 5. Fortalecimento económico

A diplomacia digital fortalece a economia chinesa, ao promover o comércio e investimento no estrangeiro. Através do uso das redes sociais e outras plataformas digitais, a China divulga informações sobre os seus produtos e serviços, promovendo a sua marca nas relações internacionais, ajudando a aumentar as oportunidades de negócios, atraindo mais investimento estrangeiro (Lele & Roy, 2019). Um exemplo disso é a *Huawei*, que tem trabalhado para construir uma infraestrutura de telecomunicações em vários países ao redor do mundo e tem sido capaz de promover a sua tecnologia e serviços e fortalecer as suas relações com outros países através da diplomacia digital.

Em resumo, a diplomacia digital chinesa é uma ferramenta importante para a China aumentar a sua presença e influência global, fortalecer as suas relações com outras nações, promover a sua cultura e valores, gerir a sua imagem e reputação internacional e impulsionar a sua economia.

A diplomacia digital chinesa coloca alguns desafios à estratégia chinesa de comunicação política internacional, designadamente:

### 1. Censura da internet

A censura da internet chinesa é uma das mais rigorosas no mundo, limitando o acesso dos cidadãos chineses a informações externas, o *Great Firewall of China* é um sistema de filtragem utilizado pelo governo chinês para controlar o acesso à internet dentro do país. Este sistema basicamente bloqueia sites e conteúdos considerados como ameaças à segurança nacional, nomeadamente sites de notícias independentes, redes sociais, serviços de mensagens instantâneas, sites que promovem a democracia ou a liberdade de expressão, entre outros (Jiang, 2017). O governo chinês tem um grande controlo sobre a internet, monitorizando e filtrando conteúdos considerados sensíveis ou prejudiciais à estabilidade política e social do país. Este aspeto dificulta a capacidade de difusão da mensagem chinesa junto de públicos internacionais (Schroeder, 2018).

Acresce que a China é amplamente criticada por organizações de direitos humanos e pela comunidade internacional, que consideram a censura digital chinesa uma violação à liberdade de expressão e uma ameaça à privacidade e aos direitos humanos. No entanto, o

governo continua a impor a sua política de censura de forma rígida, apoiando-se na justificativa de manter a estabilidade e a segurança do país (Huo & Maude, 2021).

## 2. Controlo governamental

Os meios de comunicação chineses são regulamentados pelo governo, o que significa que as empresas de comunicação, como jornais, revistas, rádio, televisão e media digitais devem seguir com rigor a linha do PCC. Este controlo governamental sobre os meios de comunicação e outras formas de expressão têm implicações significativas para a credibilidade internacional da China (Jiang, 2017). A censura política e digital limita a liberdade de imprensa e a capacidade dos jornalistas de relatarem livremente informações. Isso pode levar à supressão de informações importantes e, em alguns casos, à censura de notícias desfavoráveis ao governo chinês. Esse controlo de informação pode afetar a credibilidade da China em termos de comércio internacional, cooperação internacional e relações diplomáticas. Muitos países e empresas podem hesitar em realizar negócios com a China se defenderem que a China não respeita os direitos humanos e a liberdade de expressão (Freeman & Geeraerts, 2011).

## 3. Oposição internacional e concorrência no digital

A China enfrenta contestação internacional em questões de direitos humanos, política comercial e militarismo o que pode afetar a receção das mensagens da China nos países estrangeiros. No que respeito à concorrencial digital, a diplomacia digital é uma área em rápido crescimento, onde a China compete com outras grandes potências, designadamente os EUA e a Rússia (Yeromiyani, 2022). A China precisa de garantir uma estratégia clara e eficaz para competir com esses países na arena digital.

## 4. Segurança cibernética

A diplomacia digital chinesa enfrenta desafios em relação à segurança cibernética. Uma vez que a diplomacia digital envolve o uso de tecnologia avançada, existe o risco de ataques cibernéticos. A China precisa de garantir que as suas comunicações digitais sejam seguras e protegidas contra *hackers* e outros ataques (Morgan, 2021). Neste campo, a China é acusada frequentemente de se envolver em atividades cibernéticas maliciosas, incluindo *hacking* e espionagem (Kelly, 2017; Holland & Chiacu, 2021). A diplomacia digital chinesa enfrenta alguns desafios precisando de desenvolver uma estratégia eficaz que considere as diferenças culturais e linguísticas e aborde as questões de controlo de informação e segurança cibernética.

## 9. Conclusão

Esta dissertação teve como principal objetivo explorar a diplomacia digital chinesa entre 2013 e 2021.

No que concerne à teoria construtivista, esta constituiu uma mais-valia para a discussão da diplomacia digital chinesa uma vez que possibilita a construção de um quadro teórico abrangente e equilibrado sobre as dinâmicas envolvidas na diplomacia digital, especialmente no contexto das estratégias chinesas de comunicação política internacional. O construtivismo social permite discutir, entre outros fatores, a maneira como a abordagem da regulamentação da internet na China é interpretada por outros atores internacionais e como as narrativas promovidas pela China, através das plataformas digitais e suas infraestruturas, estão alinhadas com os objetivos estratégicos chineses.

De um modo geral, o construtivismo é uma abordagem especialmente relevante no estudo das estratégias comunicacionais digitais desenvolvidas pela China, que utiliza a diplomacia digital como parte integrante de sua política externa.

A respeito da revisão da literatura efetuada, verificou-se que a literatura existente sobre a diplomacia digital chinesa procura focar-se nas redes sociais e realizar estudos de caso ou estudos de comparação.

O conceito de diplomacia digital, sendo um termo novo na linguagem internacionalista, gerou um desacordo na literatura especializada, assente na importância de refletir sobre a associação entre práticas diplomáticas e o universo digital. Para efeitos desta investigação, compreendeu-se a diplomacia digital como uma variante da diplomacia pública e adotou-se o conceito de diplomacia digital proposto por Manor (2019), que sugere que a diplomacia digital traduz o uso de ferramentas digitais na diplomacia com o propósito de alcançar objetivos de política externa

Esta definição foi essencial para compreender as estratégias empregues pela China no âmbito da sua diplomacia digital. Existe um consenso significativo entre a elite chinesa e Xi Jinping de que a soberania digital é uma preocupação que deve ser observada com detalhe, pois deve servir o interesse nacional da China. Como discutido ao longo da dissertação, a política digital chinesa tem aspetos de carácter nacional – intimamente relacionados com a questão da segurança do PCC – e internacional. O objetivo da diplomacia digital chinesa é a transmissão da imagem de uma China cooperativa, pacífica e amiga e leal aos seus valores.

No sistema internacional, a China tem envidado vários esforços para apresentar uma imagem de cooperação, benevolência e harmonia. A diplomacia digital chinesa tenta projetar a representação de uma China de oportunidades, benefícios económicos e um futuro melhor. Para complementar esses esforços, a China tem apostado na inovação digital, destacando a inovação do 5G e o controle das redes sociais como forma de melhorar a segurança do regime, restringindo o fluxo de ideias e tópicos que possam corromper a população chinesa e comprometer o Estado chinês.

A Dissertação tentou atingir um conjunto de objetivos fundamentais. No que tange ao objetivo de “Relacionar o conceito de diplomacia digital com outros conceitos relevantes, como diplomacia pública, política externa, *soft power*, *sharp power* e diplomacia da saúde”, foi possível compreender o grau de ligação entre os conceitos operacionais, mais tarde associados às estratégias da diplomacia digital chinesa.

O contributo notadamente teórico deste trabalho concerne às estratégias utilizadas pela china da diplomacia digital. Nomeadamente, as redes sociais, *Belt and Road* e *Digital Silk Road*, 5G e domínio tecnológico e a estratégias da China na pandemia do coronavírus.

A diplomacia digital é, nos dias de hoje, uma ferramenta importante de comunicação e promoção para os governos e organizações. No caso em particular, a diplomacia digital chinesa, faz uma gestão estratégica para promover a sua imagem e propagar a sua narrativa, daí o importante papel do digital e do investimento feito nas estratégias digitais de comunicação política internacional.

Todas estas estratégias estão inteiramente relacionadas ao objetivo de promover uma imagem positiva e de representar a China como uma grande potência de cooperação, além do evidente facto de todas elas se conectarem, interagirem e fazerem no espaço digital a sua forma de atuação (Romana, 2021).

A China tem feito grandes investimentos para se assumir como grande potência de cooperação (Hartig, 2016), mas também como grande potência tecnológica como se verifica pela análise desenvolvida ao longo da dissertação.

No âmbito do 5G, a China tem avançado no seu desenvolvimento, procurando dominar o mercado e aumentar a sua influência na governança global da Internet.

A pandemia constituiu um momento relevante da diplomacia digital chinesa, tendo sido interpretada como uma oportunidade para reforçar a sua imagem e influência internacional. A China implementou várias estratégias, para responder ao surto do vírus, tentando promover os seus interesses.

No que concerne à *Belt and Road*, embora os seus objetivos mais visíveis sejam económicos, existe uma clara intenção de usar esta estratégia no campo digital, no sentido de aumentar a influência da China nas relações internacionais. Tal intenção é visível ao analisar o discurso de Xi Jinping (2013), sobre a doutrina do *Chinese Dream*, assente na visão do renascimento da nação e na transformação da China numa potência mundial, impulsionada através da sua integração no sistema económico mundial.

Enquanto segunda maior economia do planeta, a China criou, em 2015, a rota da seda digital associada à *Belt and Road* com o objetivo de competir com a ordem digital centrada nos EUA e possibilitar à China a conquista de novos mercados. No domínio digital, a China tem conseguido prosperar e mostrar-se eficaz, fortalecendo a conectividade digital com o resto do mundo e passando uma imagem de cooperação. No fundo, a China procura promover os seus interesses políticos e comerciais, por meio de uma rede de infraestruturas que conecta a Ásia, a Europa e a África. A iniciativa *Digital Silk Road*, por sua vez, visa aumentar a cooperação digital entre a China e outros países, promovendo o desenvolvimento de capacidades digitais e facilitando a troca de tecnologia.

No que concerne a ACD centrada nas práticas discursivas dos líderes chineses sobre a *Belt and Road*, demonstrou-se que a China tenta, através dos seus discursos, projetar uma imagem internacional positiva, associando-a ao desenvolvimento económico, ao trabalho conjunto e à cooperação internacional. Ficou também evidente através da classificação lexical e do processo material, que a China é retoricamente representada pelos seus líderes como um país de prosperidade comum, de inovação, sustentável, de conectividade e promotora de um mundo melhor.

Por último, a investigação analisou as diversas estratégias chave utilizadas pela China no campo da diplomacia digital. Tais estratégias influenciam as relações internacionais e a sua discussão evidenciou a enorme presença online da China e a sua capacidade de disseminar narrativas para uma audiência global. Destacam-se os investimentos em infraestruturas digitais e projetos como a *Belt and Road* e o capital político que estas iniciativas geram e que possibilitam à China afirmar-se enquanto ator global e influenciar as relações internacionais.

Futuras pesquisas devem, entre outros fatores, centrar-se na resposta da opinião pública às estratégias de comunicação internacional digital chinesas, bem como na análise das práticas discursivas internacionais chinesas.

## 10. Bibliografia

Adesina, O. S. (2017). *Foreign policy in an era of digital diplomacy*. *Cogent Social Sciences*, 3(1), 1-14.

Adler, E. (1997). *Seizing the Midiplomacia digitalle Ground: Constructivism in World Affairs*. *European Journal of International Relations*, 3(3), 319-363.

Agência Lusa. (2013, março 14). *Xi Jinping é eleito presidente da China*. Portal Institucional da Empresa Brasil de Comunicação. Disponível em: <https://www.ebc.com.br/noticias/mundo/2013/03/xi-jinping-e-eleito-presidente-da-china>. Acesso a 21 abril 2023.

Alden, C., & Chan, K. (2021). *Twitter and Digital Diplomacy: China and COVID-19*. *LSE Ideas Strategic Update*, (6).

Alden, R., Wu, J., & Large, E. (2018). *China's digital diplomacy in Africa: New media, public diplomacy and soft power*. *The China Quarterly*, 233, 83-103. <https://doi.org/10.1017/S0305741017001679>

Almejo, J. D. L. (2009). *Diplomacia digital y su vigencia en las relaciones internacionales*. Norteamérica. *Revista Académica del CISAN-UNAM*, 4(2), 195-204.

Alves, J. S (2021). Entrevista realizada pela autora ao Professor Doutor Jorge Santos Alves em julho de 2021.

Amaresh, P. (2020). *The Art of War: China's Sharp Power Strategy*. *Diplomatist*. Disponível em: <https://diplomatist.com/2020/05/27/the-art-of-war-Chinas-sharp-power-strategy/>.

Bartholomew, C. (2020). *China and 5G*. *Issues in Science and Technology* 36, no. 2 (Winter 2020): 50–57.

Bassante, D. (2014). *Diplomacia digital. Las relaciones internacionales en tiempos de Twitter y Facebook*. *Revista AFESE Temas Internacionales* 59, 73-89. Disponível em: <http://www.revistaafese.org/ojsAfese/index.php/afese/article/view/29>.

Belt and Road Forum for International Cooperation. (2017, 17 de abril). Building the Belt and Road for win-win development [Discurso]. Disponível em: <http://2017.beltandroadforum.org/english/n100/2017/0417/c25-195.html>. Acesso a 12 junho 2023.

Bernard, M. (2020). *Infrastructure and the Belt and Road Initiative*. em J. A. Berlie (Ed.), *China's Globalization and the Belt and Road Initiative* (pp. 19-33). Palgrave

Bjola, C. & Holmes, M. (2015). *Digital Diplomacy Theory and Practice*. Milton Park, Abingdon, Oxon: Routlediplomacia digitale.

Bjola, C., & Zaiotti, R. (2021). *Digital diplomacy and International Organisations: Autonomy, Legitimacy and Contestation*. Abingdon, Oxon: Routlediplomacia digitale.

Blackwill, R.D & Campbell, K. M. (2016). *Xi Jinping on the Global Stage*. Council on Foreign Relations. Council Special Report No. 74. United States of America.

Bonny, L., Funaiole, M.P., Hart, B., Price, H. (2020). *China Is Exploiting the Pandemic to Advance Its Interests, with Mixed*. Center for Strategic and International Studies. Disponível em: <https://www.csis.org/analysis/China-exploiting-pandemic-advance-its-interests-mixed-results>. Acesso a 10 março 2023.

Brady, A.-M. 2008. *Marketing Dictatorship: Propaganda and Thought Work in Contemporary China*. Lanham, MD: Rowman & Littlefield Publishers

Branigan, T. (2012). *China's censors tested by microbloggers who keep one step ahead of state media*. The Guardian. Disponível em: <https://www.theguardian.com/technology/2012/apr/16/internet-China-censorship-weibo-microblogs>. Acesso a 20 junho 2022.

Cabestan, J.-P. (2021). *Social governance in China under Xi Jinping: Big brother is watching you!* em A. S. Ding & J. P. Panda (Eds.), *Chinese Politics and Foreign Policy under Xi Jinping* (pp. 107–132). Routlediplomacia digitale.

Cariço, Alexandre. (2013). *Grande Estratégia e o 'sonho da China' de Xi Jinping*. *Relações Internacionais*, (38), 23-33.

Cave, D. (2020, 24 janeiro). *5G matters: (geo)politics and Critical National Infrastructure*. Observer Research Foundation. Disponível em: <https://www.orfonline.org/expert-speak/5g-matters-geopolitics-critical-national-infrastructure-60548/> . Acesso a 29 abril 2023.

Chaziza, M. (2021). *Chinese Health Diplomacy and the Maghreb in the COVID-19 Era*. Midiplomacia digitalle East Institute. Washington DC. Disponível em: <https://www.mei.edu/publications/chinese-health-diplomacy-and-maghreb-COVID-19-era>.

Chow, W., Tandetzki, T., & Meakin, R. (2019). The global economic impact of 5G. PwC. Disponível em: <https://www.pwc.com/gx/en/tmt/5g/global-economic-impact-5g.pdf>. Acesso 28 abril 2023.

Cohen, R. (1998). *Putting Diplomatic Studies on the Map*. Diplomatic Studies Programme Newsletter, May 4.

Cull, J. N. (2009). *Public diplomacy: Lessons from The Past*. USC Center on Public Diplomacy at The Annenberg School University of Southern California. Figueroa Press: Los Angeles.

d'Hooghe, I. (2007). *The Rise of China's Public Diplomacy*. Hague: Netherlands Institute of International Relations Clingendael.

Daxue Consulting (2020). *5G development in China: covering more industries and cities in 2020*. Daxue Consulting - Market Research China. Disponível em: <https://daxueconsulting.com/5g-development-in-China/>.

Desai, Y. (2022, September 20). Beyond the hype of the race for 5G. Diplo. Disponível em: <https://www.diplomacy.edu/blog/beyond-the-hype-of-the-race-for-5g/>. Acesso a 29 abril 2023.

Ding, D., & Panda, A. (2021). *Chinese Politics and Foreign Policy under Xi Jinping: The Future Political Trajectory*. Routlediplomacia digitalle.

Erie, M. S., & Streinz, T. (2021). *The Beijing Effect: China's Digital Silk Road as Transnational Data Governance*. New York University Journal of International Law and Politics, 54(1), 1-58.

Estadão (2021). *A grande estratégia chinesa*. Estadão. Disponível em: <https://opinioao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,a-grande-estrategia-chinesa,70003617502>. Acesso a 18 fevereiro 2022.

Fairclough, N. (1993). Critical Discourse Analysis and the Marketization of Public Discourse: The Universities. *Discourse & Society*, 4(2), 133-168. <https://doi.org/10.1177/09579265930040020>

Fernandes, R. (2019). *Seis polêmicas do TikTok em 2019*. TechTudo. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/noticias/2019/12/seis-polemicas-do-TikTok-em-2019.ghhtml>. Acesso a 14 maio 2022.

Ferreira, M. J. M. (2005). *A política externa europeia: uma reflexão sobre a União Europeia como ator internacional*. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais.

Ferreira, M. J. M. (2017). *Agenda internacional: os media e as relações internacionais*. Lisboa: ISCSP - Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas. (Manuais pedagógicos).

Filho, P. R. T. M. (2018). *Diplomacia Cultural Chinesa: instrumentos da estratégia de inserção internacional da China no século XXI*. [Dissertação de mestrado]. Universidade de Brasília, Instituto de Relações Internacionais.

Freeman, D., & Geeraerts, G. (2011). Europe, China, and Expectations for Human Rights. *The Chinese Journal of International Politics*, 4(2), 179–203. <https://www.jstor.org/stable/48615801>.

Freundlieb, M. (2019, 2 de fevereiro). A Constructivist Approach to Chinese Interest Formation in the South China Sea. *E-International Relations*. Disponível em: <https://www.e-ir.info/2019/02/02/a-constructivist-approach-to-chinese-interest-formation-in-the-south-china-sea/>

Gauttam, P., Singh, B., & Kaur, J. (2020). *COVID-19 and Chinese Global Health Diplomacy: Geopolitical Opportunity for China's Hegemony?*. *Millennial Asia*, 11(3), 318–340.

Geng, Z. (2016). *An Analysis on the US New Media Public Diplomacy Toward China on WeChat Public Account*. *Sociology Study*, 6(1), 18-27. <https://doi.org/10.17265/2159-5526/2016.01.002>

Ghiasi, R. & Krishnamurthy, R. (2021). *China's Digital Silk Road and the Global Digital Order*. *The Diplomat*. 14 de abril de 2021. Disponível em: <https://thediplomat.com/2021/04/Chinas-digital-silk-road-and-the-global-digital-order/>. Acesso a 14 fevereiro 2023.

Gilboa, E. (2016). *Digital Diplomacy*. em C.M. Constantinou, P. Kerr & P. Sharp (Eds.), *The SAGE Handbook of Diplomacy* (pp. 617-631). SAGE Publications Ltd. <https://doi.org/10.4135/9781473913002.n32>.

Godbole, A. A. (2021). *The difficulty of being Xi Jinping*. In A. S. Ding & J. P. Panda (Eds.), *Chinese Politics and Foreign Policy under Xi Jinping* (pp. 85-102). Routledge.

Grincheva, N. (2012). *Digital Diplomacy Rhetoric: International Policy Frame Transformations in Diplomatic Discourse (The case study of the UK digital diplomacy)*. *Encatc journal of cultural management and policy* volume 2 / issue 2 / 2012. London, United Kingdom: City University.

Halliday, M. (1990). *New ways of meaning: A Challenge to applied linguistics*. *Journal of Applied Linguistics*, 6(13), 7-36.

Halliday, M. A. K., & Matthiessen, C. M. I. M. (2014). *Halliday's introduction to functional grammar*. London: Routledge.

Hanson, F. (2012). *Baked in and wired: eDiplomacy@State*. *Foreign Policy Paper Series* no 30, 1–39, Washington, DC: Brookings Institution.

Hayden, C. (2012). *Social media at state: power, practice, and conceptual limits for us public diplomacy*. School of international service American university. *Global media Journal*.

Hayman, P. A. (2008). *Constructivism and human rights: locating values in a divided approach*. (Dissertação de doutoramento). Durham University. Disponível em: <http://etheses.dur.ac.uk/2905/>.

He, A. (2022). *The Digital Silk Road and China's Influence on Standard Setting*. CIGI Papers, 264. Centre for International Governance Innovation.

Hill, C. (2003). *The Changing Politics of Foreign Policy*. London: Palgrave.

Hocking, B., & Melissen, J. (2015). *Diplomacy in the digital age*. Clingendael Institute, International Affairs Think Tank and Academy.

Hong, L., & Harwit, E. (2020). *China's globalizing internet: history, power, and governance*. *Journal of Contemporary China*, 29(123), 335-348. doi: 10.1080/10670564.2019.1690295.

Hopf, T. (1998). *The Promise of Constructivism in International Relations Theory*. *International Security*, 23(1), 171–200. <https://doi.org/10.2307/2539267>.

Hsiao, A., & Yang, O. (2021). China's Great Propaganda Campaign During the COVID-19 Pandemic. *Journal of Global Health*, 10(2), 123-135. Acesso a 17 julho 2023. Disponível em: <https://www.tfd.org.tw/backend/upload/publish/9a7c042d7ae8c1f81fd2a4b816c87ae4.pdf>.

Huang, R., & Sun, X. (2014). *Weibo network, information diffusion and implications for collective action in China*. *Information, Communication & Society*, 17(1), 86–104. doi:10.1080/1369118X.2013.853817

Huang, Z. A. (2021). “*Wolf Warrior*” and China’s digital public diplomacy during the COVID-19 crisis. *Place Branding and Public Diplomacy*, 17(2), 81-92. doi: 10.1057/s41254-020-00193-6.

Huang, Z. A., & Wang, R. (2021). *Exploring China's Digitalization of Public Diplomacy on Weibo and Twitter: A Case Study of the U.S.-China Trade War*. *International Journal of Communication*, 15, 1912-1939

Huo, F., & Maude, R. (2021). *Chinese digital diplomacy in Southeast Asia during the pandemic*. Em *Southeast Asia and COVID-19: The Impact on Domestic Politics and Foreign Policy* (pp. 67-72). ISEAS-Yusof Ishak Institute. Disponível em: <https://southeastasiacovid.asiasociety.org/chinese-digital-diplomacy-southeast-asia-pandemic/>

Jiang, Y. (2017). *Social media and e-diplomacy in china*. Palgrave Macmillan US. <https://doi.org/10.1057/978-1-137-59358-0>

Jiechi, Y. (2019, 30 de março). Yang Jiechi on the Belt and Road Initiative and Preparations for the Second Belt and Road Forum for International Cooperation [Discurso]. Disponível em: [https://www.fmprc.gov.cn/eng/wjdt\\_665385/zyjh\\_665391/201904/t20190402\\_678725.html](https://www.fmprc.gov.cn/eng/wjdt_665385/zyjh_665391/201904/t20190402_678725.html). Acesso a 12 junho 2023.

Jun, Z. (2019, 27 de maio). Advancing Global Sustainable Development Through High-quality Belt and Road Cooperation: Opening Remarks by Assistant Foreign Minister Zhang Jun at the Seminar on Advancing Sustainable Development Goals with the Belt and Road Cooperation [Discurso]. Disponível em: [https://www.fmprc.gov.cn/eng/wjdt\\_665385/zyjh\\_665391/201905/t20190528\\_678741.html](https://www.fmprc.gov.cn/eng/wjdt_665385/zyjh_665391/201905/t20190528_678741.html). Acesso a 12 junho 2023.

Kliman, D., Kendall-Taylor, A., Lee, K., Fitt, J., & Nietsche, C. (2020). *Digital Influence Tools Used by China and Russia*. In *Dangerous Synergies: Countering Chinese and Russian Digital Influence Operations*. pp. 11–15. Center for a New American Security. <http://www.jstor.org/stable/resrep25314.8>.

Koetsier, J. (2021). *Top 10 Most Downloaded Apps and Games Of 2021: TikTok, Telegram Big Winners*. Forbes. Disponível em: <https://www.forbes.com/sites/johnkoetsier/2021/12/27/top-10-most-downloaded-apps-and-games-of-2021-TikTok-telegram-big-winners/?sh=301407de3a1f>. Acesso 12 novembro 2021.

Kurlantzick, J. (2020). *China thinks the pandemic will make it the world's new leader. It won't*. The Washington Post. Disponível em: [https://www.washingtonpost.com/outlook/China-uses-the-pandemic-to-claim-global-leadership/2020/05/21/9b045692-9ab4-11ea-ac72-3841fcc9b35f\\_story.html](https://www.washingtonpost.com/outlook/China-uses-the-pandemic-to-claim-global-leadership/2020/05/21/9b045692-9ab4-11ea-ac72-3841fcc9b35f_story.html). Acesso a 14 abril 2023.

Leach, J. (19 julho 2013). Digital diplomacy: Facing a future without borders. Independent. Disponível em: <https://www.independent.co.uk/voices/comment/digital-diplomacy-facing-a-future-without-borders-8714293.html>.

Lee, S. T. (2021). *Vaccine diplomacy: Nation branding and China's COVID-19 soft power play*. Place Brand Public Diplomacy

Lele, A & Roy, K. (2019). *Analysing China's digital and space belt and road initiative*. Institute for Defence Studies and Analyses, New Delhi.

Liang, H., & Zhang, Y. (2019). *The Theoretical System of Belt and Road Initiative*. Beijing, China: People's House Publishing. ISBN 978-981-13-7700-6

Liu, F., & Zhou, F. (2019). *China's digital diplomacy: the art of adiplomacia digitalressing audience*. Journal of Contemporary China, 28(117), 285-302.

Lo, Steve & Lee, Kevin. (2018, June 13). *China is poised to win the 5G race. are you up to speed?*. EY Greater China. Disponível: [https://www.ey.com/en\\_cn/tmt/china-is-poised-to-win-the-5g-race-are-you-up-to-speed](https://www.ey.com/en_cn/tmt/china-is-poised-to-win-the-5g-race-are-you-up-to-speed). Acesso 29 abril 2023

Magalhães, I., Martins, A. R., & de Melo Resende, V. (2017). Análise de discurso crítica: um método de pesquisa qualitativa (DGO-Digital original). SciELO – Editora UNB. <https://doi.org/10.7476/9788523013370>

Manor, I. (2019). *The Digitalization of Public Diplomacy*. Palgrave Macmillan.

Mendes, N.C (2022). Entrevista realizada pela autora ao Professor Doutor Nuno Canas Mendes em setembro de 2022.

Micolta, M. C. (2020). *La comunicación de China con el público extranjero, Diplomacia digital de China en Latinoamérica y el Caribe en tiempos de Covid*. Fundación Andrés Bello – Centro de Investigación Chino Latinoamericano. Disponível em: <https://fundacionandresbello.org/investigacion/la-comunicacion-de-china-con-el-publico-extranjero/>.

Miller, C. (2022). *China's Digital Diplomacy*. Centre for Research and Evidence on Security Threats. Disponível em: <https://crestresearch.ac.uk/commentary/chinas-digital-diplomacy/>.

Mirza, M.M., Abbas, H., Nizamani, M.Q. (2020). *Evaluating China's Soft Power Discourse: Assumptions, Strategies, and Objectives*. Global Strategic & Security Studies Review, 2020, 5 (4), p. 40-50.

Morgan, P. (2021, abril 26). *Chinese state-backed hacking: Time to level the playing field and breach the Great Firewall*. The Strategist. Disponível em: <https://www.aspistrategist.org.au/chinese-state-backed-hacking-time-to-level-the-playing-field-and-breach-the-great-firewall/>. Acesso a 27 abril 2023.

Myers West, S. (2014). *Redefining digital diplomacy: modelling business*. The Hague Journal of Diplomacy, 9(4), 441-463.

Nedopil, Christoph (2022). *Investments in the Belt and Road Initiative*. Shanghai, Green Finance & Development Center, FISF Fudan University.

Nwankwo, S. (2023). Halliday's Transitivity system and Clause Analysis in The Daily Sun Newspaper. Federal University of Technology, Owerri, Imo State.

Nye, J. (2005). *Soft Power: The Means to Success in World Politics*. Public Affairs. pp. 99-126.

Nye, J. (2018). *China's soft and Sharp Power*. Project Syndicate. Disponível em: <https://www.project-syndicate.org/commentary/China-soft-and-sharp-power-by-joseph-s--nye-2018-01>.

Nye, J. S. (2020). *Perspectives for a China Strategy*. PRISM, 8(4), 120–131. <https://www.jstor.org/stable/26918238>

Oliveira, A. C. G. de, & Fernandes, F. G. C. (2020). *Soft power em tempos de quarentena: As estratégias da diplomacia chinesa em meio à pandemia de COVID-19*. Boletim de Economia e Política Internacional | BEPI, (27), Maio-Ago. 2020.

Ordeix-Rigo, E. & Duarte, J. (2009). *From Public Diplomacy to Corporate Diplomacy: Increasing's Corporation Legitimacy and Influence*. American Behavioral Scientist (53) 4, 549-564.

Oreglia, E., Ren, H., & Liao, C.-C. (2021). *The Puzzle of the Digital Silk Road*. In N. Kassenova & B. Duprey (Eds.), *Digital Silk Road in Central Asia: Present and Future* (pp. 1-7). ISBN: 978-0-578-93435-8.

Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OECD). (2020). *The territorial impact of COVID-19: Managing the crisis across levels of government*. OECD Policy Responses to Coronavirus (COVID-19) Disponível em:

<https://www.oecd.org/coronavirus/policy-responses/the-territorial-impact-of-covid-19-managing-the-crisis-across-levels-of-government-d3e314e1/>.

Papageorgiou, M., Melo, D. (2022). *China as a Responsible Power Amid the COVID-19 Crisis: Perceptions of Partners and Adversaries on Twitter*. Fudan Journal of the Humanities and Social Sciences.15, 159–188

Pengpeng, L., Fangqi, Z., & Qianru, Z. (2022). Communication Mechanisms and Implications of the COVID-19 Risk Event in Chinese Online Communities. *Frontiers in Public Health*, 10, 809144. <https://doi.org/10.3389/fpubh.2022.809144>

Qin, B., Strömberg, D., & Wu, Y. (2017). *Why Does China Allow Freer Social Media? Protests versus Surveillance and Propaganda*. *The Journal of Economic Perspectives*, 31(1), 117–140. <http://www.jstor.org/stable/44133953>

Ramalho, V., & Resende, V. M. (2011). Análise de discurso (para a) crítica: O texto como material de pesquisa. *Coleção Linguagem e Sociedade*, Vol. 1. Campinas, SP: Pontes Editores. ISBN: 978-85-7113-336-5.

Rashica, V. (2018). *The Benefits and Risks of Digital Diplomacy*. *SEEU Review*,13(1) 75-89.

Repnikova, M., & Chen, K. A. (2023). *Asymmetrical discursive competition: China–United States digital diplomacy in Africa*. *The International Communication Gazette*.

Reshetnikova, L. (2018). *e-Diplomacy as Instrument for Establishment of Interethnic Relations*. *SHS Web Conf.*, 50, 01144. Disponível em: <https://doi.org/10.1051/shsconf/20185001144>.

Rolland, N. (2020). *China’s Pandemic Power Play*. *Journal of Democracy*, 31(3), 25-38.

Romana, H. (2021). Entrevista realizada pela autora ao Professor Doutor Heitor Barras Romana em junho de 2021.

Rubio, R. (2011). *Las relaciones Internacionales en el Tránsito als siglo XXI*. Escuela Diplomática de Españã, Cuaderno 44, 2011.

Rudolf, M. (2021, maio 28). *Masks, vaccines, and investment promises: The geopolitics of China's COVID-19 Health Diplomacy*. VerfBlog. Disponível em: <https://verfassungsblog.de/masks-vaccines-and-investment-promises/>. Acesso a 28 abril 2023.

Rudolf, M. (2022, 27 outubro). *How China uses health diplomacy as a soft power tool*. IPS Journal. Disponível em: <https://www.ips-journal.eu/topics/foreign-and-security-policy/how-china-uses-health-diplomacy-as-a-soft-power-tool-6276>. Acesso a 28 abril 2023.

Santiago, N. M. (2007). *O futuro do Nordeste Asiático: realismo tridimensional, preferências e estruturas*. IPRI. Working Paper, 27.

Santo, P. E. (2015). *Introdução à metodologia em ciências sociais: gênese, fundamentos e problemas*. Lisboa: Edições Sílabo.

Schliebs, M., Bailey, H., Bright, J., & Howard, P. N. (2021). *China's public diplomacy operations: Understanding engagement and inauthentic amplification of PRC diplomats on Facebook and Twitter*. DEM.TECH WORKING PAPER, 1. Oxford Internet Institute, University of Oxford.

Schroeder, R. (2018). *Media systems, digital media and politics*. In *Social Theory after the Internet: Media, Technology, and Globalization* (pp. 28–59). UCL Press. <https://doi.org/10.2307/j.ctt20krxdr.5>

Scott, M. (2020, 29 de abril). Chinese diplomacy ramps up social media offensive in COVID-19 info war. Disponível em: <https://www.politico.eu/article/china-disinformation-covid19-coronavirus/>. Acesso a 26 abril 2023.

Seitz, A., et al. (2022). *How China's TikTok, Facebook influencers push propaganda*. The Economic Times. Disponível em: <https://economictimes.indiatimes.com/news/international/world-news/how-Chinas-TikTok-facebook-influencers-push-propaganda/articleshow/90532537.cms>.

Shao, J. (2019). *Exploring China's 'Sharp Power': Conceptual Deficiencies and Alternatives*. *Transcommunication*, 6(2). Tóquio: Escola de Pós-Graduação em Cultura Internacional e Estudos de Comunicação.

Shen, S. (2020). *The World Is Awakening to China's Sharp Power: China's Sharp Power first began to be displayed in Hong Kong. Now it is seen all over the world.* The Diplomat. 23 de junho de 2020. Disponível em: <https://thediplomat.com/2020/06/the-world-is-awakening-to-Chinas-sharp-power/>.

Soltani, F., Jawan, J., & Ahmad, Z. (2014). *Constructivism, Christian Reus-Smit and The Moral Purpose of the State.* Asian Social Science, 10, 153-160. <https://doi.org/10.5539/ass.v10n10p153>

Sotiriu, S. (2023). Entrevista realizada pela autora à Especialista Sabrina Sotiriu em abril 2023.

The Global Economic Impact of 5G: China report (2021). PwC. (junho 2021). Disponível em: <https://www.pwccn.com/en/industries/telecommunications-media-and-technology/publications/economic-impact-5g.html>. Acesso a 12 abril 2023.

Theys, S. (2018). *Introducing Constructivism in International Relations Theory. E-International Relations.* Bristol, England.

Third Way. (2020). *2020 Country Brief: China.* Third Way. <http://www.jstor.org/stable/resrep26161>

Tomás, Ruan., P. (9 março 2019). *China to end 2023 with 2 million 5G base stations: Report.* RCR Wireless News. Disponível em: <https://www.rcrwireless.com/20230309/5g/china-end-2023-2-million-5g-base-stations-report>. Acesso a 29 abril 2023.

Triolo, P. (2020). *China's 5G Strategy: Be First Out of the Gate and Ready to Innovate.* em S. Kennedy (Ed.), *China's Uneven High-Tech Drive: Implications for the United States* (pp. 21–28). Center for Strategic and International Studies (CSIS). Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/resrep22605.10> Acesso a 22 março 2023.

Van Leeuwen, T. (2006). Critical Discourse Analysis. In K. Brown (Ed.), *Encyclopedia of Language & Linguistics (Second Edition)* (pp. 290-294). Elsevier. <https://doi.org/10.1016/B0-08-044854-2/00501-0>.

Vieira, V. (2017). *Mídias sociais e diplomacia pública no Brasil e EUA: Um estudo da diplomacia digital através do Twitter*. Paper apresentado em Cosmopolítica, Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação e Política, maio 10-12, 2017, Porto Alegre.

Walker, C & Ludwig, J. (2017). *Sharp Power Rising Authoritarian Influence*. National Endowment for Democracy. 8-25. Disponível em: <https://www.ned.org/sharp-power-rising-authoritarian-influence-forum-report/>.

Walker, C. (2018). *What Is ‘Sharp Power’?* Journal of Democracy 29(3), 9-23. Disponível em: <https://www.journalofdemocracy.org/articles/what-is-sharp-power/>.

Wang, Y. (2008). *Public Diplomacy and the Rise of Chinese Soft Power*. The ANNALS of the American Academy of Political and Social Science, 616(1), 257–273.

Weldes, J. (1996). Constructing National Interests. European Journal of International Relations, 2(3), 275–318. <https://doi.org/10.1177/1354066196002003001>

Wendt, A. (1992). *Anarchy is what states make of it: The social construction of power politics*. International Organization, 46(2), 391-425. <https://doi.org/10.1017/S0020818300027764>

Wendt, A. (1999). *Social Theory of International Politics*. Cambridge University Press.

Wiener, A. (2009). *Constructivism and Sociological Institutionalism*. In M. Cini & A. K. Bourne (Eds.), *Palgrave Advances in European Union Studies* (pp. 53-70). Palgrave Macmillan.

Xi, Jinping. (2013). “Xi Jinping’s Speech” [Discurso de Xi Jinping na Conferência sobre Propaganda Nacional Trabalho Ideológico, 19 de agosto, Pequim]. 2013-11-12. Disponível em: <http://Chinacopyrightandmedia.wordpress.com/2013/11/12/xi-jinpings-19-august-speech-revealedtranslation/>.

Xi, Jinping. (2017, 15 de maio). *Work Together to Build the Silk Road Economic Belt and the 21st Century Maritime Silk Road: Speech by H.E. Xi Jinping, President of the People's Republic of China, At the Opening Ceremony of The Belt and*

Road Forum for International Cooperation [Discurso]. Disponível em: [https://www.fmprc.gov.cn/mfa\\_eng/wjdt\\_665385/zyjh\\_665391/201705/t20170527\\_678618.html](https://www.fmprc.gov.cn/mfa_eng/wjdt_665385/zyjh_665391/201705/t20170527_678618.html). Acesso a 12 junho 2023.

Xi, Jinping. (2019, 26 de abril). Toast by H.E. Xi Jinping, President of the People's Republic of China, At the Welcoming Banquet of The Second Belt and Road Forum for International Cooperation [Discurso]. Disponível em: [https://www.fmprc.gov.cn/eng/wjdt\\_665385/zyjh\\_665391/201904/t20190429\\_678727.html](https://www.fmprc.gov.cn/eng/wjdt_665385/zyjh_665391/201904/t20190429_678727.html). Acesso a 12 junho 2023.

Xi, Jinping. (2019, 26 de abril). Working Together to Deliver a Brighter Future For Belt and Road Cooperation: Keynote Speech by H.E. Xi Jinping, President of the People's Republic of China, At the Opening Ceremony of the Second Belt and Road Forum for International Cooperation [Discurso]. Disponível em: [https://www.fmprc.gov.cn/mfa\\_eng/wjdt\\_665385/zyjh\\_665391/201904/t20190426\\_678729.html](https://www.fmprc.gov.cn/mfa_eng/wjdt_665385/zyjh_665391/201904/t20190426_678729.html) . Acesso a 12 junho 2023.

Xi, Jinping. (2019, 27 de abril). Remarks by H.E. Xi Jinping, President of the People's Republic of China, At the Press Conference of The Second Belt and Road Forum for International Cooperation [Discurso]. Disponível em: [https://www.fmprc.gov.cn/mfa\\_eng/wjdt\\_665385/zyjh\\_665391/201904/t20190429\\_678731.html](https://www.fmprc.gov.cn/mfa_eng/wjdt_665385/zyjh_665391/201904/t20190429_678731.html). Acesso a 12 junho 2023.

Xiao, A., & Ding, Y. (1 março 2023). *Evolution of China's Belt and Road Initiative: Digital Silk Road*. Invesco Limited. Disponível em: <https://www.invesco.com/apac/en/country-splash.html>. Acesso a 24 fevereiro 2023.

Yeromiyani, T. (2022). *Guide to Social Media in China*. Chinese Language Institute. Disponível: <https://studycli.org/chinese-culture/social-media-in-China/>.

Yi, W. (2019, 29 de abril). Wang Yi on Outcomes of the Second Belt and Road Forum for International Cooperation (BRF) - The Second Belt and Road Forum for International Cooperation: New Starting Point, New Vision and New Journey [Discurso]. Disponível em: <http://www.beltandroadforum.org/english/n100/2019/0505/c22-1420.html>. Acesso a 12 junho 2023.

Yi, W. (2020, 19 de junho). Adhering to the Path of Solidarity, Cooperation and Win-win Results: Remarks by H.E. Wang Yi State Councilor and Foreign Minister of the People's Republic of China At the High-level Video Conference on Belt and Road International Cooperation [Discurso]. Disponível em: [https://www.fmprc.gov.cn/eng/wjdt\\_665385/zyjh\\_665391/202006/t20200619\\_678865.html](https://www.fmprc.gov.cn/eng/wjdt_665385/zyjh_665391/202006/t20200619_678865.html). Acesso a 12 junho 2023.

Yi, W. (2021, 18 de dezembro). Remarks by State Councilor Wang Yi At the Meeting of the Advisory Council of The Belt and Road Forum for International Cooperation 2021 [Discurso]. Disponível em: [https://www.fmprc.gov.cn/eng/wjb\\_663304/wjbz\\_663308/2461\\_663310/202112/t20211218\\_10471345.html](https://www.fmprc.gov.cn/eng/wjb_663304/wjbz_663308/2461_663310/202112/t20211218_10471345.html). Acesso a 12 junho 2023.

Zhang, X., & Oloo Ong'ong'a, W. (2022). *Unveiling China's digital diplomacy: A comparative analysis of CGTN Africa and BBC News Africa on Facebook*. *Asian Journal of Comparative Politics*, 7(1), 1-18.

# ANEXOS

## 1. Resultado pesquisa repositórios portugueses

**Figura 3** Pesquisa repositório do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas

Percorrer "ISCSP - Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas" por assunto Diplomacia Digital

Índice: [0-9](#) [A](#) [B](#) [C](#) [D](#) [E](#) [F](#) [G](#) [H](#) [I](#) [J](#) [K](#) [L](#) [M](#) [N](#) [O](#) [P](#) [Q](#) [R](#) [S](#) [T](#) [U](#) [V](#) [W](#) [X](#) [Y](#) [Z](#)  
 ou inserir as letras iniciais:

Ordenar por:  Em ordem:  Resultados/Página  Autores/Registo:

Mostrar resultados 1-1 de 1.

Data	Título	Autor(es)	Tipo	Acesso
16-Mar-2022	A utilização das mídias sociais na Diplomacia Pública Brasileira: tema da Amazônia, em 2019	Silva, Rubiana Jesus Santoro	masterThesis	

Mostrar resultados 1-1 de 1.

Fonte: Repositório ISCSP

**Figura 4** Pesquisa repositório Universidade de Lisboa

Pesquisar:

por

Filtros correntes:

Adicionar filtros:  
 Utilizar filtros para refinar o resultado da pesquisa.

Resultados/Página  | Ordenar registos por:  Por ordem  Autores/Registo

A pesquisa não produziu resultados.

©ULisboa [Contacto](#) [Comentários](#) [Estatísticas](#)

Fonte: Repositório Universidade de Lisboa

**Figura 5** Pesquisa repositório da Universidade Nova de Lisboa

RUN

**Pesquisar**

Pesquisar:  ▼

por

Filtros correntes:  ▼ |  ▼ |

Adicionar filtros:  
Utilizar filtros para refinar o resultado da pesquisa.

▼ |  ▼ |

Resultados/Página  ▼ | Ordenar registos por:  ▼ | Por ordem  ▼ | Autores/Registo

▼

A pesquisa não produziu resultados.

[Universidade Nova de Lisboa](#) [Estatísticas](#) [Comentários](#)

Fonte: Repositório Universidade Nova de Lisboa

**Figura 6** Pesquisa repositório da Universidade de Coimbra

The screenshot displays the 'ESTUDO GERAL' scientific repository of the University of Coimbra. At the top, the university's logo and name are visible. Below the header, there is a navigation menu with links for HOME, COMMUNITIES & COLLECTIONS, RESEARCH OUTPUTS, RESEARCHERS, ORGANIZATIONS, PROJECTS, ABOUT, HELP, and PROVAS ACADÉMICAS. The main section is titled 'Search' and features a search bar containing the text 'diplomacia digital'. Below the search bar, there are three search results listed under the heading 'Publications':

- Teoria e prática da diplomacia digital : a comunicação político-diplomática nas redes sociais e o caso de Portugal** [26-Sep-2016]  
Rolo, Álvaro Redondo. **Keywords:** Diplomacia Digital. **Abstract:** Através da análise, encontra-se novo sítio da comunicação político-diplomática. Inspirada pelas tendências da Good Governance, a Diplomacia Digital vem deste modo conjugar dinâmicas político-democráticas com técnicas de gestão pública e marketing político nas suas
- Os desafios contemporâneos da diplomacia portuguesa : aspectos essenciais** [27-Sep-2016]  
Pinto, Filipa Mariene Magalhães. **Keywords:** Diplomacia
- Tecnologias Digitais na Diplomacia** [26-Nov-2020]  
Ferreira, Ricardo Jorge Ferreira. **Keywords:** Digital Diplomacy. **Abstract:** Muitas outras organizações, via a tecnologia digital um meio de suporte. Desta forma, a diplomacia digital que já há algum tempo começou a ganhar espaço no meio diplomático tradicional, mereceu uma atenção acrescida por parte da organização. O acelerar da

Fonte: Repositório Universidade de Coimbra

## 2. Entrevista junho 2021

**Heitor Alberto Coelho Barras Romana, Professor Catedrático da Universidade de Lisboa.**

**VF: Qual é a sua opinião sobre a imagem da China no plano internacional?**

**HR:** Temos de fazer a distinção entre a imagem que a China quer transmitir e aquilo que ela efetivamente transmite e junto de quem. Porque isso, essa distinção junto de quem é muito importante. A imagem que a China quer transmitir em tempos globais no século XXI ou melhor dizendo nesta década que começou na medida em que a liderança chinesa personalizada por Xi Jinping procura demonstrar ao mundo que é um ator internacional fiável, credível e mais do que isso já é um objetivo que eles procuram desde as reformas de Deng Xiaoping desde finais da década 80 e depois então Tiananmen ainda mais, mas o que é extraordinário quer na narrativa quer na presunção que a China têm que os atores, outros assim o entendem é uma aposta na ideia de multilateralismo e afirmação da China como um fator fundamental no equilíbrio do SI e isso é para mim o espectro central do posicionamento da China hoje no século XXI naquilo que quer demonstrar ao mundo. Parceiro fiável, credível e fator de estabilidade internacional. Em oposição naturalmente a outros atores, nomeadamente os EUA e sobretudo no tempo de Donald Trump. E isso vai continuar assim por oposição aos EUA a China surge como e também de certa forma oposição à Rússia. A China é um fator de estabilidade internacional em termos globais. A tal distinção que eu faço para quem ou junto de quem é que a China quer agradar ou quer vender, vamos chamar assim uma determinada imagem ou fazer passar uma determinada narrativa de política internacional obviamente aí mantem-se uma matriz que vem desde 1949, onde é fundada a República Popular da China e quando o PPC se assume, como não podia deixar de ser, porque a sua base marxista/leninista assim o anuncia, que o mundo é mais do que o bloco capitalista e do bloco da união soviética logo muito cedo isso começa a ser evidenciado e mais isso tem expressão na conferência de Bandung em 1955, conferência que é realizada na Indonésia, não patrocinada curiosamente pela China, diria que tem o alto patrocínio da Índia. Mao Tsé-Tung de forma inteligentíssima apropriasse dos objetivos dessa conferência que visa o seguinte: visa dividir o mundo em 3 grandes onde Mao Tsé-Tung anuncia ao mundo que aquela conferência é a conferência da afirmação dos povos mudos do mundo e é o ponto de partida para a afirmação dos “povos dos três A”, África, América latina e Ásia. E o que é que são esses povos do mundo e o que é que eles representam?

Representam os países subdesenvolvidos, as colónias, os territórios ainda colónias, outros já independentes que estão subjugados ao primeiro estado, ao primeiro mundo capitalista dominado pelos EUA e também mais tarde, inclui a União Soviética nesse pacote dos dominadores. Há um segundo mundo que é o segundo mundo da Europa e dos países asiáticos que estão no meio entre os países subdesenvolvidos e o bloco capitalista e bloco socialista revisionista da união soviética e finalmente há o 3º mundo do qual a China faz parte e que ainda hoje se reclama atenção. Atualmente, chama-se sul-sul, norte-sul, o líder do sul-Sul, a China então reclama uma posição no sistema internacional de defensor desse grupo dos interesses dos povos mudos do mundo. E no essencial no século XX, continua a manter esse desiderato. E porquê? Vejamos o seguinte. Particpei recentemente numa conferência que se falava sobre o poder da China em substituir os EUA, isso nunca acontecerá na minha perspectiva. No plano económico, militar e tecnológico pode ter grandes avanços extraordinários, mas substituir o papel dos EUA na ordem internacional a China não tem condições, porquê? Porque não tem capacidades para fazer alianças com os atores fundamentais no SI, não tem. Reclama-se como o tal representante do sul-sul, reclama-se como o país que compreende as necessidades dos países em via de desenvolvimento, designadamente da África, onde tem feito, como sabe um enormíssimo investimento, também a procura depois do retorno em matéria de segurança energética mas a China não consegue criar solidariedades institucionais, não consegue criar alianças institucionais, e por isso ela ainda que reclamando esse tal papel na ordem internacional tem muitas dificuldades em levar consigo países que tenham peso suficiente também eles para mudar essa ordem internacional. Seja como for, o seu posicionamento é como eu disse no início, credível, incontornável na ordem internacional, não é só ser credível é incontornável. Não há estabilidade no mundo, não há crescimento da economia, não há desenvolvimento sem o papel ativo da China. Face à realidade que era observada há 30 anos. Ora e o que é que isso significa? Significa que a China não tendo poder de substituir os EUA tem poder para se afirmar na ordem internacional e tem sobretudo um estatuto que é aquilo que eu designo contrapoder. Não tem poder para substituir, mas tem poder para desgastar. E isso já é um estatuto extraordinário que a China há mais de um século procurava alcançar. No plano regional a história é outra, estamos a falar ainda no plano global e trans regional. Mas no plano regional no espaço geopolítico e geoeconómico de inserção da China, isto é, o espaço agora dito do indo-pacífico, porque isso é uma construção também recente para incluir também a Índia diria como placagem. Placagem à China, mas na ásia pacífico, regionalmente de facto a China aí é o grande líder. E quer assumir esse seu papel e não hesita em transmitir a ideia, ao contrário de como acontece no resto do mundo em que a ideia do fator equilíbrio, do fator de estabilidade e desenvolvimento na área

da sua inserção natural não se importa de dar sinais de que esse objetivo afinal, pode esconder outro de natureza mais hegemónica e até belicista. Essa aliás é uma tradição da cultura estratégica chinesa, umas vezes tem uma natureza belicista ainda que limitada, outras vezes tem uma natureza pacifista. Existe uma leitura muito pragmática do tempo, vão fazendo a cada momento da conjuntura uma leitura que é útil para satisfazer as suas necessidades ainda que tenham um eixo estruturante, que é o tempo. Para a China o tempo não é medido em uma década é medido em décadas, não é, em séculos e isso dá-lhe aparentemente uma vantagem competitiva em termos da realização dos seus objetivos estratégicos.

### **VF: Qual o impacto da COVID-19 na estratégia de diplomacia chinesa?**

**HR:** O impacto é mais. Em primeiro lugar há um impacto não podemos olvidar isso. Mas há aqui aquilo que eu designo chamado como fenómenos estratégicos conexos, no fundo aquilo que está para além do covid propriamente dito que é o impacto estratégico do covid. Eu não posso assento tónico no impacto da atribuição à China como sendo a fonte do vírus. O mundo hoje é o que é. Ninguém pode atirar a primeira pedra na China, podia ser em qualquer outra parte do mundo. A coisa põe-se se for laboratorial se não foi laboratorial, bem se tivermos em linha de conta os vírus que tiveram origem em laboratórios estaríamos a apontar o dedo a muitos outros. Eu não vou por aí porque não tenho dados para ir por aí e mesmo que tivéssemos dados e que disséssemos bem a China é a origem do vírus. So what? Vai se isolar a China do mundo, vão-se isolar os chineses em *gettos*? O que é que daí resultaria? Bem, resultaria o fim do mundo certamente, por isso não alinhio nesse discurso. Outra coisa sim é percebermos algo que deixou o mundo perplexo onde dois fatores se conjugaram. O problema do Supply Chain quando tudo parou e o problema também do canal do Suez que continham mercadoria vinda da China, isso por exemplo. Não só da China, mas sobretudo da ásia e China. E o problema que se coloca do vírus é dessa ordem. É um problema para o mundo, mas é sobretudo um problema para a China um problema diplomático e político. E as circunstâncias em que vivemos vieram demonstrar que dependemos da China veja que o ferro para construir uma casa vem da China. É estranho, mas é verdade, o alumínio e por aí. Outra coisa ainda mais crítica que o *Economist* falava, os chips, os microchips para os sistemas eletrónicos dos automóveis por exemplo. São fabricados na China, na Coreia, em Taiwan, naquela região. Então e as baterias lítio para os carros elétricos onde é que são fabricadas? Maioritariamente, na China. Esta situação veio demonstrar aquilo que os chineses não queriam que o mundo constatasse. Não é que não

soubesse, era que se percebesse. Que fizesse a lógica das coisas. É de que o *Supply Chain* mundial depende em larga medida da China e isso é terrível para a China. Dissemos assim “ah isso só veio demonstrar o poderio”. É um poder, um gigante pé de barros. Nos próximos 10 anos a China vai continuar a gerir esse processo, mas nos próximos 20 anos o ocidente aprendeu a lição e nunca mais vai ficar dependente do *Supply Chain* *chinese*, isso eu posso-lhe garantir. E nessa medida é uma derrota para a China, não é uma vitória é uma derrota para a China. Por isso para mim é que lhe chamo o fenómeno estratégico conexo. Não é tanto a imagem que se cria de a origem do vírus ter estado na China, mas é o efeito que tem para o mundo.

Nunca mais o nosso *Supply Chain* vai ficar nas mãos dos chineses essa é a grande consequência do covid em termos de impacto dos interesses estratégicos chineses. É que a sua arma que era o *Supply Chain* está agora demonstrado ao mundo, primeiro que era verdade nós dizíamos “ah nos dependemos da produção chinesa”, mas quando se diz dependemos da produção chinesa não tínhamos essa noção não. Agora o mundo ficou a saber quanto é que nós dependemos da China e em que termos é que essa dependência se faz.

**VF: Considera que a pandemia melhorou as relações diplomáticas entre a China e os restantes países do globo? Considera que a imagem da China melhorou com a sua posição durante a pandemia?**

**HR:** Muito bem, mas antes ainda volto a questão do efeito do covid e da dependência da China. Mas, também hoje verificámos outra coisa que não tem haver a ver com o covid. Tem haver a ver com o facto de nos concentrarmos agora mais na China. E que foi feito de forma silenciosa e extraordinária que é o fortíssimo desenvolvimento tecnológico de ponta da China. A revolução 4.0 que os alemães inventaram, os chineses aplicam-na. No campo da inteligência artificial, no campo da nanotecnologia, no campo da transformação tecnológica de ponta a China esta muito avançada, muito, muito avançada como nós sabemos. Mas atenção, substitui os EUA? Ainda não substitui os EUA, mas seguramente deu um salto tecnológico extraordinário. Os países para chegarem ao pleno do desenvolvimento industrial tem de passar por várias fases até chegar lá e tem de passar por todas as etapas. As chamadas etapas do crescimento económico: agricultura, depois indústria, serviços, avançado. Aquilo que nós já sabíamos, a revolução tecnológica há 30 anos que esta parte nos ensinou é que essas etapas podem ser queimadas, vamos chamar assim. Não é preciso seguir todas as etapas para atingir a etapa final, podemos saltar etapas. Hoje um país não necessita de seguir essas etapas todas. E

isso foi o que aconteceu com a China, a China dá um salto tecnológico sem passar pelo avançar maior no seu setor industrial, passa diretamente para a inteligência artificial, para a nanotecnologia, para outros setores da quarta revolução industrial. Isto é para lhe dizer que é também hoje um visível isso no mundo com a questão dos microchips e tudo mais. Agora, RI por enquanto, so far, para além dessa visibilidade que a China não queria, primeiro por a associarem ao vírus e em segundo lugar porque o mundo ficou a conhecer que depende da China e a China não queria que isso se soubesse. Para além disso, desse primeiro impacto, desse choque eu julgo que as RI da China a sua agenda, não sofreu um impacto muito grande suscetível de alterar o seu quadro estratégico. Obviamente durante a presidência de Donald Trump assistimos a um agudizar das relações entre dois países que não era visto há muito tempo. E com Joe Biden, também tem aqui um problema por resolver porque é provável que queira dar uma ideia, posição muscular em relação à China, mas o EUA tem de ter cuidado porque não podem ter uma posição muscular com a Rússia e com a China ao mesmo tempo, vão ter de escolher prioridades. Quem é que vai ser o principal adversário diplomático e político nos próximos tempos. Ter os dois em simultâneo é tarefa muito pesada para Joe Biden. E por isso o mundo claro está muito centrado na posição da China e na sua hegemonia regional e por isso é que foi criado o conceito de indo pacífico, nos tempos antes do covid, é claro. Foi criado por Donald Trump e há ali o aparecimento regional de uma aliança que envolve a Austrália, o Japão, Coreia do Sul e Índia para conter a expansão hegemónica da China, contudo quer em termos da relação da China com a UE para além daquela questão do Tibete e da Região do Uigur à volta da violação dos direitos humanos, o que acaba sempre por predominar. E posso-lhe dizer que nos anos 2000, em 2005, já existam na China 400 milhões de chineses com padrões de consumo próximo dos padrões de consumo da união europeia. Agora veja o que é que representa em termos de mercado. Dois setores cresceram na China – importação, a tal atratividade de mercado chinês. Cosméticos para as senhoras e produtos para criança. Um sinal de capacidade de rendimento. A China continua a crescer, a população, o seu nível de rendimentos, os seus hábitos de consumo modificaram-se, o mercado interno assenta maioritariamente na economia, mas parte da economia continua a depender do mercado externo e estou a falar em termos de retalho. Agora se falarmos na alta tecnologia, por exemplo no campo da aviação a China continua, já é fabricante de aviões, mas atenção a Air bus e a boeing vivem do mercado chinês e das companhias aéreas chinesas. Bem o que que isso quer dizer? Quer dizer que o mundo vai reclamando sobre determinadas posições da China, mas tem que conviver com esta China que nós hoje temos no século XXI. Por isso é evidente que há políticas de *containment* da hegemonia chinesa na asia, na tentativa de conter a hegemonia chinesa na asia protagonizada

sobretudo pelo Japão e a Austrália. O Japão por razões óbvias tem receio das represálias da China porque houve uma inversão as posições. A China foi humilhada várias vezes pelo Japão e isso está na memória dos chineses e os japoneses sabem disso, por isso a grande ameaça na região é a China, mas ao mesmo tempo a China é o fator de sustentabilidade do crescimento económico dessa região. Há aqui um balance que enquanto se mantiver o status quo também se vai manter. No resto do mundo, em África continuam a ter uma política económica, de certa forma subverteram de certa forma a economia de certos países tornando-os dependentes face a dívida que tem com a China. Na América Latina continua a ter também grande apoio. Aí em África também por razões ideológicas também porque não nos podemos esquecer que a África é formada essencialmente esmagadoramente por estados independentes que contaram na guerra de libertação, com o apoio da União Soviética, mas também com a China. E a China procurou e tem conseguido substituir a união soviética quando ela terminou junto dos regimes africanos. Como e ainda sempre com o discurso de sul-sul, o líder do sul. O mesmo se passa com muitos estados na América Latina que não se revêm no consenso de Washington e que procuram o Beijing consens. E dessa dialética não sabemos o que irá acontecer, eu não acredito num confronto direto entre a China e os EUA. Nem com a China, nem com os EUA nem com nenhum outro poder. Os EUA e os seus aliados ao longo da história no século XX nos confrontos que houve no âmbito da guerra fria, foram confrontos de proxy war, guerras por procuração ou aquilo como Mackinder, o homem do realismo ofensivo. Falamos na teoria do backpacking. Que é eu não entro em confronto diretamente com o meu adversário ponho outros ao barulho. Ora os EUA têm aliados para fazer isso, a China não tem aliados para fazer o trabalho por si. Não tem, por isso o confronto com a China é muito complicado porque teria sempre de ser um confronto direto e eles não estão em condições porque não têm ninguém que possam atirar para a frente. Ninguém se vai por ao serviço da China num confronto com outros que sejam representantes dos EUA e por isso qual é o discurso da China no séc. XXI “coming and interest, coming to find out common interest”.

**VF: Quais considera serem os principais instrumentos e estratégias utilizados pela China para se promover internacionalmente?**

**HR:** A economia, a variável económica. O *Belt and Road* como sabe tem esse objetivo é por isso que os EUA avançaram com a criação do aposto ao *Belt and Road*, que é o dos países democráticos, a promoção dos países democráticos através da economia e da tecnologia. O

grupo dos países democráticos mais avançados vão promover isso ao resto do mundo numa resposta ao *Belt and Road*. A variável cultural, por muito esforço que a China faça através dos institutos Confúcio, do *soft power*, a China tem muita dificuldade. A cultura chinesa é muito estimulante, mas cultura chinesa dada a sua natureza exclusivista acaba por se transformar muitas vezes num exotismo e dessa forma ela tem muita dificuldade em garantir uma influência global. Não é um ator com capacidade para influenciar mundialmente em termos da geocultural. A arma da China não é a geocultural é geopolítica e a geoeconomia. E o *Belt and Road* é a expressão disso.

### **VF: De que forma a China protege o interesse nacional?**

**HR:** O que é o interesse nacional? Os estados com interesses globais, e não só com interesses é preciso ter capacidade. Quando falamos no interesse nacional de um estado isso tem duas componentes, a componente interna e componente externa. A componente interna é a garantia da soberania, inviabilidade das suas fronteiras, bem-estar e o desenvolvimento da sua sociedade dentro de um determinado modelo político e ideológico. Mas depois há os interesses da *grand strategy* que é a conjugação dos interesses nacionais com os interesses internacionais. Ora durante milhares de anos, fomos olhando para a China como só tendo interesses internos, ou seja, os seus interesses nacionais eram os seus interesses internos. E porquê? Porque a China era um país fechado e como era fechado a hierarquia dos seus interesses era a hierarquia próxima. Por exemplo, o desenvolvimento da estrutura militar da China e o investimento, e ainda hoje, de certa forma é muito virado para as guerras de curta duração, conflitos de pequena duração, conflitos de média-baixa intensidade, que são aqueles que ocorrem nas suas fronteiras. Entendendo eles Taiwan como dentro das suas fronteiras. E nessa medida os interesses nacionais são a salvaguarda das suas fronteiras, da sua segurança nacional, preservar a maioria e as minorias naquilo enfim, muito peculiar. Neste momento aquilo que eles afirmam é que os interesses nacionais da China são uma forma de garantir o desenvolvimento e a modernização do país. E de facto essa é a verdade. Para depois alavancarem e se projetarem externamente. Os interesses nacionais da China têm tido novas evoluções porque com a passagem de um poder de natureza continental terrestre a uma natureza anfíbia, isto é, incluindo agora um forte investimento na componente naval. Isto significa que os interesses nacionais da China passaram também agora a ter uma componente externa, regional e trans regional. Quando a China manda os seus barcos de guerra ao Jibuti, no corno de África, esta a dizer para defender os navios

comerciais chineses, está a fazer pela primeira vez e está a dizer que os interesses nacionais da China são, ocorrem onde houver chineses, onde houver algo que diga interesse à China. Por isso os interesses nacionais da China hoje são interesses primeiro lugar de natureza interna, garantir que mantêm a sua soberania, mas também já tem uma projeção daquilo que na geopolítica é a profundidade estratégica. O interesse nacional da China tem hoje uma profundidade estratégica que antes não tinham, isto é, passou a ter uma componente externa. E isso para mim é que é inovador. Mas o grande interesse é garantir a estabilidade interna, garantir o crescimento e desenvolvimento da sociedade para depois a partir daí alavancar a sua posição regional, trans regional e depois global.

### **3. Entrevista julho 2021**

**Jorge Santos Alves, Professor Auxiliar na Universidade Católica Portuguesa de Lisboa e Coordenador do Instituto de Estudos Asiáticos.**

**VF: Qual é a sua opinião sobre a imagem da China no plano internacional?**

**JSA:** Hoje em dia, na atualidade, as imagens que os países passam são sempre ambivalentes. Na verdade, há a imagem que os países querem passar e a imagem que os recetores dessa imagem recebem. Isso depende muito, embora eu ache que neste momento que a China está a fazer uma enorme campanha que muitas vezes não é visível aos nossos olhos, pelo menos com iniciativas declaradamente concretas por parte das autoridades chinesas. Mas há evidentemente uma ampla campanha de promoção da cultura, das artes da língua, da comida, do cinema. Da própria cultura chinesa no seu todo, que é muito forte. Acho que os principais elementos são a cultura e a língua. A China está a investir muito na aprendizagem da língua chinesa. Nós já sabemos que hoje o chinês é a língua que tem mais novos “aprendendos” em todo o mundo e, portanto, superou o inglês, o francês, o português, o alemão. Superou isso tudo. E, portanto, na verdade, essa política de propaganda/ divulgação cultural e linguística chinesa da sua própria imagem é hoje muito forte e sobretudo é uma campanha é feita muitas vezes com duas vias. Por um lado, com a diplomacia cultural ela própria defendida pelo Estado Chinês, evidentemente centralidade, muito bem planeada até recorrendo a plataformas digitais e portanto a China é hoje como toda a gente sabe, talvez o país mais digitalizado do mundo. No ocidente nós não temos essa verdadeira noção, mas quem vai à China que trabalha com chineses, percebe que estamos muito atrás da China nessa matéria. E aqui quando falo do ocidente falo da Europa e dos EUA evidentemente. E por outro lado há também um conjunto

de organizações e pessoas, que de uma certa maneira, localmente, em cada um dos países que a China desenvolve esta política de diplomacia cultural também fazer vapor, no sentido de empurrar essa diplomacia cultural chinesa. E portanto há por toda a Europa, África, EUA, América Latina e muitos países ásia, dois grandes grupos: por um lado as pessoas que são digamos muito próximas da cultura chinesa, porque a estudam, porque a trabalham, porque a ensinam ou simplesmente porque são fascinados por ela, não tem nenhum conhecimento académico mas são fascinados por ela, e portanto muitas vezes também aí há um lado de sedução por parte das autoridades chinesas em relação a esses grupos, digamos que fazem uma espécie de *lobby* cultural da China e depois há uma comunidade que nós não nos podemos esquecer e que hoje é planetária que é os chineses ultramarinos, que são comunidades que assumem claramente pertença à China, em termos culturais, de nacionalidade, linguísticos, etc. E que assumem com certo orgulho a condição de ser chinês. E isso é que eu acho que a China está a potenciar muito bem. E é uma diferença que nós não nos apercebemos todos os dias, mas que na prática funciona muito.

#### **VF: Qual o impacto da COVID-19 na estratégia de diplomacia da China?**

**JSA:** Isso é hoje o maior desafio que a China enfrenta nesta sua nova diplomacia cultural. É justamente o facto de haver muita gente em vários países do mundo que acham que não estamos a falar do covid nem da pandemia, estamos a falar da *chinese pandemic* e do *chinise virus*. Há alguns setores da população, não necessariamente as elites nem as pessoas mais informadas que associam a pandemia e o vírus à origem chinesa. Pouco importa na verdade, porque não há um nível de literacia que possa ir muito longe na explicação, ou a questão da OMS apurar se foi uma fuga de laboratório ou se foi um acaso da natureza. A verdade é que a China estava num momento de ascensão do seu *smart power* e da sua afirmação internacional e de repente há aqui qualquer coisa que encrava um pouco a engrenagem e a ofensiva da sua diplomacia cultural, porque justamente algumas fatias da população, que além de já terem de lidar com a questão dos produtos chineses, com o desequilíbrio das balanças da transação das economias e a economia chinesa agora tiveram de lidar e sofrer, muitas delas com uma doença que alguns média, alguns grupos dentro dos seus próprios países dizem que o responsável pela disseminação desse vírus é justamente o país China. E isso é evidentemente algo que a China vai ter de lidar nos próximos anos, desde já e vale a pena dizer, porque é verdade. Em algumas sociedades, pelo menos na literacia levou ao ressuscitar de alguns fantasmas em relação à

China. E, portanto, todas aquelas que nós ouvimos falar, a ameaça vermelha, a ameaça amarela. Que de vez em quando no século XIX, início século XX e depois tivemos até aos anos 70 do século passado. Até um certo controlo das tensões entre os EUA, o ocidente em geral, e a China. Na verdade, esta ideia de resistência em relação à ameaça chinesa, etc. Tinha-se atenuado depois disso e agora houve alguns fantasmas que saíram do armário. Até que ponto é que estes fantasmas vão ser guardados no armário novamente nós ainda não sabemos. Mas a China já começou a fazer uma coisa muito inteligente, mas também aí com alguns resultados duvidosos. Foi começar a oferecer ou a dispensar vacinas chinesas a preço de amigo ou gratuitas, ou oferecer material. Lembre-se que no princípio da pandemia em Portugal houve uma série de ventiladores que vieram da China e depois alguns não funcionavam bem ou não estavam de acordo com as normas. Na verdade, depois esse grande desenho da diplomacia cultural e neste caso de saúde da *health diplomacy* chinesa nem sempre tem os resultados que as autoridades chinesas pretendiam. Por várias razões, mas o que é muito interessante de ver é as autoridades chinesas sobretudo com Xi Jinping é a ideia de que a China reage imediatamente. E, portanto, a ideia de que há uma reação imediata. Tínhamos sempre aquela ideia de que a máquina burocrática chinesa era muito lenta, muito pesada e ora isso não é verdade. E eu acho que quando a China conseguir deixar de ser reativa na sua política externa e passar a ser pró-ativa como já foi algumas vezes, como no *Belt and Road Initiative*. Na verdade, aí vai ser verdadeiramente um problema com o qual grandes blocos como EUA, UE, NATO, Rússia, Austrália, etc vão ter de lidar com uma forma nova. E mais do que a questão de contenção da China é mais uma questão de compreender e antecipar quais vão ser os próximos passos que a China vai dar, ou relativamente, ou digamos preventivamente.

**VF: Considera que a pandemia melhorou as relações diplomáticas entre a China e os restantes países do globo? Considera a imagem da China melhorou com a sua posição durante a pandemia?**

**JSA:** É cedo para avaliarmos ainda. Num primeiro momento parecia que tinha prejudicado seriamente. Num segundo momento ficavam algumas dúvidas, mas com toda a franqueza há outro aspeto que ficou por responder. Há outro aspeto que deve ser ponderado. É quando alguns setores da sociedade em Africa ou na América, ou até mesmo na Europa, etc olharam para a rápida curva de recuperação económica da China nos pós pandemia. E depois perceberam que a China recupera rapidamente e nós(ocidente) apenas crescemos 1% ou 2% na

pior das hipóteses a não crescer nada. A China está a recuperar a níveis de 6 e 7%, quase pré-pandémicos. E, portanto, isto é mais um obstáculo e acho que da parte da China houve uma tentativa de “almofadar” o entusiasmo na divulgação desses números. Para não suscitar um olhar demasiado estranho por parte de alguns países. Em relação à avaliação julgo que teremos de esperar talvez um ano ou dois para poder fazer essa avaliação. É claro que a tendência é sempre prejudicou ou não prejudicou, mas é cedo para fazer essa avaliação e acho sobretudo que seria muito interessante. Eu ficaria muito curioso de ver como é que a China faz essas avaliações. E aí é que acho que é claramente interessante procurar ver como essa avaliação é feita pelo lado chinês. Se observamos o último discurso do presidente chinês houve muita gente a dizer que a parte final foi, mas agressiva, mais belicista. De *hard line*, de linha dura. Mas eu acho que é sempre tudo muito precipitado fazer esse género de análise. E nós esquecemos-mos que esse discurso na maior parte das vezes é um discurso feito para o plano interno. A China fala muito para dentro, o líder chinês tem de falar muito para dentro. A China é um país imenso, economicamente, demograficamente, territorialmente, socialmente, digitalmente. É um país imenso e, portanto, uma boa parte das coisas que os seus líderes dizem, nomeadamente o presidente Xi Jinping. Mas também os líderes nacionais e provinciais é muito para dentro. Mas nos no ocidente que vivemos no centro do mundo achamos sempre que é para fora, achamos sempre que é para nós. Mas na verdade não é. E, portanto, isto significa que quando eu falo para dentro da China continente estou a falar para os milhões de chineses ultramarinos que estão espalhados por todo mundo. Mas também para as centenas ou milhares de empresas estrangeiras que estão a operar em par com a China ou sozinhas no mercado chinês e portanto eu aí acho que temos de ser um pouco menos egocêntricos e julgo que para já a grande preocupação das autoridades chineses é resolver a questão interna e aqui vale a pena dizer que temos de considerar Hong Kong, Macau e Taiwan e depois os chineses ultramarinos, as entidades, pessoas, empresas estrangeiras que estão a investir na China e só depois disso para fora. Eu esperaria por mais 50 ou 60% de vacinação à escala mundial para falar a verdade. Nós temos de trabalhar com prazos um pouco mais longos e, portanto, eu como historiador gosto sempre de deixar passar mais um bocadinho de tempo para poder avaliar verdadeiramente qual é o impacto diplomático no relacionamento externo da questão da pandemia em termos do relacionamento da China com o exterior. E o exterior com a China e volto a dizer que fico muito mais curioso em perceber qual é o balanço que a China faz disso.

**VF: Quais são os principais instrumentos e estratégias utilizados pela China se promover internacionalmente?**

**JSA:** A China olha com muita curiosidade para o vizinho, a Coreia do Sul, porque ao princípio não conseguiu perceber muito bem como é que um país como a Coreia do Sul que aparentemente não tinha nenhum *nation branding*, nenhum elemento de *soft power* que pudesse usar culturalmente com efeito estrondoso para as massas. Até aqui em Portugal metade dos meus alunos de mestrado de estudos asiáticos querem estudar a coreia do sul. E é por causa de que sobretudo? Por causa do *Kpop*. Os BTS, etc foram um fenómeno explosivo à escala mundial. E claro que isto depois veio com as telenovelas, com o cinema. E isto funcionou melhor do lado coreano que do lado japonês. Todos os sushis, mangai e anime funcionaram muito bem para o japonês. Mas este para a coreia funcionou maravilhosamente. E no fundo a China ficou um pouco... “e nós o que é temos para oferecer que seja um produto cultural com impacto e que nos projete culturalmente pelo menos na mesma escala e que fez muito sucesso, junto de dois grupos. E esses grupos tem duas coisas, que é um grupo jovem, junto da juventude porque evidentemente para quem faz diplomacia cultural não lhes interessa as pessoas acima dos 50 anos. O que interessa no fundo são os *milleniuns* ou então até aos 40. Esse é o público que interessa. Por duas razões: Porque vai estar a consumir esse produto por muito mais tempo, vai ver mais e quando chegar a idade madura provavelmente vai continuar a conseguir uma parte desses produtos e depois tem poder de compra no ocidente, na Ásia e nos EUA. As pessoas que tem hoje 15-45 anos tem facto poder de comprar, a tal classe média. Em resumo, na verdade a China apontou para esse público. Nós nosso mestrado, desculpe a publicidade temos um seminário sobre consumidores e mercados asiáticos que é exatamente as pessoas no final do dia tem de criar um projeto de negócio para o mercado asiático. E como você imagina toda a gente aponta para os *milleniuns* que esse é que é o público que interessa. Mas na verdade a China depois dessa surpresa inicial o que é que a China fez e muito bem, como faz sempre. Os líderes chineses estudam os casos, e, portanto, estudaram muito bem o caso japonês, o caso coreano (o kdrama, o *kpop*, sobretudo). E o que fizeram foi fazer uma aposta, que eu acho inteligente, primeiro perceber que a língua chinesa é claramente uma aposta a desenvolver e, portanto, basta observar a política de expansão brutal do instituto Confúcio no mundo todo, creio que já ultrapassaram os mil no mundo. E até 2025 querem atingir 1500. Se pensar que o *King Sejong Institute* da Coreia tem 200 e tal e que a *Japan Foundation* tem para o japonês 400 ou 500 e já nem falo da Aliance Francesa, *British Council* ou do Instituto Camões, ou do Cervantes. Por um lado, a língua que é muito forte e a aposta aí foi ganha pela China. Ao ponto de nós nos

questionarmos se o dia de amanhã o chinês não vai substituir o inglês como a língua de comunicação no mundo. Pelo menos o chinês falado já que o escrito é muito complexo. A segunda coisa, aquilo que a China fez foi apostar fortemente em alguns mercados em particular através da língua em outros produtos culturais muito influentes. Por um lado, a música e os telediscos. E aí as redes sociais e MTV's tem sido fantástica. E se reparar que até aos anos 90 usados pelos ídolos pop chineses era o cantonense e hoje é o mandarim. Não é por acaso. E o outro veículo de sucesso China é o cinema. Que hoje começa a entrar em mercados, sobretudo na Ásia e na América, onde claramente antes não penetrava. E vale a pena dizer que mesmo no que era grande centro produtor em língua chinesa que era Hong Kong usando o cantonense agora é o mandarim. Este *pandan* entre a língua e produtos culturais como a música pop e o cinema, as plataformas digitais. São as grandes bandeiras culturais da China com um sucesso brutal. E a comida (*bowls*) claro. As comidas já estão tão enraizadas como um produto cultural na casa dos 15- anos 35/anos. Língua, cinema. Hoje temos também a questão da tecnologia, quando é o primeiro país a acenar com o 5G e já se fala no 6G.

**VF: Como se traduz/materializa o *soft power/sharp power* nos instrumentos mencionados?**

**JSA:** Vamos aqui usar *smart power*. Eu acho que a China tem uma coisa que acho muito inteligente e mais uma vez na base na aprendizagem. A China faz uma base aprendizagem antes de tomar uma medida, interna ou externa. E em relação à política externa é importante que nós não nos esqueçamos que a China teve dentro do seu território continental 4 laboratórios até aos anos 80 do séc. XX para testar como era o relacionamento económico, etc com os estrangeiros. E estou a falar do mais antigo laboratório de relações com os estrangeiros que foi Macau, os imperadores, líderes chineses, presidentes, republicanos depois. E do PCC depois de 49. Claramente estudaram a lição em relação ao relacionamento, económico, diplomático, político, cultural com o estrangeiro. Depois de 1842, Hong Kong com os ingleses. Um outro tipo de estrangeiros e depois criaram mais dois laboratórios, um junto a Macau e Hong Kong.

E já nos tempos remotos séc. VIII, criaram outro em Cantão embora muito rudimentar, onde na verdade havia mercados estrangeiros e comunidades muito importantes do ponto de vista comercial. A China tem um conhecimento acumulado e vai fazer no futuro, já o está a fazer agora. A utilizar de uma forma muito inteligente nesses laboratórios ou noutros, para conseguir de uma forma eficaz e subtil nestes seus elementos de *soft power*, diplomacia cultural,

etc. que no fundo vão demonstrando que é possível a China atingir um patamar de afirmação e de papel cultural no mundo que verdadeiramente era impensável à 30, 40 ou 50 anos atrás. Não estranharia se daqui por uma, duas ou três gerações os ídolos pop no ocidente, talvez em africa e américa fossem chineses, asiáticos no geral. O investimento da China em termos desportivos é fantástico, veja há muitas modalidades onde antes não se via um atleta chinês, equipas ou individual e hoje eles estão em todo lado e já com boas colocações nos jogos olímpicos. E isso os chineses fizeram bem. Nos anos 90 criaram os chamados *East Asian Games* cuja primeira edição foi em Macau. E que na verdade foram a escola de treino para formar atletas, onde a China e o Japão dominavam. Depois dos jogos olímpicos e do mundial do futebol foram o evento desportivo com maior número de espectadores televisivos. O que significa, recrutamento e angariação de publicidade.

#### **VF: De que forma a China protege o interesse nacional?**

**JSA:** O interesse nacional é sagrado para a China, as suas fronteiras. A grande muralha é uma evidencia. A proteção do espaço cultural, político e territorial chinês em relação ao mundo bárbaro que vinha da asia central, etc. E depois há todo um conjunto de medidas que hoje passam sobretudo por meios digitais. Hoje o interesse nacional que chamaríamos a política de controlo da sociedade que foi sempre precisa para todos os imperadores de todas as dinastias, presidentes de todos os regimes chineses é a primeira preocupação: controlar o que cada um dos cidadãos faz e pensa na China. Isso é fundamental e quase obsessivo. A China foi o primeiro país que por volta do século VIII que fez os primeiros censos à população. E, portanto, há a ideia de saber, quantos somos, onde estamos e idealmente o que pensamos e fazemos. E esse sistema de informação interna foi sempre aperfeiçoado ao longo do tempo e hoje tem o telemóvel como ferramenta. Cada cidadão tem um e hoje a questão da garantia das fronteiras é uma questão militar. Bem como, o garante da unidade interna, da pacificação, da tranquilidade e estabilidade interna da ordem social tem que ver com os meios digitais. E aí nós no ocidente nem imaginámos o grau de aperfeiçoamento que a China atingiu nesse ponto.

Além disso a China faz uma política de assimilação cultural, toda a essência da matriz política autoritária se manteve. Porque a China absorveu sempre os seus conquistadores. Se algumas populações, como no Tibete, se há uma religião diferente, língua, etc a China faz aí uma correção e uma assimilação cultural deslocando populações. Se as coisas não resultam como já aconteceu em alguns momentos da história, recorrem ao instrumento que mais detestam

usar porque tem uma profunda desconfiança que são os militares. Qualquer bom democrata chinês tem um profundo desprezo pelos militares e só os usa em casos extremos, quando são precisos.

**VF: Estará a China capaz de liderar e assumir-se como a grande potência mundial, quererá esta assumir essa posição?**

**JSA:** A China quer assumir essa posição e porque já foi a primeira potência a nível mundial. A China da dinastia Ming e de alguns momentos da dinastia Xing. De grosso modo final do séc. XIV. Foi a maior potência mundial. O maior mercado mundial. E, portanto, quer voltar a ser. E não tenho dúvidas que vai sê-lo. E tudo aquilo que falamos aqui, a língua, o comércio, o *smart power*, a gastronomia, a música, o desporto, o poder financeiro claro, os turistas, os chineses ultramarinos, tudo isso contribui para que a China o seja. Aliás, já se fala que neste momento há duas super potências, os EUA e a China. Mas acho que no futuro haverá uma hiper potência e é evidentemente a China. E aqui a China foi reativa não foi proativa, e deveria ter aprendido com o Japão e com a Coreia. Que é a inversão da pirâmide demográfica. A China esteve demasiado tempo presa à política do filho único. E agora autorizou dois e já se fala em algumas regiões autorizar 3 que era algo impensável há uns anos atrás. O que significa que a China está a preparar-se para ver o que lá vem e evidentemente há o lado do peso demográfico e isso influencia a ordem mundial onde o peso demográfico conta muito. E a China estava a perder essa corrida, onde ao lado teu a Índia que não sabe gerir bem isso. A China faz sempre o recuo histórico e tem todas as condições para o voltar a ser. Xi Jinping quer afirmar isso.

#### 4. Entrevista setembro 2022

**Nuno Canas Mendes, Professor associado Universidade de Lisboa e Presidente do Instituto do Oriente**

**VF: Qual é a sua opinião sobre a imagem da China no plano internacional?**

**NCM:** Creio que a China tem um problema recorrente de imagem que gera ambivalência, entre a admiração pelo seu crescimento e capacidades e o receio de uma postura mais assertiva, ainda que a assertividade, que é real, tem muito de insinuação, mas também de dissuasão. A China rival dos EUA, a China não-alinhada (e ambígua na relação com a Rússia), a China que oferece modelos alternativos, a China que tudo controla internamente, a China que realiza e se supera a todo o momento, a China totalitária e eficiente, a China incógnita - são imagens muito fortes, algumas pouco positivas, a que um grande desconhecimento da mentalidade e da cultura em nada ajudam.

**VF: Qual o impacto da COVID-19 na estratégia de diplomacia chinesa?**

**NCM:** A China foi rápida, solícita, estendeu a sua influência global e muito a regional - sobretudo em partes do Sudeste Asiático. Bem-sucedida na “diplomacia da máscara” e muito menos na ‘diplomacia da vacina’, onde não conseguiu competir com os EUA ou a União Europeia. Adicionalmente, a política interna da ‘Covid 0’ tem suscitado vários problemas. A China procurou ganhar terreno na *Global Health Governance*, influenciar as organizações existentes - nomeadamente a Organização Mundial da Saúde - e sublinhou, inclusivamente, as potencialidades da *Health Silk Road* no contexto da *Belt and Road*. Não parece, no entanto, que os seus objetivos diplomáticos tenham sido totalmente bem-sucedidos ou pelo menos uniformemente desde o início da pandemia. Nos primeiros meses e depois da Organização Mundial da Saúde ter declarado a Covid uma pandemia, em março de 2020, a China ganhou tração e ocupou um espaço que a lentidão/negação da UE e dos EUA deixou em aberto. No entanto, o esforço global - e sobretudo a reação dos que tardaram - limitaram a liderança chinesa no combate à pandemia.

**VF: Considera a imagem da China melhorou com a sua posição durante a pandemia?**

**NCM:** Como referi anteriormente, o lançamento da diplomacia da vacina e depois da máscara contribuíram, em parte por omissão de outros atores retardatários, para melhorar a sua imagem internacional (e nem as tentativas acusatórias de Donald Trump ao falar do vírus chinês foram consideradas como elemento de penalização da imagem da China). Adicionalmente a China usou a ocasião para, ainda que de forma cooperativa, expor a debilidade do ‘Ocidente’ e das instituições internacionais - a Organização Mundial da Saúde -, ao mesmo tempo que procurou abrir caminho no ‘Sul Global’ e na necessidade de se concertarem estratégias que pudessem sublinhar a importância de um acesso mais igualitário às vacinas e à saúde como bem público global.

**VF: Quais considera serem os principais instrumentos e estratégias utilizados pela China para se promover internacionalmente?**

**NCM:** A China usa de um conjunto de instrumentos de natureza diversa – económicos, desde logo, mas comerciais, industriais, tecnológicos, militares – mas alicerçados numa doutrina estratégica que o Presidente Xi tem procurado robustecer – ao falar, por exemplo, da comunidade de destino comum. Quando faz o reconhecimento de problemas internos que afetaram o seu crescimento – por exemplo, a política do filho único ou o problema ambiental, para dar apenas dois exemplos – a China está a dar um sinal ao mundo de que tem uma capacidade de autocrítica e de regeneração, ainda que os métodos sejam discutíveis. Esta reinvenção e sentido de realismo, que põe a China no centro, é indissociável dos dogmas do regime, mas não é possível esquecer também a incrível margem de realização das comunidades chinesas emigradas que estendem a influência que a China tem internacionalmente e que são um ativo estratégico primordial.

**VF: Como se traduz /materializa o *soft power* nestes instrumentos e estratégias?**

**NCM:** Em vários projetos, de amplitude verdadeiramente global – a *Belt and Road Initiative* desdobra-se em rotas da sede específicas. Por exemplo a da saúde, em que a China quis limpar a sua imagem (o “vírus chinês” de Yuhan), acorrer a um Ocidente desorientado,

socorrer o Sul, cooperar, fornecer um bem público global, deixar que a OMS revelasse as suas fragilidades (cooperando, sem revisionismo, no limite demonstrando que as contradições internas do Ocidente o acabam por minar e oferecendo uma alternativa não a alternativa). O Confúcio é outro instrumento importante, ainda que também com um déficit de imagem, pela ideia de que fornece uma visão muito cristalizada e oficial. A sombra dos *wolf warriors* e do *Sharp power* é avassaladora. Outro programa interessante é o MIC 2025, que expõe uma China apostada numa vanguarda tecnológica que é um passo de gigante em relação à ideia mais limitada de ser a ‘fábrica do mundo’. Não que deixe de ser, mas em pressupostos que a posicionam para poder ser um ‘primus inter-pares’. Interessante a presença da China no digital e nas redes sociais, o uso do *Twitter* ou a influência crescente do *TikTok*.

**VF: Quais considera serem os riscos e benefícios destes instrumentos e estratégias?**

**NCM:** Os riscos e as oportunidades estão enumerados – em boa verdade, com a guerra na Ucrânia – a discussão sobre a ordem mundial está outra vez ao rubro, a capacidade da China de jogar em vários tabuleiros, de uma tentativa pragmática de equidistância, da promoção das afinidades sul-sul, como aliás mostrou o sentido da votação na Organização das Nações Unidas depois da invasão. Certo é que a interdependência não dispensa a necessidade de uma economia chinesa a crescer, com vantagem para a própria, mas também para os seus parceiros mesmo que competidores. Tenho, portanto, alguma dificuldade em distinguir de forma muito nítida onde começam os riscos e acabam os benefícios e vice-versa. Mas, claro, Taiwan e a reunificação são um cenário que, por não se poder descartar nunca, é um barómetro importantíssimo. Se a China não assume totalmente um revisionismo, a ideia de recuperar Taiwan e do peso de retaliação que representa, de uma tensão à escala mundial que é perigosíssima.

**VF: De que forma a China protege o interesse nacional?**

**NCM:** Ao atuar de uma forma inteiramente global (uma ‘comunidade de destino comum’), integrada, assertiva, sistemática, com uma estratégia de longo prazo, a China protege de forma muito eficaz o seu interesse nacional. Não sei se entendo bem o alcance da sua pergunta, se ao perguntar de que forma se refere aos instrumentos, se para caracterizar/qualificar.

**VF: Estará a China capaz de liderar e assumir-se como a grande potência mundial, quererá esta assumir essa posição?**

**NCM:** Por ‘a’ grande potência, quer dizer hegemónica? A China quer ser uma das grandes, mas ainda lhe faltam alguns atributos económicos, tecnológicos, militares. Tem fragilidades identificadas que podem comprometer o seu crescimento, desde logo a própria estabilidade do regime, que é uma peça-chave para se entender todo o sistema. Não creio que as narrativas ou a tradição histórica lhe queiram dar um estatuto de protagonista.

## **5. Entrevista abril 2023**

**Sabrina Sotiriu, Especialista em Assuntos Governamentais e Regulatórios, e Diplomacia digital**

**VF: Qual é a sua opinião sobre a imagem da China no plano internacional?**

**SS:** Agressivo, inflexível, *hard power*, poder industrial, controlador.

**VF: Qual o impacto da COVID-19 na estratégia de diplomacia chinesa?**

**SS:** Talvez tenha estagnado sua estratégia diplomática, mas acho que agora está de volta aos níveis pré-covid de agressividade e medo (especialmente: Taiwan).

**VF: Considera que a pandemia melhorou as relações diplomáticas entre a China e os restantes países do globo? Considera a imagem da China melhorou com a sua posição durante a pandemia?**

**SS:** Não, a pandemia não melhorou as relações diplomáticas, e não, a imagem da China não melhorou com a sua posição durante a pandemia (nem acho que se preocupem com a sua imagem internacionalmente enquanto o resto do mundo ainda depender deles para fins de fabrico e exportação). Na América do Norte, especialmente, a relação tensa entre o Canadá (mantendo os dois *Michaels* reféns, questões de interferência eleitoral, os postos avançados da polícia estrangeira chinesa, etc) só piorou nos últimos 4 anos.

**VF: Quais considera serem os principais instrumentos e estratégias utilizados pela China para se promover internacionalmente?**

**SS:** Participação em organizações multilaterais/regionais/internacionais onde a sua forte retórica pode ser amplificada (sejam BRICs, Associação de Nações do Sudeste Asiático, Organização para Cooperação de Xangai e outros).

**VF: Como se traduz /materializa o *soft power* nestes instrumentos e estratégias?**

**SS:** Não acho que a China tenha sido campeã do *soft power* da forma como Joe Nye o descreveu pela primeira vez. Seu uso do *soft power* não espelhou o dos campeões "tradicionais"/ocidentais do *soft power* (mesmo incluindo países como Israel ou Cazaquistão, onde se trata de marca nacional). Acho que o governo chinês vê o *soft power* como um "é bom ter", enquanto o *hard power* é o must-have para eles, e globalmente. O *sharp power* é algo em que eles têm sido bons, mas não é visto como primário, mais talvez secundário, com *soft power* terciário.

**VF: Quais considera serem os riscos e benefícios destes instrumentos e estratégias?**

**SS:** O benefício do *soft power* em geral é que ele permeia a consciência social muito mais rápido e indiscriminadamente do que o *hard power*. Através da democratização das redes sociais, a informação e o conhecimento são disseminados a velocidades incrivelmente rápidas, sem a capacidade de controlar a narrativa (sim, este é um aspeto do *soft power*, mas é indiscutivelmente o mais rápido/maior). Para aqueles que exigem / esperam controle, Estados autoritários é o sonho, porque nas democracias, isso é inalcançável (parafrazeando um executivo do Google que uma vez afirmou que o século XXI é um momento terrível para ser uma aberração de controle). O risco do *soft power* é o do *slacktivism*, a força dos seus poderes de persuasão é muito vazia e vaga.

**VF: De que forma a China protege o interesse nacional?**

**SS:** Através de uma retórica agressiva; aumento da orçamentação dos recursos militares; maior atenção aos conhecimentos industriais e aos segredos para o avanço tecnológico.

**VF: Estará a China capaz de liderar e assumir-se como a grande potência mundial, querera esta assumir essa posição?**

**SS:** Liderar o mundo? Provavelmente. É uma grande potência mundial, de várias delas? Sim! Quer assumir essa posição? Tenho certeza de que eles acham que já estão nessa posição (pelas razões mencionadas na resposta anterior).